

Exercício 1

(S1 - ifpe 2020)

Disponível em: <<http://www.turmadoroma.com.br/assim-e-o-futebol/tempos-modernos-1/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

As tirinhas constituem um gênero textual multimodal, por terem seu sentido construído pela associação de mais de uma modalidade da linguagem. Na leitura da tirinha acima, ao associarmos o texto verbal com as ilustrações, percebemos que

- a conclusão à qual o personagem chega no terceiro quadrinho caracteriza um exagero no que diz respeito aos cuidados com a camisa e uma ironia quanto ao seu uso.
- a ilustração do cômodo no qual o personagem se encontra caracteriza uma informação irrelevante, visto que as informações verbais quanto aos cuidados com a roupa são suficientes para compreendermos o sentido da tira.
- a interpretação que o personagem dá à informação “não torcer” é equivocada já no segundo quadrinho, sendo dispensável a leitura do terceiro para compreendermos o sentido da tira.
- a expressão do personagem no segundo quadrinho sugere que a informação da etiqueta da camisa o surpreendeu de algum modo e que isso atende às expectativas do leitor quanto ao que será dito no último quadrinho.
- a polissemia de um termo provocou ambiguidade no texto, o que levou o personagem a uma interpretação equivocada sobre o que poderia ser feito com a camisa.

Exercício 2

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Uma noite real no Museu Nacional

Gira coroa da majestade
samba de verdade, identidade cultural
Imperatriz é o relicário
no bicentenário do Museu Nacional

Onde a musa inspira a poesia
a cultura irradia o cantar da Imperatriz
é um palácio, emoldura a beleza
abrigou a realeza, patrimônio é raiz
que germinou e floresceu lá na colina
a obra-prima viu o meu Brasil nascer
no anoitecer dizem que tudo ganha vida

paisagem colorida deslumbrante de viver

bailam meteoros e planetas
dinossauros, borboletas
brilham os cristais
o canto da cigarra em sinfonia
relembrou aqueles dias que não voltarão jamais

À luz dourada do amanhecer
as princesas deixam o jardim
os portões se abrem pro lazer
pipas ganham ares
encontros populares
decretam que a Quinta é pra você

Samba de enredo da escola de samba Imperatriz Leopoldinense
em 2018

Compositores: Jorge Arthur, Maninho do Ponto, Julinho Maestro,
Marcio Pessi, Piu das Casinhas

(G1 - cp2 2019) O título do texto, “Uma noite real no Museu Nacional”, apresenta uma série de recursos linguísticos e textuais frequentes em textos literários, como a rima, a intertextualidade e a ambiguidade.

Considerando os versos do texto, o termo do título que foi empregado com sentido ambíguo é

- “noite”.
- “real”.
- “Museu”.
- “Nacional”.

Exercício 3

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto e a charge de Alberto Montt para responder à questão.

Charles Baudelaire, poeta do século XIX, é autor do livro *As Flores do Mal*. Nele, seus poemas abordam temas que questionam as convenções morais da sociedade francesa, sendo, por isso, tachado como obsceno, como um insulto aos bons costumes da época. A partir dele, originaram-se na França os chamados “poetas malditos”.



<<https://tinyurl.com/ycuzcs6h>> Acesso em: 27.10.2018. Original colorido.

(G1 - cps 2019) O título da charge retoma o título da obra de Baudelaire, *As Flores do Mal*. O autor, para construir o humor em seu texto, utiliza-se de

- a) metalinguagem, na representação das flores, que recitam versos compostos pelo poeta ao próprio Baudelaire.
- b) saudosismo, nas falas das flores, pois elas representam costumes morais inerentes à sociedade francesa do século XIX.
- c) metáfora, na representação do poeta como flores que apenas dizem verdades, indiferentes às regras morais da sociedade.
- d) polissemia do substantivo “flores”, uma vez que podem se referir às próprias flores representadas na charge ou aos desejos moralmente rejeitados pelo poeta.
- e) ambiguidade na locução adjetiva “do mal”, pois, no título original, a locução representa a temática dos poemas, mas, na charge, representa o conteúdo dos conselhos das flores.

Exercício 4

(Ufu 2018) Há uma pequena árvore na porta de um bar, todos passam e dão uma beliscada na desprotegida árvore. Alguns arrancam folhas, alguns só puxam e outros, às vezes, até arrancam um galho. O homem que vive na periferia é igual a essa pequena árvore, todos passam por ele e arrancam-lhe algo de valor. A pequena árvore é protegida pelo dono do bar, que põe em sua volta uma armação de madeira; assim, ela fica segura, mas sua beleza é escondida. O homem que vive na periferia, quando resolve buscar o que lhe roubaram, é posto atrás das grades pelo sistema. Tentam proteger a sociedade dele, mas também escondem sua beleza.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.

Tomada, isoladamente, a proposição “Tentam proteger a sociedade dele” poderia ser considerada ambígua. Para explicitar o sentido que essa oração assume no contexto em que foi empregada, a expressão “a sociedade dele” deve ser substituída por

- a) a sociedade contra ele.
- b) a sociedade para ele.

- c) a sociedade com ele.
- d) a sua sociedade.

Exercício 5

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

REDES SOCIAIS E COLABORAÇÃO EXTREMA: O FIM DO SENSO CRÍTICO?

Eugênio Mira

Conectados. Essa palavra nunca fez tanto sentido quanto agora.

¹Quando se discutia no passado sobre como os homens agiriam com o advento da aldeia global (...) não se imaginava o quanto esse processo seria rápido e devastador.

(...) quando McLuhan apresentou o termo, em 1968, ²ele sequer imaginaria que não seria a televisão a grande responsável pela interligação mundial absoluta, e sim a internet, que na época não passava de um projeto militar do governo dos Estados Unidos.

³A internet mudou definitivamente a maneira como nos comunicamos e percebemos o mundo. Graças a ela temos acesso a toda informação do mundo à distância de apenas um toque de botão.

⁴E quando começaram a se popularizar as redes sociais,

⁵um admirável mundo novo abriu-se ante nossos olhos. Uma ferramenta colaborativa extrema, que possibilitaria o contato imediato com outras pessoas através de suas afinidades, fossem elas políticas, religiosas ou mesmo geográficas. Projetos

colaborativos, revoluções instantâneas... ⁶Tudo seria maior e melhor quando as pessoas se alinhassem na órbita de seus ideais. ⁷O tempo passou, e essa revolução não se instaurou.

Basta observar as figuras que surgem nos sites de humor e outros assemelhados. Conhecidos como memes (termo cunhado pelo pesquisador Richard Dawkins, que representaria para nossa memória o mesmo que os genes representam para o corpo, ou seja, uma parcela mínima de informação), ⁸essas figuras surgiram com a intenção de demonstrar, de maneira icônica, algum sentimento ou sensação. ⁹Ao fazer isso, a tendência de ter uma reação diversa daquelas expressas pelas tirinhas é cada vez menor. Tudo fica branco e preto. ¹⁰Ou se aceita a situação, ou revolta-se. Sem chance para o debate ou questionamento.

(...)

A situação é ainda mais grave quando um dos poucos entes criativos restantes na internet produz algum comentário curto, espirituoso ou reflexivo, a respeito de alguma situação atual ou recente... Em minutos pipocam cópias da frase por todo lugar.

¹¹Copia-se sem o menor bom senso, sem créditos. Pensar e refletir, e depois falar, são coisas do passado. O importante agora é ¹²copiar e colar, e depois partilhar. ¹³As redes sociais

desfraldaram um mundo completamente novo, e o uso que o homem fará dessas ferramentas é o que dirá o nosso futuro cultural. ¹⁴Se enveredarmos pela partilha de ideias, gestando-as em nossas mentes e depois as passando a outros, será uma estufa mundial a produzir avanços incriveis em todos os campos de conhecimento. Se, no entanto, as redes sociais se transformarem em uma rede neural de apoio à preguiça de pensar, a humanidade estará fadada ao processo antinatural de regressão. O advento das redes sociais trouxe para perto das pessoas comuns os amigos distantes, os ídolos e as ideias consumistas mais arraigados, mas aparentemente está levando

para longe algo muito mais humano e essencial na vida em sociedade: o senso crítico. Será uma troca justa?

http://obviousmag.org/archives/2011/09/redes_sociais_e_colaboracao_extranea_chuveiro_todas_criticas.htm

Adaptado. Acesso em: 21 fev 2017.

(Epcar (Afa) 2018) Assinale a alternativa em que a mudança de lugar do vocábulo em destaque NÃO provoca modificação no sentido da frase.

- a) "Graças a ela temos acesso a toda informação do mundo (...)"
Graças a ela temos acesso à informação toda do mundo (...)
- b) "...um admirável mundo novo abriu-se ante nossos olhos..."
...um admirável novo mundo abriu-se ante nossos olhos...
- c) "As redes sociais desfraldaram um mundo completamente novo..." As redes sociais desfraldaram um mundo novo completamente...
- d) "...trouxe para perto das pessoas comuns os amigos distantes..." ...trouxe para perto das pessoas comuns os distantes amigos...

Exercício 6

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Noruega como Modelo de Reabilitação de Criminosos

O Brasil é responsável por uma das mais altas taxas de reincidência criminal em todo o mundo. No país, a taxa média de reincidência (amplamente admitida, mas nunca comprovada empiricamente) é de mais ou menos 70%, ou seja, 7 em cada 10 criminosos voltam a cometer algum tipo de crime após saírem da cadeia.

Alguns perguntariam "Por quê?". E eu pergunto: "Por que não?" O que esperar de um sistema que propõe reabilitar e reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime, mas nada oferece, para que essa situação realmente aconteça? Presídios em estado de depredação total, pouquíssimos programas educacionais e laborais para os detentos, praticamente nenhum incentivo cultural, e, ainda, uma sinistra cultura (mas que diverte muitas pessoas) de que bandido bom é bandido morto (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

Situação contrária é encontrada na Noruega. Considerada pela ONU, em 2012, o melhor país para se viver (1º no ranking do IDH) e, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Avante Brasil, o 8º país com a menor taxa de homicídios no mundo, lá o sistema carcerário chega a reabilitar 80% dos criminosos, ou seja, apenas 2 em cada 10 presos voltam a cometer crimes; é uma das menores taxas de reincidência do mundo. Em uma prisão em Bastoy, chamada de ilha paradisíaca, essa reincidência é de cerca de 16% entre os homicidas, estupradores e traficantes que por ali passaram. Os EUA chegam a registrar 60% de reincidência e o Reino Unido, 50%. A média europeia é 50%.

A Noruega associa as baixas taxas de reincidência ao fato de ter seu sistema penal pautado na reabilitação e não na punição por vingança ou retaliação do criminoso. A reabilitação, nesse caso, não é uma opção, ela é obrigatória. Dessa forma, qualquer criminoso poderá ser condenado à pena máxima prevista pela legislação do país (21 anos), e, se o indivíduo não comprovar estar totalmente reabilitado para o convívio social, a pena será prorrogada, em mais 5 anos, até que sua reintegração seja comprovada.

O presídio é um prédio, em meio a uma floresta, decorado com grafites e quadros nos corredores, e no qual as celas não possuem grades, mas sim uma boa cama, banheiro com vaso sanitário, chuveiro, toaleta, televisão, porta, televisão de tela plana, mesa, cadeira e armário, quadro para afixar papéis e fotos, além de geladeiras. Encontra-se lá uma ampla biblioteca, ginásio de esportes, campo de futebol, chalés para os presos receberem os familiares, estúdio de gravação de música e oficinas de trabalho. Nessas oficinas são oferecidos cursos de formação profissional, cursos educacionais, e o trabalhador recebe uma pequena remuneração. Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia. A prisão é construída em blocos de oito celas cada (alguns dos presos, como estupradores e pedófilos, ficam em blocos separados). Cada bloco tem sua cozinha. A comida é fornecida pela prisão, mas é preparada pelos próprios detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.

Todos os responsáveis pelo cuidado dos detentos devem passar por no mínimo dois anos de preparação para o cargo, em um curso superior, tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão. Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar. A diferença do sistema de execução penal norueguês em relação ao sistema da maioria dos países, como o brasileiro, americano, inglês, é que ele é fundamentado na ideia de que a prisão é a privação da liberdade, e pautado na reabilitação e não no tratamento cruel e na vingança.

O detento, nesse modelo, é obrigado a mostrar progressos educacionais, laborais e comportamentais, e, dessa forma, provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade novamente junto à sociedade.

A diferença entre os dois países (Noruega e Brasil) é a seguinte: enquanto lá os presos saem e praticamente não cometem crimes, respeitando a população, aqui os presos saem roubando e matando pessoas. Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

LUIZ FLÁVIO GOMES, jurista, diretor-presidente do Instituto Avante Brasil e coeditor do Portal atualidadesdodireito.com.br.

Estou no blogdofg.com.br.

** Colaborou Flávia Mestriner Botelho, socióloga e pesquisadora do Instituto Avante Brasil.

FONTE: Adaptado de <http://institutoavantebrasil.com.br/noruega-como-modelo-de-reabilitacao-de-criminosos/>.

Acessado em 17 de março de 2017.

(Espcex (Aman) 2018) *"Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios".*

Há um trecho, dentro do período destacado acima, que provoca ambiguidade. Marque-o:

- a) aparentemente colaterais
- b) produzido dentro dos presídios

- c) contra o preso
- d) manifesta mais prazer
- e) no massacre

Exercício 7

(Espm 2016) As frases abaixo apresentam ambiguidade, ou dupla leitura, exceto uma. Assinale-a:

- a) Paternidade: o desafio para os pais que cuidam dos filhos sozinhos.
- b) Ciências sem Fronteiras: verbas para estudantes atrasadas.
- c) Dilma afirma que Petrobras é maior que seus problemas.
- d) Mesmo sem revogar dogmas, Papa vira alvo dos conservadores.
- e) Deputados insatisfeitos passaram a criticar abertamente erros do governo.

Exercício 8

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir

Eram tempos menos duros aqueles vividos na casa de Tia Vicentina, em Madureira, subúrbio do Rio, onde Paulinho da Viola podia traçar, sem cerimônia, um prato de feijoada - comilança que deu até samba, "No Pagode do Vavá". Mas como não é dado a saudades (lembre-se: é o passado que vive nele, não o contrário), Paulinho aceitou de bom grado a sugestão para que o jantar ocorresse em um dos mais requintados italianos do Rio. A escolha pela alta gastronomia tem seu preço. Assim que o sambista chega à mesa redonda ao lado da porta da cozinha, forma-se um círculo de garçons, com o maître à frente. [...]

Paulinho conta que cresceu comendo o trivial. Seu pai viveu 88 anos à base de arroz, feijão, bife e batata frita. De vez em quando, feijoada. Massa, também. "Mas nada muito sofisticado."

Com exceção de algumas dores de coluna, aos 70 anos, goza de plena saúde. O músico credita sua boa forma ao estilo de vida, como se sabe, não dado a exageros e grandes ansiedades.

T. Cardoso, *Valor*, 28/06/2013. Adaptado.

(Fgvjr 2015) Tendo em vista o contexto, pode ser lida em duplo sentido a palavra sublinhada na seguinte frase do texto:

- a) "Mas como não é dado a saudades".
- b) "Paulinho aceitou de bom grado a sugestão".
- c) "A escolha pela alta gastronomia tem seu preço".
- d) "forma-se um círculo de garçons, com o *maître* à frente".
- e) "O músico credita sua boa forma ao estilo de vida".

Exercício 9

(Espm 2014)

HAGAR – Dik Browne



A graça da tira decorre:

- a) da existência de "ruído" na comunicação efetuada pela esposa Helga e não entendida pelo amigo Ed Sortudo.

b) de uma fala inabitual de Helga que, ao dirigir-se diretamente ao próprio marido, refere-se às qualidades de uma terceira pessoa.

c) do não entendimento de um discurso ambíguo bastante comum, no qual se dirige à própria pessoa, questionando-a como se fosse uma outra.

d) da diferença do nível de linguagem usado pelo emissor para se dirigir aos interlocutores, fato que fez sugerir a existência de dois maridos.

e) da dificuldade de compreensão, por parte do amigo Ed Sortudo, devido aos traços de informalidade no discurso de Helga.

Exercício 10

(Fgv 2014) Examine o seguinte texto, extraído de uma matéria jornalística:

Segundo estudos da USP, por ano, 50 milhões de raios caem no país. Especialistas dizem que numa tempestade a pessoa deve evitar lugares altos e abertos, como campos de futebol e ficar sob árvores, dentro de mar ou piscina.

Folha de S. Paulo, 07/01/2012.

Tendo em vista sua finalidade comunicativa, pode-se apontar, nesse texto, o defeito da

- a) ambiguidade.
- b) redundância.
- c) prolixidade.
- d) inadequação léxica.
- e) mistura de variedades linguísticas.

Exercício 11

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Poema só para Jaime Ovalle¹

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).
Chovia.
Chovia uma triste chuva de resignação
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...
– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

(Estrela da vida inteira, 1993.)

¹ Jaime Ovalle (1894-1955): compositor e instrumentista. Aproximou-se do meio intelectual carioca e se tornou amigo íntimo de Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Sérgio Buarque de Hollanda e Manuel Bandeira. Sua música mais famosa é "Azulão", em parceria com o poeta Manuel Bandeira. (*Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*)

1. (Unesp 2016) Por oscilar entre duas classes de palavras, o termo “só” confere ambiguidade ao título do poema. Identifique estas duas classes de palavras e o sentido que cada uma delas confere ao título.

Exercício 12

(Fuvest 2013) Leia o texto.

Ditadura / Democracia

A diferença entre uma democracia e um país totalitário é que numa democracia todo mundo reclama, ninguém vive satisfeito. Mas se você perguntar a qualquer cidadão de uma ditadura o que acha do seu país, ele responde sem hesitação: “Não posso me queixar”.

Millôr Fernandes, **Millôr definitivo: a bíblia do caos**.

a) Para produzir o efeito de humor que o caracteriza, esse texto emprega o recurso da ambiguidade? Justifique sua resposta.

b) Reescreva a segunda parte do texto (de “Mas” até “queixar”), pondo no plural a palavra “cidadão” e fazendo as modificações necessárias.

Exercício 13

(Fuvest 2009) Considere as seguintes frases, extraídas de diferentes matérias jornalísticas, e responda ao que se pede.

- I. "Nos últimos meses, o debate sobre o aquecimento global vem, com perdão do trocadilho, esquentando".
II. "Preso vigia acusado de matar empresário".

- a) Identifique, na frase I, o trocadilho a que se refere o redator e explique por que ele pede perdão por tê-lo produzido.
b) É correto afirmar que na frase II ocorre ambiguidade? Justifique sua resposta.

Exercício 14

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Da euforia à depressão... Muitos são os estados de espírito que experimentamos, ao longo de nossas vidas, seja individualmente, seja na relação com o outro. Leia com atenção os textos desta prova, que, direta ou indiretamente, apresentam matizes diversos de humor.

Texto I

MAU HUMOR CRÔNICO É DOENÇA E EXIGE TRATAMENTO

Mau humor pode ser doença - e grave! Um transtorno mental que se manifesta por meio de uma rabugice que parece eterna. Lembra muito o estado de espírito do Hardy Har Har, a hiena de desenho animado famosa por viver resmungando "Oh dia, oh céu, oh vida, oh azar".

Distímia é o nome dessa doença. Reconhecida pela medicina nos anos 80, é uma forma crônica de depressão, com sintomas mais leves. "Enquanto a pessoa com depressão grave fica paralisada, quem tem distímia continua tocando a vida, mas

está sempre reclamando", diz o psiquiatra Márcio Bernik, coordenador do Ambulatório de Ansiedade do Hospital das Clínicas (HC).

O distímico só enxerga o lado negativo do mundo e não sente prazer em nada. A diferença entre ele e o resto dos mal-humorados é que os últimos reclamam de um problema, mas param diante da resolução. O distímico reclama até se ganha na loteria. "Não fica feliz, porque começa a pensar em coisas negativas, como ser alvo de assalto ou de sequestro", diz o psiquiatra Antônio Egídio Nardi, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (...)

E, se o mau humor patológico tem remédio, o mau humor "natural" também. Vários fatores interferem no humor. O cheiro, por exemplo, que é capaz de abrir o sorriso no rosto de um trombudo. E mais: ao contrário do que se pensa, o humor melhora com a idade!

(KLINGER, Karina. *Folha on-line* - www.folha.com.br, 15/07/2004.)

Texto II

DEUS QUER OTIMISMO

Procópio acordava cedinho, abria a janela, exclamava:

- Que dia maravilhoso! O dia mais belo da minha vida!

Às vezes, realmente, a manhã estava lindíssima, porém outras vezes a natureza mostrava-se carrancuda. Procópio nem reparava. Sua exclamação podia variar de forma, conservando a essência:

- Estupendo! Sol glorioso! Delícia de vida!

Choveu o mês inteiro e Procópio saudou as trinta e uma cordas-d'água com a jovialidade de sempre. Para ele não havia mau tempo.

A família protestava contra a sua disposição fagueira e inalterável. A população erguia preces ao Senhor, rogando que parasse com o dilúvio. Um dia Procópio abriu a janela e foi levado pelas águas. Ia exclamando:

- Sublime! Agora é que sinto realmente a beleza do bom tempo integral! O azul é de Sevres! Chove ouro líquido! Sou feliz!

Os outros, que não acreditavam nisto, submergiram, mas Procópio foi depositado na crista de um pico mais alto que o da Neblina, onde faz sol para sempre. Merecia.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.)

(Ufrj 2007) Conforme declara o narrador, para Procópio "não havia mau tempo".

- a) Considerando essa declaração, identifique a passagem em que a percepção do narrador em relação aos fatos narrados não coincide com a do personagem.
b) Levando em conta o sentido integral do texto, explicita a ambiguidade da expressão "mau tempo".

Exercício 15

(Ufg 2006) Leia o texto para responder ao que se pede.

Grávida não encontra remédio caro em SP

[...] A diarista Maria do Carmo Brandão, 32, no oitavo mês de uma gravidez de risco, aguarda atendimento na Casa de Saúde da Mulher Prof. Domingos Delascio, SP. Ela diz não ter problemas com a rede de saúde [...]. Maria do Carmo tem os melhores médicos, exames, mas a atenção à sua saúde não é integral, pena para achar o remédio para toxoplasmose, doença que porta e pode causar deformações no bebê se não tratada.

Como a Casa não tem autorização para distribuir o remédio de alto custo, as mulheres são obrigadas a procurá-lo em centros de distribuição específica, onde não é fácil achá-lo, relata.

"FOLHA DE S. PAULO". São Paulo, 15 fev. 2005, p. C3, Cotidiano.

O título da reportagem permite mais de uma interpretação, ambiguidade que é desfeita com a leitura do texto. Elabore duas interpretações possíveis para esse título, indicando aquela que corresponde ao conteúdo da matéria.

Exercício 16

(Udesc 2014) Ele: – Pois é.

Ela: – Pois é o quê?

Ele: – Eu só disse pois é!

Ela: – Mas “pois é” o quê?

Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: – Entender o quê?

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: – Falar então de quê?

Ele: – Por exemplo, de você.

Ela: – Eu?!

Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 48.

Há três conceitos clássicos de discursos, estudados pela gramática tradicional, que designam três modos de reproduzir ou citar um ato de enunciação. O texto acima é constituído por apenas um tipo de discurso. Analise as proposições em relação a ele e aos tipos de discursos.

I. O discurso direto é a forma de citação do discurso em que o narrador indica o discurso do outro, e depois reproduz literalmente a fala dele.

II. O discurso direto é uma operação que confere ao discurso a vivacidade e naturalidade típicas da oralidade, pelos recursos das interjeições, exclamações, interrogações diretas e dos vocativos, entre outros elementos.

III. O discurso direto e o indireto são expedientes linguísticos para mostrar as diferentes vozes bem demarcadas no texto.

IV. As frases que, no discurso direto, têm a forma interrogativa ou imperativa convertem-se no discurso indireto, em orações declarativas, conforme “Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente” (linha 11): *Ele perguntou por que o espanto, se ela não era gente, porque gente fala sobre gente*.

V. Em uma mesma mensagem verbal pode-se reconhecer mais de uma função da linguagem, embora uma seja dominante. No

diálogo entre Macabéa e Olímpio a função da linguagem predominante é a fática.

Assinale a alternativa **correta**.

- a) Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas I, II e V são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

Exercício 17

(Fuvest 2020) O que eu precisava era ler um romance fantástico, um romance besta, em que os homens e as mulheres fossem criações absurdas, não andassem magoando-se, traindo-se. Histórias fáceis, sem almas complicadas. Infelizmente essas leituras já não me comovem.

Graciliano Ramos, *Angústia*.

Se o discurso literário “aclara o real ao desligar-se dele, transfigurando-o”, pode-se dizer que Luís da Silva, o narrador-protagonista de *Angústia*, já não se comove com a leitura de “histórias fáceis, sem almas complicadas” porque

- a) rejeita, como jornalista, a escrita de ficção.
- b) prefere alienar-se com narrativas épicas.
- c) é indiferente às histórias de fundo sentimental.
- d) está engajado na militância política.
- e) se afunda na negatividade própria do fracassado.

Exercício 18

(G1 - cftmg 2020) Eu, quando via uma árvore daquelas gigantescas, que fazem de um homem uma coisinha ridícula, me desmanchava em admiração. Respirava com mais largueza, abrindo os braços, e sentia os raios do sol no meu rosto, como se eu também fosse uma criatura privilegiada pela natureza. É sério. Sempre fui assim, piegas profissional. A Mayumi, diante da mesma árvore, tecia considerações sobre a evolução genética da espécie.

Ela era a fusão perfeita de dois mundos que eu imaginava absolutamente incompatíveis: o cientificismo e a feminilidade.

LACERDA, Rodrigo. *O Fazedor de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 86.

Ao caracterizar a personagem feminina, o trecho traz à tona um discurso marcado pela

- a) percepção da insignificância humana diante da natureza.
- b) representação estereotipada da mulher, apartada do saber científico.
- c) desilusão amorosa do narrador, causada por uma quebra de expectativas.

d) constatação da incompatibilidade entre as visões de mundo das personagens.

Exercício 19

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O soneto *XIII* de *Via-Láctea*, coleção publicada em 1888 no livro *Poesias*, é o texto mais famoso da antologia, obra de estreia do poeta Olavo Bilac. O texto, cuidadosamente ritmado, suas rimas e a escolha da forma fixa revelam rigor formal e estilístico caros ao movimento parnasiano; o tema do poema, no entanto, entra em colisão com o tema da literatura típica do movimento, tal como concebido no continente europeu.

XIII

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via-láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo. *Antologia: Poesias*. Martin Claret, 2002. p. 37-55.

Via-Láctea. Disponível em:

<<http://www.dominionpublico.gov.br/download/texto/bv000289.pdf>>.

Acesso em: 19/08/2019.

(Ime 2020) “Direis agora: ‘Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?’” (versos 9 a 11)

No trecho acima é empregado o chamado discurso direto. Isso se confirma pelo(a)

- a) uso de dois pontos e de formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo e no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
- b) intenção de uso de uma linguagem coloquial, própria da vida cotidiana.
- c) utilização do vocativo e de pontos de exclamação para exprimir a ideia de um diálogo em curso.
- d) utilização de aspas no intuito de marcar a narração em 3ª pessoa.
- e) intenção de identificar o leitor como interlocutor do poeta, para quem é extravagante o sentimento de encantamento poético evidenciado no poema.

Exercício 20

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um escritor! Um escritor!

Antônio Prata*

Com o jornal numa mão e um guaraná diet na outra, eu *caminhava pelas ruas de ¹Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov*, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C do Boeing 737: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”.

Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói. Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.

Um comissário o encontrou no meio do corredor e o levou, apressado, até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião. O médico se agachou, tomou o pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com ela, depois falou com a aeromoça. Trouxeram uma caixa de metal, ele deu um comprimido à mulher e, nem dez minutos mais tarde, voltou pros seus amendoins, sob os olhares admirados de todos. Ou de quase todos, pois a minha admiração, devo admitir, foi rapidamente ²fagocitada pela inveja. Ora, quando a *medicina nasceu, com Hipócrates, a história de ³Gilgamesh* já circulava pelo mundo havia mais de dois milênios: desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas — e, no entanto...

No entanto, caros leitores, quem aí já ouviu uma aeromoça pedir, ansiosa: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um escritor a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”?

Eu não me abalaria. Fecharia o jornal, sem afobação, poria uma Bic e um guardanapo no bolso, iria até a senhora gorducha e me agacharia ao seu lado. Conversaríamos baixinho. Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar o filho, depois de dez anos brigados: queria falar alguma coisa bonita pra ele, mas não era boa com as palavras. Eu faria uma rápida

⁵anamnese: perguntaria os motivos da briga, ⁵se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**, levantaria recordações prazerosas da relação e, antes de tocarmos o solo, entregaria à mulher três parágrafos capazes de verter lágrimas até da estátua do Borba Gato.

De volta ao meu lugar, passageiros me cumprimentariam e compartilhariam histórias semelhantes. Uma jovem mãe me contaria do primo poeta que, num restaurante, ao ouvir os apelos do garçom — “Um escritor, pelo amor de Deus, um escritor!” —, tinha sido levado até um rapaz apaixonado e conseguido escrever seu pedido de casamento no cartão de um buquê antes que a futura noiva voltasse do banheiro.

Um senhor comentaria o caso muito conhecido do romancista que, após as súplicas de mil turistas, fora capaz de convencer 200 tripulantes de um cruzeiro a abandonar o gerúndio.

Eu sorriria, de leve. Diria “Pois é, se você escolheu essa profissão, tem que estar preparado pras emergências”, então recusaria, educadamente, o segundo saquinho de amendoins que a aeromoça me ofereceria e voltaria, como se nada tivesse

acontecido, *para as* ⁶**bombas da Crimeia**, com meu copo de guaraná.

*Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de *Nu, de Botas*.

Jornal Folha de São Paulo, 25 mai. 2014 – Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/>>. Acesso em 27 ago.2019.

Vocabulário de apoio:

¹ **Kiev**: capital e maior cidade da Ucrânia. No trecho: “*eu caminhava pelas ruas de Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov*”, o autor se refere ao tema do livro (Guerra da Crimeia) que ele lia, enquanto estava no voo. Os termos ‘barricadas’ (trincheiras feitas de improviso) e ‘coquetéis molotov’ (tipo de arma química, geralmente usada em guerrilhas) estão relacionados ao tema da leitura feita pelo autor.

² **fagocitada**: neologismo criado a partir de *fagocitose*: processo de ingestão e destruição de partículas sólidas, como bactérias ou pedaços de tecido necrosado, por células ameboides chamadas de fagócitos [tem como uma das funções a proteção do organismo contra infecções.]; no texto, ‘fagocitada’ pode ser substituída por ‘devorada’.

³ No trecho: “*a medicina nasceu, com Hipócrates, a história de Gilgamesh*”, o autor se refere a Hipócrates – pensador grego, considerado o “pai da Medicina” – e a Gilgamesh - rei da Suméria, mais conhecido atualmente por ser o personagem principal da *Epopéia de Gilgamesh*, um épico mesopotâmico preservado em tabuletas escritas com caracteres cuneiformes (o mais antigo tipo de escrita do mundo).

⁴ **anamnese**: lembrança, recordação pouco precisa. No campo da medicina, anamnese é um histórico que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

⁵ No trecho: “se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**”, o autor se refere a um escritor francês (**Proust**, importante escritor no cenário da literatura mundial) e a **UFC**, cuja sigla em inglês *Ultimate Fighting Championship*, designa organização de MMA (Artes Marciais Mistas) que produz eventos ao redor de todo o mundo.

⁶ **bombas da Crimeia** – referência à Guerra da Crimeia (1853-1856), assunto do livro que o autor lia, durante o voo.

(G1 - cftmg 2020) A explicação do emprego dos sinais de pontuação foi corretamente apresentada entre colchetes em

- a) “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”. [as duas primeiras vírgulas foram utilizadas para isolar vocativo]
- b) “desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas” [todas as

vírgulas foram empregadas para sinalizar enumeração de termos]

c) “Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói.” [os dois pontos foram utilizados para sinalizar introdução de discurso direto].

d) “Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.” [os travessões foram utilizados para indicar mudança de interlocutor no discurso].

Exercício 21

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o início do conto “Luís Soares”, de Machado de Assis, para responder à(s) questão(ões).

Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade. O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir, ao passo que a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver. Livre em todas as minhas ações, não quero sujeitar-me à lei absurda que a sociedade me impõe: velarei de noite, dormirei de dia.

Contrariamente a vários ministérios, Soares cumpria este programa com um escrúpulo digno de uma grande consciência. A aurora para ele era o crepúsculo, o crepúsculo era a aurora.

Dormia 12 horas consecutivas durante o dia, quer dizer das seis da manhã às seis da tarde. Almoçava às sete e jantava às duas da madrugada. Não ceava. A sua ceia limitava-se a uma xícara de chocolate que o criado lhe dava às cinco horas da manhã quando ele entrava para casa. Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se.

Não lia jornais. Achava que um jornal era a coisa mais inútil deste mundo, depois da Câmara dos Deputados, das obras dos poetas e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.

(*Contos fluminenses*, 2006.)

(Famerp 2020) No primeiro parágrafo, o trecho “Livre em todas as minhas ações, não quero sujeitar-me à lei absurda que a sociedade me impõe” é parte da fala do personagem Luís Soares. O mesmo trecho, em discurso indireto, seria:

- a) Luís Soares dizia que, livre em todas as suas ações, não quer sujeitar-se à lei absurda que a sociedade lhe impõe.
- b) Luís Soares dizia, livre em todas as suas ações, que não quer sujeitar-se à lei absurda que a sociedade o impõe.
- c) Luís Soares dizia que, livre em todas as suas ações, não queria sujeitar-se à lei absurda que a sociedade o impunha.
- d) Luís Soares dizia, livre em todas as suas ações, que não quis sujeitar-se à lei absurda que a sociedade o impôs.

e) Luís Soares dizia que, livre em todas as suas ações, não queria sujeitar-se à lei absurda que a sociedade lhe impunha.

Exercício 22

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava. Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(*O imaginário cotidiano*, 2002.)

(Unifesp 2020) “Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.” (1º parágrafo)

Ao se transpor o trecho para o discurso indireto, os termos sublinhados assumem a seguinte redação:

- a) existirem, pode, meu.
- b) existissem, poderia, seu.
- c) existiam, puderem, meu.
- d) existem, poderei, dele.
- e) tenham existido, terá podido, seu.

Exercício 23

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O diálogo, desenvolvido entre as personagens Menipo e Hermes, faz parte do livro *Diálogo dos Mortos*, do escritor Luciano de Samósata.

Menipo – Onde estão os belos e as belas, Hermes¹? Leva-me até eles, pois eu sou novato aqui.

Hermes – Não tenho tempo, Menipo. Mas, olha aquilo ali, à direita: ali está Jacinto, também Narciso e Nireu e Aquiles²; e ainda Tiró, Helena³, Leda, em suma, todas as beldades antigas.

Menipo – Eu estou vendo só ossos e crânios desprovidos de carnes, a maioria desses semelhantes.

Hermes – Contudo, aqueles são os ossos que todos os poetas admiram e que tu pareces desprezar.

Menipo – Mesmo assim, mostra-me Helena, pois eu não saberia reconhecê-la.

Hermes – Esse crânio aí é Helena.

Menipo – Então é por causa disso aí que foram lotados milhares de navios da Grécia inteira e tombaram tantos gregos e bárbaros, e tantas cidades foram arrasadas!

Hermes – Mas, Menipo, tu não viste essa mulher em vida; senão tu também terias dito que não merece castigo “sofrer dores por muito tempo por uma mulher”, porque também as flores secas, se alguém as contempla depois que elas perdem o viço, é evidente que lhe parecerão murchas; mas enquanto florescem e mantêm o colorido, elas são muito belas.

Menipo – Pois é isso mesmo que me causa admiração, Hermes: que os Aqueus⁴ não perceberam que estavam sofrendo por uma coisa tão efêmera e tão facilmente perecível.

Luciano de Samósata, *Diálogo dos Mortos*. Trad. Henrique G. Murachco. Edusp: São Paulo, p. 67.

1. Hermes: divindade grega posteriormente assimilada à representação do deus Mercúrio, pela mitologia romana. Na cena, Hermes entrega as almas a Caronte, que se encarrega de fazê-las atravessar o Aqueronte, rio que separa o mundo dos vivos e dos mortos.

2. Aquiles: filho de Peleu e Tétis, o mais valente dos heróis na guerra de Troia, de cabelos dourados. É jovem, forte e belo. Morre em plena juventude; por isso ele está ao lado de beldades, tais como Jacinto e Narciso.

3. Helena: mulher de Menelau, raptada por Páris, filho de Príamo, rei de Troia, foi a causa da guerra que levou ao Hades milhares de almas de heróis, segundo Homero.

4. Aqueus: relativo aos aqueus, um dos quatro ramos do povo grego antigo, ou indivíduo dos aqueus, relativo à Acaia (antiga Grécia), ou ao seu natural ou habitante.

(G1 - cps 2020) Analise a passagem:

“Onde estão os belos e as belas, Hermes? Leva-me até eles, pois eu sou novato aqui.”

Assinale a alternativa em que o excerto esteja corretamente transposto para o discurso indireto.

- a) Menipo questionou Hermes sobre o paradeiro dos belos e belas, para, logo em seguida, exigir-lhe que o levasse até eles, posto que era novato aqui.
- b) Menipo perguntou a Hermes onde estavam os belos e as belas, ordenando-lhe que o levasse até eles, pois ele era novato naquele lugar.
- c) Hermes questiona a si mesmo onde estariam os belos e as belas, instigando-se para se levar até eles, uma vez que fora novo por lá.
- d) Hermes perguntou a Menipo onde estavam os belos e as belas, suplicando-lhe para que o levasse até eles, embora fosse novato ali.
- e) Menipo ordena a Hermes que estivessem todos, os belos e as belas, onde eles pudessem ser levados até ali, mesmo sendo novatos.

Exercício 24

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

Projeto ajuda a interromper ciclo de violência contra mulheres

Em Sergipe, um projeto tem ajudado a interromper o ciclo de violência contra mulheres. Foram 16 anos sofridos em silêncio até que ela resolveu dar um basta. “Quando eu saí de casa, fui para a casa de minha mãe. Ele me ligou, esculhambou de tudo, falou que estava indo para a casa da minha mãe para me bater, para quebrar meus dentes, para fazer o que ele queria. Foi nessa hora que resolvi ir para a delegacia e prestei queixa”, disse a mulher.

A queixa virou um acordo entre o casal. Ao invés de responder a um inquérito, uma vez por semana, o ex-marido frequenta um grupo só para homens. Antes do primeiro empurrão, do tapa, geralmente existe a agressão verbal seguida de ameaça. Os homens que foram denunciados por esse tipo de agressão estão no grupo para aprender a enxergar a mulher com outros olhos, com respeito. Uma mudança de comportamento que fez romper o ciclo da violência doméstica.

“A ideia do grupo é uma mudança de atitude, de comportamento, mesmo que você não concorde. Está na lei”, diz a psicóloga aos homens. Sandra Aiaish Menta, doutora em psicologia da Universidade Federal de Sergipe, tem um papel fundamental. “Quando eles chegam ao grupo, a gente tem que sensibilizá-los de que aquilo que eles fizeram é algo que é uma agressão ao outro”, disse.

A cada encontro, novas descobertas. Um homem que sequer admitia que era agressor está na sexta reunião e já mudou de atitude. “Reconheço sim, reconheço que errei com ela. O grupo ajudou muito, graças a Deus”, disse. Mas se ele voltar a ser violento, não tem acordo.

“A gente vai trabalhando numa escalada: para os crimes mais simples, oferecendo a mediação. Houve descumprimento, a gente vai para investigação com medida protetiva. Se ele descumprir, a

gente pede a prisão”, disse a delegada Ana Carolina Machado Jorge.

O projeto é uma parceria da Universidade Federal de Sergipe com a prefeitura e delegacia da cidade de Lagarto. Começou há seis anos e, nesse tempo, foi registrado apenas um caso de feminicídio na cidade. Pelo grupo já passaram mais de 300 homens e muitas foram as lições. “Estou aprendendo várias coisas. Se eu pudesse não errar, voltava para trás”, disse o homem.

Adaptado de: g1.globo.com

(Uel 2020) Sobre os recursos de pontuação empregados no texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. As aspas, ao marcarem o discurso direto, revelam o grau de formalidade do discurso, próprio de textos opinativos.
- II. No trecho “A gente vai trabalhando numa escalada:”, após os dois pontos há uma sequência com efeito de gradação.
- III. Em “Sandra Aiaish Menta, doutora em psicologia da Universidade Federal de Sergipe, tem um papel fundamental”, as vírgulas separam um trecho explicativo.
- IV. As vírgulas utilizadas no discurso direto do primeiro parágrafo desempenham papel fundamental de enumerar ações.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Exercício 25

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A Lenda da Manioca (lenda dos índios Tupis)

¹A filha do cacique da tribo deu à luz uma linda indiazinha. A tribo espantou-se:

– Como é branquinha esta criança!

E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba, parecia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era linda, silenciosa e quieta. Comia pouco e pouco bebia. Os pais preocupavam-se.

– Vá brincar, Mani, dizia o pai.

– Coma um pouco mais, dizia a mãe.

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha.

Mani parecia esconder um mistério.

Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado.

Deu ervas e bebidas à menina. Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor.

E, sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de saudade.

Um dia, perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha verde e viçosa.

– Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Ninguém a conhecia.

– É melhor deixá-la crescer, resolveram os índios.

E continuaram a regar o brotinho mimoso. A planta desconhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram e ela estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se rachar em torno.

– A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.

– Vamos cavar?

E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, nome que dão aos meninos índios. Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani surgia uma nova planta!

– Vamos chamá-la Mani-oca, resolveram os índios.

²– E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!

Assim fizeram!

Depois, fincando outros ramos no chão, fizeram a primeira plantação de mandioca. E até hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento muito importante. E, em todo o Brasil, quem não gosta da plantinha misteriosa que surgiu na casa de Mani?

Adaptado de macvirtual.usp.br/mac/templates/jogo/lenda.asp/
Acessado em 10/10/19.

(G1 - cotil 2020) Considere o trecho:

“- E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!” (ref. 2)

Indique a alternativa que apresenta a melhor transformação da fala dos índios em discurso indireto, preservando-se o sentido original e fazendo-se a devida adequação gramatical.

- a) Os índios diziam que iam transformar a planta em alimento, para evitar a perda dela.
- b) Os índios disseram que transformariam a planta em alimento, para que não a deixassem se perder.
- c) Os índios dizem que, para não haver a perda da planta, vão transformá-la em alimento.
- d) Os índios disseram que, para que a planta não se perdesse, transformariam-a em alimento.

Exercício 26

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho inicial do conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca.

Na porta da rua uma dentadura grande, embaixo escrito Dr. Carvalho, Dentista. Na sala de espera vazia uma placa, *Espera o Doutor, ele está atendendo um cliente*. Esperei meia hora, o dente doendo, a porta abriu e surgiu uma mulher acompanhada de um sujeito grande, uns quarenta anos, de jaleco branco.

Entre no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

Só rindo. Esses caras são engraçados.

Vou ter que arrancar, ele disse, o senhor já tem poucos dentes e se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os

outros, inclusive estes aqui – e deu uma pancada estridente nos meus dentes da frente.

Uma injeção de anestesia na gengiva. Mostrou o dente na ponta do boticão: A raiz está podre, vê?, disse com pouco caso. São quatrocentos cruzeiros.

Só rindo. Não tem não, meu chapa, eu disse.

Não tem não o quê?

Não tem quatrocentos cruzeiros. Fui andando em direção à porta.

Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande [...]. E meu físico franzino encoraja as pessoas. Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38 [...]. Ele ficou branco, recuou. Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração: tirei as gavetas dos armários, joguei tudo no chão, chutei os vidrinhos todos como se fossem balas, eles pipocavam e explodiam na parede. Arrebentar os cuspidores e motores foi mais difícil, cheguei a machucar as mãos e os pés. O dentista me olhava, várias vezes deve ter pensado em pular em cima de mim, eu queria muito que ele fizesse isso para dar um tiro naquela barriga grande [...].

Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!

(O melhor de Rubem Fonseca, 2015.)

(Fac. Albert Einstein - Medicina 2020) “Ele [...] perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado” (2º parágrafo)

Ao se transpor o trecho para o discurso direto, o termo sublinhado assume a seguinte forma:

- a) deixaria.
- b) deixa.
- c) deixou.
- d) deixava.
- e) deixara.

Exercício 27

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Amar

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer, amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal,
senão rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,

e amar o inóspito, o cru,

um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.
Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor,
e na segura nossa amar a água implícita,
e o beijo tácito, e a sede infinita.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Claro enigma. São Paulo: Companhia das Letras. 2012. p. 26.)

Vocabulário:

Expectante: aquele que espera, que observa.

Inerte: o que não possui movimento nem se consegue movimentar; imóvel.

Inóspito: local sem condições para ser habitado.

Pérfida: desleal; em que há traição, falsidade.

Rapina: ato de roubar astuciosa e violentamente.

Tácito: algo que é implícito ou que está subentendido.

(G1 - cmrj 2019) Algumas estratégias argumentativas foram empregadas no texto para persuadir o leitor de que a opinião do eu lírico é um fato inquestionável.

A estratégia de persuasão presente no poema caracteriza-se de modo mais evidente pelo uso de

- a) discurso direto.
- b) pergunta retórica.
- c) linguagem figurada.
- d) repetição de termos.
- e) argumento de autoridade.

Exercício 28

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionadas ao texto abaixo.

¹– Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

– Só que já é noite – a amiga corrigiu, sem tirar os olhos da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça esparramado pelo chão.

– É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo? – Descobriu um sapato sob a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou, ²depois, o par _____ ¹_____ dos outros móveis.

Era bom ³ter uma ⁴amiga ⁵experiente. Nem precisa ser da mesma idade – deixou-se cair no sofá – Bárbara, ⁶muito mais sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada ⁷valorizava o

perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas conseguiram, ⁸acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas no hospital. A semelhança física teria ⁹contribuído para o perfeito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos diziam, o que sempre causava satisfação.

¹⁰– O que está se passando nessa cabecinha? – Bárbara estranhou a amiga, só doente ¹¹pararia quieta. Admirou-a: os ¹²cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos _____ ²_____, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor estariam hoje ¹³seus olhos?

Ema aprumou o corpo.

– Pensava que se nós morássemos numa casa grande, vocês e nós...

Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ¹⁴ideia. – As crianças brigariam o tempo todo.

¹⁵Novamente a amiga tinha razão. ¹⁶Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo. ¹⁷O que sombreava o relacionamento dos casais.

– Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

Se o marido estivesse em casa, ¹⁸seria obrigada a assistir à televisão, _____ ³_____, ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem múmia diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança. Preparou uma jarra de limonada. _____ ⁴_____ todo aquele interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.

– Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comportamento das crianças na escola, de como se modificam ¹⁹as personalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

(Ufrgs 2019) Assinale a alternativa que realiza adequadamente a transposição para o discurso indireto do trecho a seguir.

– Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos (ref. 1).

- a) Ema disse, voltando do quarto dos meninos: – aquela era a melhor hora do dia para ela.
- b) Voltando do quarto dos meninos, Ema disse que, para ela, aquela era a melhor hora do dia.
- c) Voltando do quarto dos meninos, Ema disse: Para mim esta é a melhor hora do dia.
- d) Ema disse que aquela, para ela, foi a melhor hora do dia, voltando do quarto dos meninos.
- e) Ao voltar do quarto dos meninos, Ema disse ser-lhe esta a melhor hora do dia.

Exercício 29

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O trecho que segue é da personagem Olga, de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, romance de Lima Barreto.

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. (...) Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar? (...) Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar relativamente. (...) Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos!...

(Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*)

(Espm 2019) Em Lima Barreto, a sequência grande de perguntas ao longo do texto configura o:

- a) discurso direto, em que há reprodução da fala da personagem ou do diálogo entre personagens.
- b) discurso indireto, em que o narrador conta aos leitores o que a personagem disse. Não há travessão.
- c) discurso indireto livre, em que há o pensamento da personagem, expresso pelo narrador, em meio à narrativa.
- d) solilóquio, em que a personagem extravasa os seus pensamentos e emoções em monólogos, sem dirigir-se especificamente a qualquer ouvinte.
- e) fluxo da consciência, em que há transcrição do complexo processo de pensamento não-linear de uma personagem, com o raciocínio lógico entremeado com impressões pessoais momentâneas e exibindo os processos de associação de ideias.

Exercício 30

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Casamento

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como ‘este foi difícil’

‘prateou no ar dando rabanadas’

e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

(PRADO, Adélia. *Terra de Santa Cruz*, Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 25.)

(G1 - CMRJ 2019) O casamento é tratado sob dois pontos de vista. Para reforçar um deles, a autora faz uso de alguns recursos linguísticos.

O verso que, no poema, apresenta um desses recursos com seu respectivo efeito de sentido é

- a) ele fala coisas como ‘este dia foi difícil’ (v. 8) – uso de aspas para marcar o discurso indireto.
- b) Meu marido, se quiser pescar, pesque, (v. 2) – subordinação que reforça o vínculo afetivo existente entre o casal.
- c) É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha, (v. 6) – desvio de concordância nominal que sugere intimidade entre o casal.
- d) A qualquer hora da noite me levanto, (v. 4) – primeira pessoa do discurso como estratégia de aproximação com o leitor.
- e) ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar. (v. 5) – coordenação para sequenciar as ações de companheirismo, algo que norteia a relação.

Exercício 31

(UFU 2018) Muitos paquistaneses acreditam que a mídia local e internacional promove a jovem ativista de forma exagerada e desnecessária. Partidos de direita afirmam que a “campanha” para promovê-la é a prova de que há um "lobby internacional" por trás de tudo isso. [...]

Os defensores da ganhadora do Nobel da Paz acusam os “odiadores de Malala” de campanha de difamação contra ela. Até que a mentalidade das pessoas mude, argumentam, a jovem não poderá viver em sua terra natal de forma permanente.

Disponível em:<<https://goo.gl/abhkYN>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

No texto sobre o retorno de Malala Yousafzai ao Paquistão pela primeira vez desde que foi baleada pelo Talibã, o emprego das aspas em “odiadores de Malala” tem o efeito de

- a) aludir de forma pejorativa aos partidos de direita.
- b) destacar uma expressão coloquial usada por paquistaneses.
- c) delimitar palavras ditas por entrevistados.
- d) veicular imparcialidade do enunciador.

Exercício 32

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

DESCOLADOS E BACANAS ADOTAM VIRA-LATAS E PEDEM HÓSTIA 'GLUTEN FREE'

A tipologia humana contemporânea chama a atenção pelo ridículo. Descolados e bacanas são pessoas que têm hábitos, afetos e disposições de alma mais avançados do que os "colados" e os "canas".

Estes são gente que não consegue acompanhar os progressos sociais e se perdem diante das novas formas de economia, de sociabilidade e de direitos afetivos. Vejamos alguns exemplos dessa tipologia dos descolados e bacanas. Se você não se enquadrar, não chore. Ser um "colado" ou "cana" um dia poderá ascender à condição vintage, semelhante ao vinil ou ao filtro de barro.

A busca de uma alimentação saudável é um traço de descolados e bacanas. Um modo rápido e preciso de identificá-los é usar a palavra "McDonald's" perto deles. Se a pessoa começar a gritar de horror ou demonstrar desprezo, você está diante de um

descolado e bacana. Se você não entender o horror e o desprezo dela pelo McDonald's, você é um "colado" e um "cana".

Essa busca pela alimentação segura bateu na porta de Jesus, coitado. A demanda dos católicos descolados e bacanas é que o corpo de Cristo venha sem glúten. Uma hóstia "gluten free". O papa, seguramente uma pessoa desocupada, teve que se preocupar com o corpo de Cristo sem glúten. A commoditização da religião, ou seja, a transformação da religião em produto, um dia chegaria a isso: que Jesus emagreça seus fiéis.

Um segundo tipo de descolado e bacana é aquele pai que fica lambendo o filho pra todo mundo achar que ele é um "novo homem". Esse "novo homem" é, na verdade, um mito pra cobrir a desarticulação crescente das relações entre homem e mulher. Homens cuidam de filhos há décadas, mas agora pai que cuida de filho virou homem descolado e bacana, com direito à licença-paternidade de 40 dias, dada por empresas descoladas e bacanas.

Além de tornar o emprego ainda mais caro (coisa que a lei trabalhista faz, inviabilizando o emprego no país), a sorte dessas empresas é que as pessoas cada vez mais se separam antes de ter filhos. As que não se separam, por sua vez, ou têm um filho só ou um cachorro. Logo, fica barato posar de empresa descolada e bacana. Queria ver se a moçada fosse corajosa como os antigos e tivesse cinco filhos por casal. Com o crescimento da cultura pet, logo empresas descoladas e bacanas darão licença de uma semana quando o cachorro do casal ficar doente. E esse "direito" será uma exigência do capitalismo consciente. Aliás, descolados e bacanas adotam cachorros vira-latas para comprovar seu engajamento contra a desigualdade social animal.

Um terceiro tipo de gente descolada e bacana é o praticante de formas solidárias de economia. Este talvez seja o tipo mais descolado e bacana dos descritos até aqui nessa tipologia de bolso que ofereço a você, a fim de que aprenda a se mover neste mundo contemporâneo tão avançado em que vivemos.

Uma nova "proposta" (expressões como "proposta" e "projeto" são essenciais se você quer ser uma pessoa descolada e bacana) é oferecer sua casa "de graça" para pessoas morarem com você. Calma! Se o leitor for alguém minimamente inteligente, desconfiará dessa proposta. Algumas dessas propostas ainda vêm temperadas com um discurso de "empoderamento" das mulheres que colaborariam umas com as outras. Explico.

Imagine que uma mãe single ofereça um quarto na casa dela para outra mulher em troca de ela cuidar do maravilhoso e criativo filho pequeno dessa mãe single. Entendeu? Sim, trabalho escravo empacotado pra presente.

Gourmetizado dentro de um discurso de "solidariedade feminina" e economia colaborativa. Na prática, você trabalharia em troca de casa e comida. Essa proposta é ainda mais ridícula do que aquela em que você, jovem, recebe a "graça" de trabalhar de graça pra uma marca famosa que combate a fome na África em troca de experiência e para enriquecer seu "book". Na China eles são mais solidários do que isso, você ganharia pelo menos um dólar.

Sim, o mundo contemporâneo é ridículo de doer. Com suas modinhas e terminologias chiques. Coitada da esquerda que abraça essas pautas criativas. Saudades do Lênin?

(Por Luiz Felipe Pondé. *Folha de S. Paulo*, 31 de Julho de 2017).

Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2017/07/1905751->

descolados-ebacanas-adotam-vira-latas-e-pedem-hostia-gluten-free.shtml

(UNIOESTE 2018) Considerando as palavras entre aspas no texto, assinale a alternativa em que estas NÃO criam efeito de ironia sobre os termos aspeados:

- a) "E esse 'direito' será uma exigência do capitalismo consciente".
- b) "Uma nova 'proposta' é oferecer sua casa 'de graça' para pessoas morarem com você".
- c) "Expressões como 'proposta' e 'projeto' são essenciais se você quer se tornar uma pessoa descolada e bacana".
- d) "Essa proposta é ainda mais ridícula do que aquela em que você, jovem, recebe a 'graça' de trabalhar de graça para uma marca famosa".
- e) "Algumas dessas propostas ainda vêm temperadas com um discurso de 'empoderamento' das mulheres".

Exercício 33

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nosso pensamento, como toda entidade viva, nasce para se vestir de fronteiras. Essa invenção é uma espécie de vício de arquitetura, pois não há infinito sem linha do horizonte. A verdade é que a vida tem fome de fronteiras. Porque essas fronteiras da natureza não servem apenas para fechar. Todas as membranas orgânicas são entidades vivas e permeáveis. ¹São fronteiras feitas para, ao mesmo tempo, delimitar e negociar: o "dentro" e o "fora" trocam-se por turnos.

Um dos casos mais notáveis na construção de fronteiras acontece no mundo das aves. É o caso do nosso tucano, o tucano africano, que fabrica o ninho a partir do oco de uma árvore. ²Nesse vão, a fêmea se empareda literalmente, erguendo, ela e o macho, um tapume de barro. ³Essa parede tem apenas um pequeno orifício, ele é a única janela aberta sobre o mundo. Naquele cárcere escuro, a fêmea arranca as próprias penas para preparar o ninho das futuras crias. ⁴Se quisesse desistir da empreitada, ela morreria, sem possibilidade de voar. ⁵Mesmo neste caso de consentida clausura, a divisória foi inventada para ser negada.

⁶Mas o que aqueles pássaros construíram não foi uma parede: foi um buraco. Erguemos paredes inteiras como se fôssemos tucanos cegos. De um e do outro lado há sempre algo que morre, truncado do seu lado gêmeo. Aprendemos a demarcarmo-nos do Outro e do Estranho como se fossem ameaças à nossa integridade. Temos medo da mudança, medo da desordem, medo da complexidade. ⁷Precisamos de modelos para entender o universo (que é, afinal, um pluriverso ou um multiverso), que foi construído em permanente mudança, no meio do caos e do imprevisível.

A própria palavra "fronteira" nasceu como um conceito militar, era o modo como se designava a frente de batalha. ⁸Nesse mesmo berço aconteceu um fato curioso: um oficial do exército francês inventou um código de gravação de mensagens em alto-relevo. Esse código servia para que, nas noites de combate, os soldados pudessem se comunicar em silêncio e no escuro. Foi a partir desse código que se inventou o sistema de leitura Braille. No mesmo lugar em que nasceu a palavra "fronteira" sucedeu um episódio que negava o sentido limitador da palavra.

A fronteira concebida como vedação estanque tem a ver com o modo como pensamos e vivemos a nossa própria identidade.

⁹Somos um pouco como a tucana que se despluma dentro do escuro: temos a ilusão de que a nossa proteção vem da espessura da parede. Mas seriam as asas e a capacidade de voar que nos devolveriam a segurança de ter o mundo inteiro como a nossa casa.

MIA COUTO

Adaptado de fronteiras.com, 10/08/2014.

(UERJ 2017) A exposição do autor confere um caráter universal ao tema das fronteiras.

No primeiro parágrafo, a marca linguística que melhor evidencia esse caráter conferido ao tema é:

- a) predomínio dos verbos no presente do indicativo
- b) emprego das aspas como índice de formalidade
- c) destaque de estruturas explicativas diversas
- d) uso de elementos de negação categórica

Exercício 34

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Línguas que não sabemos que sabíamos

Recordo um episódio que sucedeu comigo. Em 1989, fazia pesquisa na Ilha da Inhaca quando desembarcou nessa ilha uma equipe de técnicos das Nações Unidas. ¹Vinham fazer aquilo que se costuma chamar de “educação ambiental”. Não quero comentar aqui como esse conceito de educação ambiental esconde muitas vezes uma arrogância messiânica. A verdade é que, munidos de boa-fé, os cientistas traziam malas com projectores de slides e filmes. Traziam, enfim, aquilo que na sua linguagem designavam por “kits de educação”, na ingênua esperança de que a tecnologia é a salvação para problemas de entendimento e de comunicação.

Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras, mas de pensamento. No pódio estavam os cientistas que falavam em inglês, eu, que traduzia para o português, e um pescador que traduzia de português para a língua local, o chidindinhe. Tudo começou logo na apresentação dos visitantes (devo dizer que, por acaso, a maior parte deles eram suecos). “Somos cientistas”, disseram eles. Contudo, a palavra “cientista” não existe na língua local. O termo escolhido pelo tradutor foi inguethla que quer dizer feiticeiro. Os visitantes surgiam assim aos daquela gente como feiticeiros brancos. O sueco que dirigia a delegação (e ignorando o estatuto com que acabara de ser investido) anunciou a seguir: “Vimos aqui para trabalhar na área do Meio Ambiente”.

Ora, a ideia de Meio Ambiente, ²naquela cultura, não existe de forma autônoma e não há palavra para designar exatamente ³esse conceito. O tradutor hesitou e acabou escolhendo a palavra Ntumbuluku, que quer dizer várias coisas mas, sobretudo, refere uma espécie de Big Bang, o momento da criação da humanidade. Como podem imaginar, os ilhéus estavam fascinados: a ⁴sua pequena ilha tinha sido escolhida para estudar um assunto da mais nobre e elevada metafísica.

Já no período de diálogo, o mesmo sueco pediu à assembleia que identificasse os problemas ambientais que mais perturbavam a ilha. A multidão entreolhou-se, perplexa: “Problemas ambientais?”.

E após recíprocas consultas as pessoas escolheram o maior problema: a invasão das ⁵machambas pelos tinguluve, os porcos do mato. Curiosamente, o termo tinguluve nomeia também os espíritos dos falecidos que adoeceram depois de terem deixado de viver. Fossem espíritos, fossem porcos, o consultor estrangeiro não se sentia muito à vontade no assunto dos tinguluve. Ele jamais havia visto tal animal. A assembleia explicou: os tais porcos surgiram misteriosamente na ilha, reproduziram-se na floresta e agora destruíam as machambas.

— Destroem as machambas? Então, é fácil, vamos abatê-los!

A multidão reagiu com um silêncio receoso. Abater espíritos? Ninguém mais quis falar ou escutar fosse o que fosse. E a reunião acabou abruptamente, ferida por uma silenciosa falta de confiança. Já noite, um grupo de velhos me veio bater à porta. Solicitavam que chamasse os estrangeiros para que o assunto dos porcos fosse esclarecido. Os consultores lá vieram, admirados pelo facto de lhes termos interrompido o sono.

— É por causa dos porcos selvagens.

— O que têm os porcos?

— É que não são bem-bem porcos...

COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. IN: *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.

Fragmento.

Disponível em:

<http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13116.pdf>

⁵Terrenos agrícolas para produção familiar.

(G1 - CFTRJ 2017) No trecho Vinha fazer aquilo que se costuma chamar de “educação ambiental” (ref. 1), as aspas servem para

- a) marcar uma ironia.
- b) destacar tom coloquial.
- c) indicar uma citação.
- d) dar ênfase ao assunto.

Exercício 35

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantescos e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente, aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah

Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. ¹Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, ²devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. ³As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. ⁴Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entramos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] ⁵A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. ⁶Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). ⁷“Os vários tipos de receptor situam-se numa ⁸complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa. ⁹Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo Muito Além do Jardim Botânico, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do Jornal Nacional acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. ¹⁰“A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal, nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador”, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846. Acesso em 13/07/2016.)

(ITA 2017) Com relação às estratégias argumentativas utilizadas no texto, é correto afirmar que o autor

- a) vale-se da pergunta retórica do título, respondida afirmativamente por ele mesmo.
- b) apresenta apenas posicionamentos de estudiosos que são idênticos aos seus.
- c) vale-se do uso das aspas nos quatro momentos para se distanciar daquilo que é dito.
- d) utiliza a primeira pessoa do plural para se aproximar do leitor e o persuadir sobre seu ponto de vista.
- e) apresenta com total imparcialidade pontos de vista diversos sobre a manipulação da mídia.

Exercício 36

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Pratique o apego. Não seja descartável

Rebeca Bedone

Nunca se falou e escreveu tanto sobre ser feliz sozinho. Eu mesma já abordei este assunto algumas vezes e continuo acreditando que é bem melhor estar só do que mal acompanhada. Entretanto, vivemos atualmente uma “cultura do desapego” que tem colocado a pessoa na defensiva antes mesmo de ela iniciar uma paquera ou uma nova amizade. Estão confundindo independência emocional com desapego.

Ser independente emocionalmente é estar bem consigo mesmo, sozinho, como unidade, pois não é preciso outra pessoa para se sentir completo. Em outras palavras, é não ser dependente da aprovação alheia para a própria felicidade nem sentir ciúmes do amigo ou do parceiro o tempo todo. Entretanto, ter independência emocional não significa abdicar da união sentimental com alguém. É possível estar com o outro — com mimos, declarações de carinho e até mesmo contato diário — sem ser dependente dele.

Desapego é o não apego, ou seja, é desligar-se de algo ou alguém. Abrir mão de objetos e bens materiais é um desprendimento sadio e demonstra evolução espiritual. Mas ao se cultivar o desapego sentimental (“não vou demonstrar a minha afeição para não parecer fraco”, “se ele não me procura, também não irei procurá-lo”, “não preciso de ninguém” e “vou demorar para responder a mensagem para deixá-lo esperando”), criam-se, desde o início de qualquer relação afetiva, laços sentimentais frágeis.

Parece que a onda agora é se esforçar cada vez menos para estar ao lado de alguém na esfera sentimental. Talvez por insegurança, talvez para evitar qualquer tipo de sofrimento. Acontece que amar não é sofrer. A gente sofre depois que o amor acaba. Mas enquanto ele existe, é um sentimento tão honesto que somos capazes de respeitar a independência emocional do outro sem romper os vínculos afetivos com ele.

Após o término de uma relação que não deu certo, é normal o distanciamento, ou seja, o encerramento daquela etapa da vida. Mas quem inicia um relacionamento pensando “vou ficar na minha para não me apegar muito” já está terminando antes mesmo de começar.

Os relacionamentos superficiais são fruto dessa nova “cultura do desapego”: falta contato físico e sobra frieza emocional. A qualquer contratempo na relação, desiste-se da pessoa e parte-

se para outra. Troca-se de namorado como se troca de roupa. Evita-se a amizade. Criam-se relacionamentos descartáveis. Pessoas descartáveis. Sorrisos descartáveis. Gente descrente. Zack Magiezi resume, em outras palavras, essa falta de ligação com o outro: “No século 21, só os corajosos sabem dizer: preciso de você”.

Está sobrando gente desapegada e está faltando abraço apertado, beijo molhado e carinho no peito. Tem muito grito de individualismo (ou seja, de independência egoísta) para pouco silêncio compartilhado. As pessoas se comunicam via cosmos com suas parafernálias tecnológicas e se esquecem da simplicidade do olho no olho.

É natural desapegar-se do que não te faz bem ou daquilo que te traz infelicidade, mas não é saudável levar uma vida desapegada das pessoas. Os desapegados renunciam aos seus sentimentos. Eles até podem ser felizes sozinhos, mas nunca aprenderão como é bom estar junto de outra pessoa.

Disponível em: <<http://www.revistabula.com/7559-pratique-o-apego-nao-seja-descartavel/>>.
Acesso em: 31 out. 2016.

(UFJF-PISM 2 2017) Desapego é o não apego, ou seja, é desligar-se de algo ou alguém. Abrir mão de objetos e bens materiais é um desprendimento sadio e demonstra evolução espiritual. Mas ao se cultivar o desapego sentimental (“não vou demonstrar a minha afeição para não parecer fraco”, “se ele não me procura, também não irei procurá-lo”, “não preciso de ninguém” e “vou demorar para responder a mensagem para deixá-lo esperando”), criam-se, desde o início de qualquer relação afetiva, laços sentimentais frágeis.

Nesse parágrafo do texto, a autora usou aspas para:

- a) destacar exemplos de falas daqueles que cultuam o desapego sentimental.
- b) criticar comportamentos comumente ridicularizados em relações afetivas.
- c) argumentar em favor daqueles que praticam o desapego sentimental.
- d) sugerir modos de se expressar ao praticar o desapego sentimental.
- e) relatar como é difícil manter relações afetivas no século XXI.

Exercício 37

(UFU 2016) Uma barra: na era das mensagens de texto e das descrições de perfis no Twitter, ela se tornou um sinal de pontuação universal para aqueles que querem descrever rapidamente suas atividades sociais (jantar/drinks), as ambições de carreira (trabalho/diversão) e até mesmo os arranjos amorosos (amigo/amante).

Mas, para alguns integrantes da geração Y (aqueles nascidos entre 1980 e 2000), ela se transformou em uma espécie de marcador de identidade (advogada/atriz; relações públicas/DJ; executiva/cozinheira) para aqueles que trabalham em dois (ou mais) mundos diferentes.

Ao contrário de legiões de americanos que têm vários empregos por necessidade, esses jovens escolhem se esticar entre várias atividades. Enquanto um trabalho geralmente paga as contas, outro permite algo mais criativo. Eles consideram esse coquetel

de atividades essencial para o bem-estar e consideram que se concentrar em apenas uma coisa para o resto da vida é antiquado. “Uma coisa para o resto da minha vida? Absolutamente não”, diz Maxwell Hawes 4º, 25, que atualmente se alterna entre uma companhia de tecnologia para publicidade em San Francisco e uma start-up (empresa iniciante) e de vestuário masculino. “Eu não imagino como seria isso”.

Folha de S. Paulo, 28 de dezembro de 2014.

A citação, entre aspas, presente no fim do texto relaciona-se à ideia desenvolvida no parágrafo anterior com o objetivo de apresentar um(a)

- a) argumento de autoridade.
- b) estratégia de persuasão.
- c) exemplificação como prova.
- d) interlocução direta.

Exercício 38

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) quest(ões).

Dá pra desenhar?

Marcelo Gruman



Numa cena de um de meus comediantes favoritos, ¹Jerry Seinfeld, seu amigo neurótico George se vê às voltas com a necessidade de resgatar alguns livros deixados na casa de uma moça com quem acabou de terminar um relacionamento. Jerry não vê problema algum, mas George não gosta da ideia. Jerry, então, diz para o amigo esquecer os livros, perguntando-lhe se realmente precisa deles. George diz que sim, que precisa dos livros, e Jerry pergunta por quê. George responde que os livros são seus e que, por isso, precisa deles. E por que precisa deles?, insiste Seinfeld. George exclama simplesmente “são livros!”. Seinfeld indaga, então: “Que obsessão é essa com os livros? As pessoas os colocam em suas casas como se fossem troféus. Para que você precisa deles depois de serem lidos?”. E ironiza, finalmente, “Sabe, o legal de ler ²*Moby Dick* pela segunda vez é que *Ahab* e a baleia ficam amigos”.

Quando abro a porta de meu apartamento dou de cara com uma estante cheia de livros, meus troféus. Ali estão meus favoritos da literatura brasileira, João Ubaldo, Veríssimo, Rubem Fonseca, Nelson Rodrigues, Cony, e também os estrangeiros, Saramago, Roth, Dostoiévski, Tchekhov e muitos outros. Também me orgulha uma pequena biblioteca de livros com a temática judaica e outra

com obras que fizeram e fazem parte de minha formação antropológica. A reação de quem se depara com as prateleiras cheias de livros é variada, há quem exclame maravilhado com os títulos ali dispostos, há quem pergunte, à *la Seinfeld*, para que tanto livro, para que acumular poeira e traças. No quarto de meu filho, a galeria de troféus aumenta um pouco a cada mês, somando-se ao folclore brasileiro e gibis da Turma da Mônica e Batman histórias da porquinha Olivia em português e espanhol e clássicos da literatura estrangeira, como *The cat in the hat*. A escola faz a sua parte, o troca-troca de livros entre os colegas e a ida semanal à biblioteca garante que, pelo menos, dois livros sejam lidos fora do horário de estudos formal, geralmente à hora de deitar para dormir.

Damos importância ao livro e, sobretudo, à leitura. Claro, para ler um livro, é preciso, primeiro, saber ler. Cultivamos o hábito da leitura, cultivamos o intelecto, a leitura como instrumento para gerar a autonomia, para a construção da própria trajetória de vida, para a compreensão e interpretação do mundo que nos cerca a partir do nosso ponto de vista, e não de terceiros, uma empobrecida leitura mastigada, enviesada e, muitas vezes, coalhada de preconceitos e estereótipos. A capacidade de ler permite o acesso a mundos até então desconhecidos, do *Saci Pererê*, do *Lobo Mau*, da *Chapeuzinho Vermelho*, da *Mula Sem Cabeça*. Permite a construção de nossa identidade, daquilo que somos, ou melhor, que estamos, porque aquilo que somos pode mudar sempre, é só querermos. Nada mais emocionante do que ver seu filho, de repente, ler o letreiro de uma loja, pela primeira vez. Um novo mundo se abre: um mundo de possibilidades infinitas, mundos infinitos.

Para mim, o livro tem de ter cheiro, às favas com minha alergia à poeira. Eu preciso manuseá-lo, tocá-lo, virar suas páginas. O livro é parte constituinte de quem sou, de minha identidade, é extensão de meu corpo, está impregnado de memória, da minha memória, da minha história. Livro não é produto biodegradável, descartável, pós-moderno, do tipo “lavou, está novo”. O livro estabelece ligações afetivas. Lembro-me de um colega de faculdade comentando, certa vez, com certa excitação, que havia encontrado, num sebo, determinado livro que a namorada procurava fazia não sei quanto tempo. O tesouro seria dado como presente de aniversário. Poderia ser o *Harry Potter* ou *Cinquenta tons de cinza*, boa literatura, má literatura, o importante é ler...

As livrarias no Rio de Janeiro estão desaparecendo, sobretudo os sebos, que teimam em comercializar objetos sujos de história. [...] É a tal “civilização digital”. Se não digital, do ³*kindle* e do ⁴*iPhone*, do ambiente asséptico, inodoro, impessoal de cadeias livres como Cultura, Travessa ou Saraiva, padronizadas. Chegamos à era da “*mcdonaldização*” do hábito de ler. Sem passado, sem futuro, um presente contínuo.

Não bastasse o desprestígio do livro físico, vivemos o “triunfo total da não leitura”, conforme o editor de não ficção e literatura brasileira da Editora Record, Carlos Andreazza, que resolveu lançar a campanha pela “maioridade intelectual”, que considera uma provocação à onda dos livros de colorir. Para ele, o editor também é um educador e tem a obrigação de atrair o leitor jovem-adulto, ampliando o público leitor como uma resposta saudável a esta atração cultural que é “o livro de unir os pontinhos”, como ironicamente o define Joaquim Ferreira dos Santos. Andreazza diz que, hoje, somos obrigados a falar

redundâncias bárbaras como “livro para ler”. Uma piada de mau gosto porque livro pressupõe leitura.

[...] Há não muito tempo, perguntávamos a quem não entendia o que falávamos se gostaria que desenhássemos a explicação. Era uma brincadeira, uma forma de infantilizar o interlocutor. Chegou o dia em que a piada perdeu a graça, porque deixou de ser piada.

Fonte: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Da-pra-desenhar-/39/33645>>, texto adaptado. Acesso em: 03 set. 2015

Vocabulário de apoio:

¹**Jerome “Jerry” Allen Seinfeld** – ator e humorista norte-americano, atua em Nova Iorque, EUA.

²**Moby Dick** – romance do autor estadunidense Herman Melville. O nome da obra é o de uma baleia enfurecida, de cor branca, que conseguiu destruir baleeiros que a haviam ferido. Originalmente foi publicado em três fascículos com o título de *Moby-Dick* ou *A Baleia*, em Londres, em 1851, e, ainda no mesmo ano, em Nova York, em edição integral. O livro foi revolucionário para a época, com descrições intrincadas e imaginativas das aventuras do narrador – Ismael, suas reflexões pessoais, e grandes trechos de não ficção, sobre variados assuntos, como baleias, métodos de caça a elas, arpões, a cor branca (de Moby Dick), detalhes sobre as embarcações e funcionamentos, armazenamento de produtos extraídos das baleias.

³**kindle** – leitor de livros digitais desenvolvido pela subsidiária da *Amazon*, que permite aos usuários comprar, baixar, pesquisar e, principalmente, ler livros digitais, jornais, revistas, e outras mídias digitais via rede sem fio.

⁴**iPhone** – linha de smartphones (telefones celulares multifuncionais) concebidos e comercializados pela *Apple Inc.*

(G1 - CFTMG 2016) O emprego das aspas em “lavou, está novo” (4º parágrafo), tem a função de

- a) ressaltar a ironia do trecho.
- b) enfatizar a opinião do autor.
- c) indicar a reprodução de uma ideia ou slogan.
- d) apontar a citação textual da fala de outra pessoa.

Exercício 39

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir focalizam uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (assentando-se): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (lendo): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher”.

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

(Martins Pena. *Comédias* (1833-1844), 2007.)

(UNIFESP 2016) O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho

- a) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
- b) recorre a jargão próprio da área jurídica.
- c) reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
- d) é desacreditado pelo próprio escrivão.
- e) deve ser interpretado em chave irônica.

Exercício 40

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder a(s) questão(ões).

Você conseguiria ficar 99 dias sem o *Facebook*?

Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ¹ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário.

Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, ²que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

(UNIFESP 2015) Considere o enunciado a seguir:

[...] ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. (ref. 1)

[...] que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”. (ref. 2)

Nos dois trechos, utilizam-se as aspas, respectivamente, para

- a) indicar o sentido metafórico e marcar a fala coloquial.
- b) enfatizar o discurso direto e marcar uma citação.
- c) marcar o sentido pejorativo e enfatizar o sentido metafórico.

d) assinalar a ironia e indicar a fala de uma pessoa.

e) realçar o sentido do substantivo e indicar uma transcrição.

Exercício 41

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) refere(m)-se à crônica a seguir.

Meu ideal seria escrever...

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse — “ai meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente.

Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria — “mas essa história é mesmo muito engraçada!”. [...] Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse — e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse — “por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!”. E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história. [...]

E quando todos me perguntassem — “mas de onde é que você tirou essa história?” — eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”.

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

BRAGA, Rubem. In: *A traição das elegantes*. Record: Rio de Janeiro, 1982, p. 93.

(G1 - CFTMG 2015) No primeiro parágrafo, o uso de aspas na expressão “ai meu Deus, que história mais engraçada!” tem por objetivo

- a) indicar uma fala.
- b) reforçar o humor.
- c) sinalizar uma ironia.
- d) destacar uma citação.

Exercício 42

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Utilize o texto abaixo para responder à(s) questão(ões).

Na semana passada, um telejornal exibiu uma matéria sobre a “morte” das lâmpadas incandescentes. O (ótimo) texto do

repórter começava assim: “A velha e boa lâmpada incandescente, mais velha do que boa...”.

Hábil com as palavras, o repórter desfez a igualdade que a conjunção aditiva “e” estabelece entre “velha” e “boa” e instituiu entre esses dois adjetivos uma relação de comparação de superioridade, que não se dá da forma costumeira, isto é, entre dois elementos (“A rua X é mais velha do que a Y”, por exemplo), mas entre duas qualidades (“velha” e “boa”) de um mesmo elemento (a lâmpada incandescente).

Ao dizer “mais velha do que boa”, o repórter quis dizer que a tal lâmpada já não é tão boa assim. Agora suponhamos que a relação entre “velha” e “boa” se invertesse. Como diria o repórter: “A velha e boa lâmpada incandescente, mais boa do que velha...” ou “A velha lâmpada incandescente, melhor do que velha...”?

Quem gosta de seguir os burros “corretores” ortográficos dos computadores pode se dar mal. O meu “corretor”, por exemplo, condena a forma “mais boa do que velha” (o “mestre” grifa o par “mais boa”). Quando escrevo “melhor do que boa”, o iluminado me deixa em paz. E por que ele age assim? Por que, para ele, não existe “mais bom”, “mais boa”; só existe “melhor”.

(Pasquale Cipro Neto, *Folha de S. Paulo*, 11/07/13)
(INSPER 2014) As aspas empregadas em “o mestre”, na oração “‘o mestre’ grifa o par ‘mais boa’” (último parágrafo), revelam

- a) ironia.
- b) ênfase.
- c) reverência.
- d) apropriação de discurso alheio.
- e) inserção de termo de outro nível linguístico.

Exercício 43

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O silêncio é a matéria significativa por excelência, um continuum significativa. O real da comunicação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso.

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Numa certa perspectiva, a dominante nos estudos dos signos, se produz uma sobreposição entre linguagem (verbal e não-verbal) e significação.

Disso decorreu um recobrimento dessas duas noções, resultando uma redução pela qual qualquer matéria significativa fala, isto é, é remetida à linguagem (sobretudo verbal) para que lhe seja atribuído sentido.

Nessa mesma direção, coloca-se o “império do verbal” em nossas formas sociais: traduz-se o silêncio em palavras. Vê-se assim o silêncio como linguagem e perde-se sua especificidade, enquanto matéria significativa distinta da linguagem.

(Eni Orlandi. *As formas do silêncio*, 1997.)

(UNIFESP 2013) No segundo parágrafo do texto, empregam-se as aspas no termo “condenado” para

- a) atribuir-lhe um segundo sentido, equivalente a culpado.

- b) reforçar-lhe o sentido contextual, equivalente a predestinado.
- c) marcá-lo com sentido conotativo, equivalente a reprovável.
- d) enfatizar-lhe o sentido denotativo, equivalente a desgraçado.
- e) destituí-lo do sentido literal, equivalente a buliçoso.

Exercício 44

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Princesa Arabela, mimada que só ela!

Mylo Freeman

Era uma vez uma princesinha chamada Arabela. Ela morava num grande palácio com seu pai e sua mãe: o rei e a rainha. O dia do seu aniversário estava chegando. Mas o que se pode dar a uma princesinha que tem tudo?

– Minha querida Arabelinha, o que você quer ganhar de presente?
– perguntou o rei. A princesa Arabela pensou... Pensou...

1_ O que você acha de um par de patins com rubis nas rodas? – sugeriu a rainha.

– Eu já tenho – respondeu a princesa Arabela.

– E uma bicicleta dourada?

– Eu já tenho – respondeu a princesa.

– E um ratinho de pelúcia gostoso de abraçar?

– Eu já tenho – respondeu a princesa.

– E uma zebra de balanço?

– Já tenho.

– E um joguinho de chá? E um carrinho de boneca? E um...

2_ Eu já tenho tudo isso! – exclamou a princesa. – Agora eu quero uma coisa diferente. Eu quero... Um elefante!

– Um elê o quê? – gritou a rainha.

– Xiiii... Murmurou o rei. – Onde vamos encontrar um animal desses?

– E quem vai deixar que ele fique conosco?

A princesa Arabela nem quis saber das dificuldades. Ela queria um elefante.

No dia seguinte, o rei ordenou a seus servos que fossem procurar um elefante.

Os servos procuraram por sete dias e sete noites. Voltaram no oitavo dia. Com um elefante.

Finalmente chegou o grande dia do aniversário da princesa Arabela.

3_ Quando ela abriu os olhos de manhã, seu presente já estava lá. Arabela dançou de alegria em volta do elefante.

– Eu vou brincar com ele agora mesmo! – ela disse, toda contente. Venha, Elefante, sente-se aqui!

Elefante ficou parado, triste, olhando para frente.

4_ Ei, você é o meu presente, tem que brincar comigo! – gritou Arabela, impaciente.

Mas Elefante nem se mexeu. Uma grande lágrima escorreu devagar pela sua tromba. E mais uma, e mais outra. Não demorou muito, e a princesa Arabela estava num lago de lágrimas que alcançava seus tornozelos.

5_ Pare com isso, senão eu acabo me afogando! – ela disse.

– Quero ir pra casa! – soluçava Elefante. – Por favor, leve-me de volta.

– Não posso, você é meu presente – protestou a princesa. Mas quando Elefante começou a soluçar de novo, ela gritou depressa: – Por favor, pare de chorar. Eu vou levar você de volta agora mesmo!

Pelo caminho, a princesa Arabela viu uma porção de bichos diferentes.

⁶– Eu quero este, e aquele, e aquele outro também! – Elefante foi andando depressa... Quando finalmente chegaram ao lugar onde Elefante morava, ⁷uma elefantinha correu em direção a eles.

⁸– Mamãe! Você chegou bem na hora! E trouxe meu presente com você!

– Sim, filhinha – Elefante respondeu.

– E é justamente o que você sempre quis: uma princesinha de verdade!

FREEMAN, Mylo. *Princesa Arabela, mimada que só ela!* Tradução Ruth Salles. Coleção Giramundo. São Paulo: Editora Ática, 2008.

(G1 - CMRJ 2019) “– Eu já tenho tudo isso! – exclamou a princesa.” (ref. 2) A palavra sublinhada indica que a princesa

- a) sussurrou bem alto.
- b) reclamou em voz alta.
- c) proferiu com serenidade.
- d) estava exaltada de felicidade.
- e) ordenou que o narrador colocasse o ponto de exclamação.

Exercício 45

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.



Disponível em: <<http://opsquebrou.blogspot.com/2012/08/respeito-terceira-idade.html>>. Acesso em: 01 out. 2018.

(G1 - IFPE 2019) No primeiro balão presente no texto, encontramos a seguinte sentença: “Não nos maltrate!”. Acerca dos aspectos linguísticos presentes nela, julgue as assertivas abaixo.

- I. A oração é iniciada por um advérbio de intensidade: “não”.
- II. O ponto de exclamação é utilizado para indicar a emoção expressa no pedido feito pelo idoso.
- III. O termo nos pertence à mesma classe gramatical que me, conforme emprego na seguinte oração: “não me engane”.
- IV. O uso do modo verbal imperativo, “maltrate”, indica a presença de informalidade.

V. Na oração “Não nos maltrate”, de acordo com a classificação morfológica, é correto afirmar que o termo sublinhado deve ser classificado como pronome possessivo.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) I e V.
- b) I e II.
- c) II e V.
- d) III e IV.
- e) II e III.

Exercício 46

(ITA 2017)

Frasco de âmbar

À força de guardar-te evaporaste!

(Em: *Vivenda*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.)

No poema de Maria Lúcia Alvim intitulado *Frasco de âmbar*, que possui uma atmosfera muito feminina,

- I. a voz lírica expressa-se de modo sentimental – daí o ponto de exclamação – revelando forte afeto do “eu” em relação ao “tu”.
- II. a fala dirigida ao objeto contém um lamento pela sua perda, ocorrida apesar de todo o cuidado e apego que a ele foram dedicados.
- III. o teor metafórico do poema se reforça na associação estabelecida entre a volatilidade do perfume e o sentimento amoroso.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas II.
- d) apenas II e III.
- e) todas.

Exercício 47

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(Dik Browne, *O melhor de Hagar, o Horrível* 5, Porto Alegre: L&PM, 2007)

(G1 - IFSP 2012) No primeiro quadrinho, os pontos de exclamação empregados na fala de Helga contribuem para mostrar que a personagem

- a) espanta-se, pois vê as condições lamentáveis em que seu marido chega em casa.
- b) entristece-se, pois esperava ansiosamente que Hagar lhe trouxesse o que ela havia pedido.
- c) lamenta-se, pois sabe que seu marido não se empenha para dar sustento à família.
- d) irrita-se, pois a chegada de Hagar interrompe o chá e a conversa com sua filha.

e) alegre-se com o retorno do marido, pois ele é o responsável por prover a casa.

Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



<http://bichinhosdejardim.com/tecnologia-que-agiliza/>

(G1 - CFTRJ 2017) O recurso expressivo usado na tirinha está corretamente explicado na alternativa:

- a) A gíria “joça” carrega valor apreciativo.
- b) A onomatopeia “Primm! Primm!” reproduz o som da televisão ligada.
- c) As reticências em “Perdi tudo...” reforçam a tristeza da personagem.
- d) As exclamações em “Atende essa joça!!!” expressam euforia da personagem.

Exercício 49

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir refere(m)-se ao texto abaixo.

O rolezinho da juventude nas ruas do consumo e do protesto

por Renato Souza de Almeida

Os jovens têm criado formas cada vez mais interessantes de manifestação. Desde as jornadas de junho de 2013 — que levou às ruas milhares de brasileiros — até os chamados “rolezinhos” — que também vêm colocando centenas em circulação — se instalou uma crise na análise daqueles que insistiam em afirmar uma possível apatia dessa geração juvenil.

“Sair de rolê...” significa dar uma circulada despretenhosa pela vila ou pela cidade. É possível dar um rolê de trem, de ônibus ou a pé. Geralmente, o rolê está ligado ao lazer ou a alguma prática cultural. ¹Sai de rolê o pichador, o *skatista*, o caminhante... O que vem chamando a atenção de muita gente é como um simples gesto de sair e circular de forma livre tem ocupado um papel central nas principais mobilizações juvenis na cidade de São Paulo nos últimos tempos.

[...] Quem não é mais jovem e sempre morou nas periferias de São Paulo, com raras exceções, vai se recordar que a rua era o espaço por excelência da sociabilidade, do lazer e da convivência. Com a chegada do asfalto, vieram também muitos carros e se instituiu como verdade o discurso de que a rua é lugar perigoso e violento. Para muitos adultos, as políticas culturais só se justificam se for para “tirar os jovens das ruas”. Para os jovens, ao contrário, suas ações culturais só têm força e sentido quando acontecem na rua, no espaço público.

A condenação da rua como espaço da violência veio acompanhada da chegada dos *shopping centers* também às periferias. Muita gente vai ao *shopping* tentar encontrar um vazio deixado pelo “fim” das ruas. Para além do consumo, busca-se num *shopping* um passeio mais livre, solto, e a possibilidade de encontro com pessoas de fora do círculo mais próximo, familiar.

No entanto, esse encontro não acontece. Tampouco a livre circulação. As pessoas só encontram uma multidão “sem rosto e coração” — nos dizeres dos Racionais MC’s —, e a circulação no interior do *shopping* não pode ocorrer de forma livre e espontânea. Ela tem regras claras e rígidas: os pobres podem circular pelo *shopping*, contanto que finjam pertencer a outra classe social. Mesmo que circulem no *shopping* sem recursos para consumir, eles devem desejar consumir. Da mesma forma, os negros podem circular pelo *shopping* tranquilamente, desde que finjam ser brancos nas vestimentas, nos cabelos, no comportamento etc.

Os rolezinhos em *shoppings* — da periferia ou das áreas abastadas —, que se tornaram um fenômeno neste verão, têm características muito semelhantes com os pancadões de rua realizados de forma espontânea e congregam um número significativo de jovens que se reúnem, sobretudo, em torno da expressão cultural do *funk*. O polêmico e famigerado *funk* é um dos principais mobilizadores dos jovens na metrópole paulistana. E um dos segredos da sua força não está necessariamente no apelo sexual de algumas músicas ou na sua batida envolvente, mas na forma como resignificou as ruas para esses jovens. “No dia em que tem pancadão, a rua é nossa!” E se a rua é “nossa”, pode-se fazer qualquer coisa, inclusive não fazer nada... E, se o “som é de preto, de favelado e, quando toca, ninguém fica parado”, não há necessidade de fingir ser outra coisa, como exigem os *shoppings centers*. Ao contrário, é um momento de afirmação dessa mesma identidade periférica.

Nesse sentido, estar no *shopping* — no local que a sociedade estabeleceu para substituir a rua — é bastante provocador. Os rolezinhos levaram para dentro do paraíso do consumo a afirmação daquilo que esse mesmo espaço lhes nega: sua identidade periférica. Se quando o jovem vai ao *shopping* namorar ou consumir com alguns amigos ele deve fingir algo que não é, com os rolezinhos ele afirma aquilo que é! E quando faz essa afirmação ele revela a contradição na lógica dos *shopping centers*. Ou seja, os rolezinhos põem por terra a aparente circulação livre e o espaço aberto que os *shoppings* dizem proporcionar. Quando o jovem afirma, por meio do rolezinho, sua identidade de negro e pobre, a contradição se evidencia e a polícia é acionada, e tão logo o paraíso do consumo e do prazer se revela como o inferno do preconceito racial e da violência.

Esses jovens que hoje mobilizam os rolezinhos são intitulados “geração *shopping center*”, consumista, por parte dos mais velhos. Porém a prática dos rolezinhos nos *shoppings* está revelando a contradição mais aguda desse espaço que tentou tomar o *locus* simbólico da rua. Nos rolezinhos, os jovens não são consumidores, mas produtores. Produzem um novo jeito de circular pelo *shopping*. Produzem uma prática cultural que se contradiz com esse lugar. Produzem contradição e desordem no sistema. E produzem uma nova gramática política ao afirmar sua classe num espaço que existe para negá-la. [...]

Disponível em: < <http://www.diplomatique.org.br> >. Acesso em: 29 ago. 2014 - Artigo publicado em 03 fev. 2014 (fragmento de texto)

(G1 - CFTMG 2015) “Sai de rolê o pichador, o *skatista*, o caminhante... O que vem chamando a atenção de muita gente é

como um simples gesto de sair e circular de forma livre tem ocupado um papel central nas principais mobilizações juvenis na cidade de São Paulo nos últimos tempos.” (ref. 1)

Nesse trecho, o uso das reticências tem sentido equivalente ao emprego do termo

- a) “entretanto”.
- b) “conforme”.
- c) “porque”.
- d) “pois”.

Exercício 50

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar ¹a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— ²Homem, eu da cirurgia não entendo ³**muito**...

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte ⁴saiu o nosso homem pela barra fora: a ⁶fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à ⁵lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.

(FUVEST 2011) Das seguintes afirmações acerca de diferentes elementos linguísticos do texto, a única correta é:

- a) A expressão sublinhada em “para curar a gente a bordo” (ref. 1) deve ser entendida como pronome de tratamento de uso informal.
- b) A fórmula de tratamento (ref. 2) com que o barbeiro se dirige ao marujo mantém o tom cerimonioso do início do diálogo.
- c) O destaque gráfico da palavra “**muito**” (ref. 3) produz um efeito de sentido que é reforçado pelas reticências.
- d) O pronome possessivo usado nos trechos “saiu o nosso homem” (ref. 4) e “lanceta do nosso homem” (ref. 5) configura o chamado plural de modéstia.

e) A palavra “fortuna”, tal como foi empregada (ref.6), pode ser substituída por “bens”, sem prejuízo para o sentido.

Exercício 51

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto

O “Adeus” de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...

E ela, corando, murmurou-me: “adeus.”

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
“Adeus” lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: “adeus!”

Passaram tempos... séc’los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse – “Voltarei!... descansa!...”
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: “adeus!”

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d’Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: “adeus!”

(CASTRO ALVES, Antonio Frederico. *Espumas flutuantes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 51.)

(UEL 2011) Considerando os recursos de composição utilizados no poema, assinale a alternativa correta.

- a) As reticências acentuam a emotividade do par amoroso e assinalam suspensões temporais.
- b) O uso do verso decassílabo reproduz o ritmo da valsa que embala o casal durante todo o poema.
- c) A alternância do comportamento de Teresa entre amor e ódio é marcada pelo refrão.
- d) As inversões sintáticas são utilizadas para intensificar o sofrimento de Teresa.
- e) O uso da comparação na primeira estrofe revela o caráter firme de Teresa.

Exercício 52

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a ¹cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

– Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu ²desdouro, fazei dele um troféu e um ³lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma ⁴esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a Ilíada: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da ⁵venalidade. Um ⁶casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no

contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

¹cogula: espécie de túnica larga, sem mangas, usada por certos religiosos.

²desdouro: descrédito, desonra.

³lábaro: estandarte, bandeira.

⁴esgalgado: comprido e estreito.

⁵venalidade: condição ou qualidade do que pode ser vendido.

⁶casuísta: pessoa que pratica o casuísmo (argumento fundamentado em raciocínio enganador ou falso).

(UNIFESP 2017) No último parágrafo, o principal recurso retórico mobilizado pelo Diabo em sua argumentação a respeito da venalidade é

- a) a repetição.
- b) a interrogação.
- c) a citação.
- d) a hesitação.
- e) a periodização.

Exercício 53

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Pessoas habitadas

¹Estava conversando com uma amiga, dia desses. Ela comentava sobre uma terceira pessoa, que eu não conhecia. Descreveu-a como sendo ²boa gente, esforçada, ótimo caráter. ³"Só tem um probleminha: ⁴não é habitada". Rimos. Uma expressão coloquial na França – habité, – mas nunca tinha escutado por estas paragens e com este sentido. Lembrei-me de uma outra amiga que, de forma parecida, também costuma dizer ⁵"aquela ali tem gente em casa" quando se refere a ⁶pessoas que fazem diferença.

⁷Uma pessoa pode ser altamente confiável, gentil, carinhosa, simpática, mas, se não é habitada, rapidinho coloca os outros pra dormir. Uma pessoa habitada é uma pessoa possuída, não necessariamente pelo demo, ainda que satanás esteja longe de ser má referência. Clarice Lispector certa vez escreveu uma carta a Fernando Sabino dizendo que faltava demônio em Berna, onde morava na ocasião. ⁸A Suíça, de fato, é um país de contos de fada onde tudo funciona, onde todos são belos, onde a vida parece uma pintura, um rótulo de chocolate. Mas ⁹falta uma ebulição que a salve do marasmo.

Retornando ao assunto: pessoas habitadas ¹⁰são aquelas possuídas por si mesmas, em diversas versões. Os habitados

estão preenchidos de indagações, angústias, incertezas, mas não são menos felizes ¹¹por causa disso. Não transformam suas "inadequações" em doença, mas em força e curiosidade. Não recuam diante de encruzilhadas, não se amedrontam com transgressões, não adotam as opiniões dos outros para facilitar o diálogo. São pessoas que surpreendem com um gesto ou uma fala fora do script, sem ¹²nenhuma disposição para serem bonecos de ventríloquos. Ao contrário, encantam pela verdade pessoal que defendem. ¹³Além disso, mantêm com a solidão uma relação mais do que cordial.

¹⁴Então são as criaturas mais incríveis do universo? Não necessariamente. Entre os habitados há de tudo, gente fenomenal e também assassinos, perversos e demais malucos que não merecem abrandamento de pena pelo fato de serem, em certos aspectos, bastante interessantes. Interessam, mas assustam. Interessam, mas causam dano. ¹⁵Eu não gostaria de repartir a mesa de um restaurante com Hannibal Lecter, "The Cannibal", ¹⁶ainda que eu não tenha dúvida de que o personagem imortalizado por Anthony Hopkins renderia um papo mais estimulante do que uma conversa com, ¹⁷sei lá, Britney Spears, que ¹⁸só tem gente em casa porque está grávida.

Que tenhamos a sorte de esbarrar com seres habitados e ao mesmo tempo inofensivos, cujo único mal que possam fazer seja nos fascinar e nos manter acordados uma madrugada inteira. Ou a vida inteira, o que é melhor ainda.

MEDEIROS, Martha. In: Org. e Int. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*. Objetiva, 324-325.

(UECE 2016) Sobre o seguinte enunciado interrogativo: "Então são as criaturas mais incríveis do universo?" (referência 14), é **INCORRETO** dizer que

- a) constitui o que se conhece como pergunta retórica.
- b) é uma tentativa de interação com o leitor por parte do enunciador.
- c) nesse tipo de interrogação, o enunciador espera uma resposta do leitor ou coenunciador.
- d) torna o texto mais vivo, uma vez que há uma tentativa de diálogo.

Exercício 54

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Os usos da casimira inglesa

Estou lhe escrevendo, Matilda, ⁵para lhe transmitir aquilo que a contrariedade (para não falar indignação) me impediu de dizer de viva voz. Note, é a primeira vez que isso acontece nos nossos 35 anos de casados, mas é primeira vez que pode também ser a última. Não é ameaça. É constatação. Estou profundamente magoado com sua atitude e não sei se me recuperarei.

Tudo por causa de sua teimosia. Você insiste, contra todas as minhas ponderações, em dar a seu pai um corte de casimira inglesa como presente de aniversário. Eu já sei o que você vai me dizer: é seu pai, você gosta dele, quer homenageá-lo. Mas, com casimira, Matilda. Com casimira inglesa, Matilda. ¹Que horror, Matilda.

Raciocinemos, Matilda. Casimira inglesa, você sabe o que é isso? A lã dos melhores ovinos, Matilda. ²A tecnologia de um país que, afinal, deu ao mundo a Revolução Industrial. O trabalho de competentes funcionários. E sobretudo tradição, a qualidade. Esse é o tecido que está em questão, Matilda. A casimira inglesa. (...)

Isso, a casimira inglesa. Agora, seu pai.

⁶Ele está fazendo noventa anos. É uma idade respeitável, e não são muitos que chegam lá, mas – quanto tempo ele pode ainda viver? (...) mesmo que ele viva dez anos, mesmo que ele viva vinte anos, a casimira sem dúvida durará mais. Aí, depois que o sepultarmos, depois que voltarmos do cemitério, depois que recebermos os pêsames dos parentes, e dos amigos, e dos conhecidos, teremos de decidir o que fazer com as coisas dele, que são poucas e sem valor – à exceção de um casaco confeccionado com o corte de casimira que você pretende lhe dar. Você, em lágrimas, dirá que não quer discutir o assunto, mas eu terei que insistir, até para o seu bem, Matilda; os mortos estão mortos, os vivos precisam continuar a viver, eu direi. Algumas hipóteses serão levantadas. Vender? Você dirá que não; seu pai, o velho fazendeiro, verdade que arruinado, despreza coisas como comprar e vender, ele acha que ser lojista, como eu, é a suprema degradação. Dar? A quem? A um pobre? Mas não, ele sempre detestou pobres, Matilda, você lembra a frase característica de seu pai: ³tem que matar esses vagabundos. O casaco ficaria pendurado em nosso roupeiro, Matilda. Ficaria pendurado muito tempo lá. A não ser, Matilda, que seu pai dure mais tempo que o casaco. Não apenas isso é impossível, como remete a uma outra interrogação: e o seguro de vida dele, Matilda? E as joias de sua mãe, que ele guarda debaixo do colchão? Quanto tempo ainda terei de esperar?

Estou partindo Matilda. Deixo o meu endereço. Como você vê, estou indo para longe, para uma pequena praia da Bahia. Trópico, Matilda. ⁴Lá ninguém usa casimira.

Moacyr Scliar

Contos reunidos. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

(UERJ 2014) **Ele está fazendo noventa anos. É uma idade respeitável, e não são muitos que chegam lá, mas – quanto tempo ele pode ainda viver?** (ref. 6)

No contexto, a pergunta feita pelo narrador está diretamente ligada à informação acerca da idade do pai de Matilda.

No entanto, entre a informação e a pergunta, o narrador enuncia duas ponderações que possuem a função de:

- a) desfazer a certeza de que a fala é impensada
- b) amenizar o choque que a indagação pode trazer
- c) reiterar a ideia de que o presente é equivocado
- d) enfatizar o realismo que o remetente quer mostrar

Exercício 55

(UFRN 2013) Leia abaixo o trecho de *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

EURICÃO — Ai, gritaram "Pega o ladrão!". Quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouvi gritar "Pega o ladrão!". Ai, a porca, ai meu sangue, ai

minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção?

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 97.

Nessa passagem, a recorrência da interrogação é um recurso literário revelador da

- a) desconfiança da personagem em relação a Santo Antônio e a Nossa Senhora.
- b) perplexidade da personagem resultante da perda da proteção divina.
- c) angústia da personagem perante uma situação tragicômica.
- d) ironia da personagem mediante uma situação cômica.

Exercício 56

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O jogo do salário mínimo

[...] Em menos de trinta minutos, dois times centenários do futebol carioca, Bonsucesso e Olaria, vão se enfrentar num jogo-treino, na preparação para a disputa da segunda divisão do campeonato do Rio.

¹Na arena vazia, os jogadores vivem a desigualdade salarial do futebol brasileiro. Na esperança de chegar a um clube grande, os 22 atletas em campo correm no estádio em troca de um salário mínimo (998 reais) na carteira assinada – ²isso quando não há atraso no pagamento. Juntos, ganham cerca de 22 mil reais – menos de 2% do salário mensal de uma estrela como o atacante Gabriel Barbosa, o Gabigol, do Flamengo. Longe do ³glamour dos estádios padrão Fifa, os 22 em campo no chamado Clássico da Leopoldina, ⁴em referência à antiga linha de trem, são um retrato do precário mercado de trabalho da bola no Brasil.

Levantamento do antigo Ministério do Trabalho revela que a maioria (54%) dos jogadores de futebol do país empregados em 2017 recebia até três salários mínimos (2.811 reais). Os dados constam da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 2017.

[...]

A estatística do antigo Ministério do Trabalho é o único levantamento que tenta mapear os salários no futebol brasileiro.

⁵A CBF fazia uma pesquisa parecida, mas deixou de publicar por causa das distorções criadas pelos contratos de direito de imagem. Segundo a última edição do trabalho da entidade que comanda o futebol nacional, mais de 80% dos jogadores de futebol ganhavam até 1 mil reais por mês em 2016. ⁶Sem citar nomes, a CBF informou que apenas um jogador recebia mais de 500 mil reais, mas o número estava longe da realidade, e o mesmo se pode dizer dos dados da RAIS. O salário em carteira é só uma parte do que os atletas recebem, pois o principal vem dos direitos de imagem e patrocínios.

Mas essa é uma realidade dos clubes grandes. Em clubes como Bonsucesso e Olaria, não há direitos de imagem, já que não há

imagem a ser vendida. Os patrocinadores estão mais para pequenos comerciantes locais do que para grandes financiadores do futebol.

(Sérgio Rangel. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-jogo-do-salario-minimo/>. 31/05/2019.)

(UFPR 2020) Acerca de aspectos relativos à pontuação, assinale a alternativa correta com relação a alguns excertos do texto.

- a) Se o segmento “na arena vazia” (ref. 1) for deslocado para o final do período, a vírgula não poderá ser dispensada, em razão de aspectos gramaticais.
- b) O travessão antes de “isso quando não há atraso no pagamento” (ref. 2) poderia ser substituído por ponto final, sem prejuízo gramatical e do sentido básico do enunciado.
- c) As vírgulas que isolam o segmento “em referência à antiga linha de trem” (ref. 4) são opcionais.
- d) No segmento “A CBF fazia uma pesquisa parecida, mas deixou de publicar...” (ref. 5), a substituição do “mas” por “a qual” dispensaria a necessidade da vírgula.
- e) Se o segmento “Sem citar nomes” (ref. 6) fosse deslocado para depois de “apenas um jogador”, o uso de vírgula poderia ser dispensado.

Exercício 57

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Legado do Iluminismo

¹O pensamento iluminista abraçou a ideia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade. Foi, sobretudo, um movimento secular que procurou desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de seus grilhões. Ele levou a injunção de Alexander Pope, de que “o estudo próprio da humanidade é o homem”, muito a sério. Na medida em que ele também saudava a criatividade humana, a descoberta científica e a busca da excelência individual em nome do progresso humano, os pensadores iluministas acolheram o turbilhão da mudança e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado. Abundavam doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana (uma vez permitidos os benefícios da educação) e razão universal. “Uma boa lei deve ser boa para todos”, pronunciou Condorcet às vésperas da Revolução Francesa, “exatamente da mesma maneira como uma proposição verdadeira é verdadeira para todos”. Essa visão era incrivelmente otimista. Escritores como Condorcet, observa Habermas (1983, p. 9), estavam possuídos “da extravagante expectativa de que as artes e as ciências iriam promover não somente o controle das forças naturais, mas também a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade dos seres humanos”.

²O século XX – com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki – certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há suspeita de que o projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se

contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana. Essa foi a atrevida tese apresentada por Horkheimer e Adorno em *Dialética do esclarecimento* (1972). Escrevendo sob as sombras da Alemanha de Hitler e da Rússia de Stálin, eles alegavam que a lógica que se oculta por trás da racionalidade iluminista é uma lógica da dominação e da opressão. A ânsia por dominar a natureza envolvia o domínio dos seres humanos, o que no final só poderia levar a “uma tenebrosa condição de autodominação”, conforme salienta Bernstein (1985, p. 9). A revolta da natureza, que eles apresentavam como a única saída para o impasse, tinha, portanto, de ser concebida como uma revolta da natureza humana contra o poder opressor da razão puramente instrumental sobre a cultura e a personalidade.

São questões cruciais saber (i) se o projeto do Iluminismo estava ou não fadado desde o começo a nos mergulhar num mundo kafkiano; (ii) se tinha ou não de levar a Auschwitz e Hiroshima; e (iii) se lhe restava ou não poder para formar e inspirar o pensamento e a ação contemporâneos. ³Há quem, como Habermas, continue a apoiar o projeto, se bem que com forte dose de ceticismo quanto às suas metas, com muita angústia quanto à relação entre meios e fins e com certo pessimismo no tocante à possibilidade de realizar tal projeto nas condições econômicas e políticas contemporâneas. E há quem – e isso é o cerne do pensamento filosófico pós-modernista – insista que devemos, em nome da emancipação humana, abandonar por inteiro o projeto iluminista. A posição a tomar depende de como se explica o “lado sombrio” da nossa história recente e do grau até o qual o atribuímos aos defeitos da razão iluminista, e não à falta de sua correta aplicação.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993. p. 23-24. (Adaptado).

(UEG 2020) Considere o seguinte trecho do texto:

“O século XX – com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki – certamente deitou por terra esse otimismo”. (ref. 2).

O travessão duplo é usado no período com a função de

- a) introduzir um discurso direto.
- b) demarcar uma sequência.
- c) ligar um termo ao outro.
- d) sinalizar uma metáfora.
- e) intercalar um aposto.

Exercício 58

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
TEXTO

¹José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política migratória. ²As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos

profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo ¹⁵gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

⁶O repórter tem razão. ³Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons ¹¹– não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem ¹⁶plantar cidades no Brasil Central.

⁷É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. ⁸A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa¹²: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu ¹⁷apetite de vida. ⁹Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para ¹⁸fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, ¹⁰e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, ⁴e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: ⁵o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá¹³, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista¹⁴; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica ¹⁹loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. *In: A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

(ITA 2015) De acordo com as normas gramaticais de pontuação,

I. o travessão da referência 11 serve para realçar uma conclusão do que foi dito anteriormente.

II. os dois pontos da referência 12 podem ser substituídos por ponto e vírgula.

III. a vírgula, em “está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe”, referência 13, pode ser excluída.

IV. o ponto e vírgula da referência 14 pode ser substituído por ponto final.

Estão corretas apenas

- a) I, II e III.
- b) I, III e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

Exercício 59

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

FRONTEIRAS ENTRE GAMES, LIVROS E CINEMA ESTÃO CADA VEZ MENORES

(1) Interatividade, pioneirismo e criação. Essas são as palavras-chave que designam os meios do videogame, do livro e do cinema, e que levam à seguinte conclusão: o entretenimento contemporâneo nunca esteve em tamanha sincronia. Economicamente, são três plataformas com distâncias pequenas (em determinadas vertentes, até opostas), e criativamente, em consonância, a trindade do entretenimento visual caminha para um mundo com fronteiras cada vez mais ínfimas.

(2) Recentemente, o ministro da Cultura espanhol, José Guirao, apresentou um dado sucinto, mas reverberante: em menos de cinco anos, espera-se que o faturamento do país europeu em videogames ultrapasse a arrecadação do mercado literário. Atualmente, o setor editorial do país fatura cerca de 2 bilhões de euros por ano, já a indústria de videogames ficou com pouco mais de 700 milhões de euros em 2017. Por essa perspectiva, a diferença pode até parecer inalcançável, mas tudo muda se considerado que os 700 milhões de euros tinham como marca, no ano anterior, “apenas” 300 milhões, ou seja, o faturamento anual do mercado de videogames mais do que dobrou nas terras do Dom Quixote.

(3) Em geral, a alta de arrecadamento da indústria do videogame mundo afora não é necessariamente uma novidade. O instituto de data base Steam apontou, ainda em maio do ano passado, que, em mídias digitais, os jogos de computadores já rendiam mais do que o streaming de vídeo, livros e música globalmente. E se, na vertente econômica, os números ditam a narrativa, criativamente, contudo, é mais difícil perceber na prática essa exclusão de fronteiras. Mas elas existem. E, para falar sobre isso, nada melhor do que ouvir quem trabalha todo dia nesses meios.

(4) Felipe Dantas é um desenvolvedor de videogames e explica um fator chave que comunga os três meios de forma bem profunda: a narrativa. “Existem narrativas muito fortes que ultrapassam qualquer meio. São enredos que funcionam não só nos filmes, mas também em livros e videogames. Ter essa boa narrativa é a principal forma de quebrar fronteiras”, afirma ele.

(5) Bárbara Moraes é uma autora brasileira que vê essa quebra de fronteiras de uma maneira extremamente positiva: “É super interessante, eu acho que não existem mais barreiras, na verdade.

Lembro que um dos meus jogos favoritos tinha uma enciclopédia de personagens e passos, e eu parava para ficar lendo, em um jogo! Eu amava. Eu acho que está tudo integrado, as ideias são contadas de várias formas diferentes e cada meio dá uma roupagem diferente para a história. Cada uma dessas obras acaba completando a outra”.

(6) Mas existe o risco dos livros perderem público para outros meios? De acordo com a autora, não: “Eu acho que, querendo ou não, sempre vai ter um (meio de entretenimento) mais popular, eu não acho que um interfere na produtividade do outro, os meios e as formas de contar história são independentes e podem se manter”. Bárbara também deixa claro como reagiria caso uma de suas obras literárias fosse adaptada para outros meios: “Eu ia amar, mesmo que não fosse uma adaptação boa, ia popularizar meu trabalho; eu toparia, sim”.

(7) Segundo o professor do departamento de comunicação da Universidade Católica de Brasília, Ciro Inácio Marcondes, a ideia de uma consciência “transmídia” não é algo novo, pelo contrário, já marca um fluxo de conhecimento da humanidade - “como desde o texto oral para os livros” -, mas, atualmente, ganha um panorama monetário: “Essa questão da intermedialização tem se proliferado no contexto da comunicação, e essas narrativas transmídias passam não só pelos meios que foram criados, mas, também, por redes sociais, marketing, e isso funciona, inclusive, como uma nova economia”.

(8) Mas, afinal, o fim das fronteiras no entretenimento é para o bem ou para o mal? A questão principal dessa discussão não tem uma solução simples: “Eu, sinceramente, não consigo ter uma opinião qualitativa. É muito complexo “bater o martelo”. É um fenômeno que já acontece, o grande desafio é você marcar cada cultura com uma vertente, e a expectativa é isso aumentar, pois as mídias já são muito manipuláveis e isso não tem como mudar, é um circuito novo que já está aí”, conclui o acadêmico.

NUNES, Ronayre. *Fronteiras entre games, livros e cinema estão cada vez menores*. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/02/24/interna_diversao_arte,739280/relacao-entre-games-e-filmes.shtml. Acesso em: 25 out. 2019 (adaptado).

(S1 - IFPE 2020) Os parênteses foram utilizados em “sempre vai ter um (meio de entretenimento) mais popular” (6º parágrafo) para

- a) inserir um comentário do autor do texto sobre o meio ao qual se referia.
- b) explicar o significado de um termo, uma vez que “meio” pode ter mais de uma interpretação.
- c) tornar o texto mais claro, expondo algo que ficou implícito na fala da entrevistada.
- d) indicar a supressão de uma parte que foi dita pela entrevistada, mas que o jornalista omitiu.
- e) transcrever a fala da entrevistada na íntegra.

Exercício 60

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam, a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confia-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas tem criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências "ao gosto do cliente", como dizem por aí. Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza. O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco. Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

D.A., *O Globo*, em 10 de julho de 2019.

(G1 - COL. NAVAL 2020) Em "Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida." (3º parágrafo), o texto entre parênteses indica uma:

- a) ideia irônica que passa pela cabeça do autor no momento em que ele escrevia.
- b) informação acessória, podendo ser retirada sem prejuízo de entendimento.
- c) questão de estilo pessoal, bastante característica nos textos jornalísticos atuais.
- d) informação bastante relevante, a qual não pode passar despercebida pelo leitor.
- e) confissão feita ao leitor, fazendo-o enxergar, claramente, os sentimentos do autor.

Exercício 61

(G1 - IFPE 2019) Leia o texto para responder à questão.

A HORA DA ESTRELA

Macabéa por acaso vai morrer? Como posso saber? E nem as pessoas ali presentes sabiam. Embora por via das dúvidas algum vizinho tivesse pousado junto do corpo uma vela acesa. O luxo da rica flama parecia cantar glória.

(Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, joias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.)

Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Disponível em: <<https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2013/12/a-hora-da-estrela.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018.

No trecho reproduzido no texto acima, Macabéa havia acabado de ser atropelada. A característica linguística que se destaca especialmente no trecho entre parênteses é

- a) o sarcasmo, já que o narrador zomba da agonia da personagem.
- b) a metalinguagem, pois o narrador comenta o próprio ato de narrar.
- c) a interpelação, pois o narrador não inclui seu leitor potencial.
- d) o rebuscamento, uma vez que a forma do gênero romance era fundamental nas narrativas de Clarice.

e) a objetividade, que foca na ação e priva a narrativa de subjetividades e de conjecturas sobre a própria história narrada.

Exercício 62

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

(...) Minutos depois, já sozinhos, o médico foi sentar-se ao lado da mulher, o rapazinho estrábico dormitava num canto do sofá, o cão das lágrimas, deitado, com o focinho sobre as patas dianteiras, abria e fechava os olhos de vez em quando para mostrar que continuava vigilante, pela janela aberta, apesar da altura a que estava o andar, entrava o rumor das vozes alteradas, as ruas deviam estar cheias de gente, a multidão a gritar uma só palavra, Vejo, diziam-na os que já tinham recuperado a vista, diziam-na os que de repente a recuperavam, Vejo, vejo, em verdade começa a parecer uma história doutro mundo aquela em que se disse, Estou cego. (...) Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, 1Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.

A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava.

JOSÉ SARAMAGO

Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

(UERJ 2018) Em Ensaio sobre a cegueira, o autor testa os limites da expressão ao convencionar um novo sistema de pontuação. Uma dessas inovações diz respeito à representação do discurso direto, como se pode observar no diálogo representado no texto.

Identifique dois recursos empregados para representar o discurso direto e explique o efeito que essa representação traz para o fluxo da narrativa.

Exercício 63

(UEL 2016) Leia o texto a seguir.

O Encanto Feminista

Em seu primeiro discurso na ONU como embaixadora da Boa Vontade para Mulheres, a atriz britânica de 24 anos Emma Watson surpreendeu. Famosa por interpretar a astuta Hermione – a melhor amiga do bruxo Harry Portter – a atriz jogou um novo encanto sobre o feminismo. Conquistou repercussão mundial e sua fala acabou se transformando em ação de marketing contra o site 4chan, que recentemente abrigou fotografias de artistas nuas como Jennifer Lawrence e Kim Kardashian, e mobilizou anônimos e famosos a aderir à campanha “HeForShe”. O principal ponto de seu discurso foi o chamamento aos homens para entrarem na causa. Disse a atriz que o feminismo não pode ser confundido com ódio aos homens e que a participação masculina é essencial para que a igualdade de gêneros seja alcançada. “Se não se obriga um homem a acreditar que precisa ser agressivo, a mulher não será submissa. Quero que os homens se comprometam para que suas filhas, irmãs e mães se libertem do preconceito e também para que seus filhos sintam que têm permissão para ser

vulneráveis, humanos e uma versão mais honesta e completa deles mesmos”, disse.

(BOECHAT, R. *IstoÉ*. 1 out. 2014. Semana. ano 38. n.2340. p.23.)

Observe, a seguir, a pontuação utilizada em três fragmentos do texto.

I. Famosa por interpretar a astuta Hermione – a melhor amiga do bruxo Harry Portter – a atriz jogou um novo encanto sobre o feminismo.

II. Conquistou repercussão mundial e sua fala acabou se transformando em ação de marketing contra o site 4chan, que recentemente abrigou fotografias de artistas nuas como Jennifer Lawrence e Kim Kardashian, e mobilizou anônimos e famosos a aderir à campanha “HeForShe”.

III. Quero que os homens se comprometam para que suas filhas, irmãs e mães se libertem do preconceito e também para que seus filhos sintam que têm permissão para serem vulneráveis, humanos e uma versão mais honesta e completa deles mesmos.

A partir da leitura do texto e dos três fragmentos, responda aos itens a seguir.

a) Explique e compare o uso dos travessões duplos no fragmento I com o uso das vírgulas no fragmento II.

b) Compare o uso das vírgulas nos fragmentos II e III.

Exercício 64

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

Havia já quatro anos que Eugênio se achava no seminário sem visitar sua família. Seu pai já por vezes tinha escrito aos padres pedindo-lhes que permitissem que o menino viesse passar as férias em casa. Estes porém, já de posse dos segredos da consciência de Eugênio, receando que as seduções do mundo o arredassem do santo propósito em que ia tão bem encaminhado, opuseram-se formalmente, e responderam-lhe, fazendo ver que aquela interrupção na idade em que se achava o menino era extremamente perigosa, e podia ter péssimas consequências, desviando-o para sempre de sua natural vocação.

Uma ausência, porém de quatro anos já era excessiva para um coração de mãe, e a de Eugênio, principalmente depois que seu filho andava mofino e adoentado, não pôde mais por modo nenhum conformar-se com a vontade dos padres. Estes portanto, muito de seu mau grado, não tiveram remédio senão deixá-lo partir.

(Bernardo Guimarães. *O Seminarista*, 1995)

(FGV 2016) Observe as reescritas do texto e responda conforme solicitado entre parênteses.

a) Seu pai já por vezes tinha escrito aos padres pedindo-lhes à permissão para que o menino viesse passar as férias em casa. / ... opuseram-se formalmente à ideia, e responderam de forma negativa inicialmente. (Justifique se os usos do acento indicativo da crase estão ou não de acordo com a norma-padrão.)

b) Para um coração de mãe porém uma ausência de quatro anos já era excessiva... (Pontue o texto e justifique a pontuação realizada.)

Exercício 65

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO IV

O dia abriu seu para-sol bordado

O dia abriu seu para-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua – a Lua! – em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado...

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranquila de um açude..

MARIO QUINTANA

Prosa e verso. Porto Alegre: Globo, 1978.

(UERJ 2009) Há no poema de Mario Quintana um mesmo sinal de pontuação – o ponto de exclamação – que aparece em versos diferentes e com sentidos distintos. Explícite o valor semântico atribuído a esse sinal em cada um dos versos.

Exercício 66



(Charles M. Schulz. *É hora da escola, Charlie Brown*, 2014.)

Contribui para o efeito de humor do cartum o recurso à seguinte figura de linguagem:

- a) sinestesia.
- b) personificação.

- c) pleonismo.
- d) eufemismo.

e) paradoxo.

Exercício 67

(G1 - ifsul 2020) Leia a charge abaixo, do cartunista Junião, para responder à questão:



Disponível em: <<http://www.junião.com.br/category/junião-charge-humor-cartum>>. Acesso em: 01 set. 2019.

Por apresentar teor conotativo, a charge pode ser associada a uma figura de linguagem.

A partir dessa afirmação, é correto afirmar que

- a) a árvore cortada e os novos galhos nascendo representam, na charge, metonimicamente a esperança de uma sociedade mais justa, apesar de ter existido um longo período de escravidão em nosso país.
- b) as raízes profundas, presentes na imagem, representam metaforicamente o quão complexo é acabar com o racismo no Brasil, pois a ideia de raça foi historicamente construída e mantida por muito tempo em nosso país.
- c) a charge estabelece uma comparação entre a persistência do racismo no Brasil e os problemas ambientais existentes no país, afirmação possível de ser comprovada, pois os dois problemas possuem a mesma origem histórica.
- d) a imagem presente na charge é uma personificação do racismo, pois atribui vida a uma ideia, que não existe autonomamente, dependendo de pessoas que sintam e pratiquem o racismo para que ela possa existir.

Exercício 68

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando

Quando você me clica,
quando você me conecta, me liga,
quando entra nos meus programas, nas minhas janelas,
quando você me acende, me printa, me encompassa,
me sublinha, me funde e me tria:
meus pensamentos esvoaçam,

meus títulos se põem maiúsculos,
e meu coração tropeja!

(CAPPARELLI, Sérgio. *33 ciberpoemas e uma fábula digital*. Porto Alegre: L&PM, 2001.)

(G1 - epcar (Cpcar) 2020) Leia as quatro afirmações abaixo referentes ao poema “Quando”:

- I. No poema, verifica-se a presença do recurso estilístico da anáfora.
- II. Em “e meu coração tropeja”, há personificação e o verbo indica fenômeno da natureza.
- III. No verso “meus títulos se põem maiúsculos”, vê-se que o sentido é conotativo.
- IV. Em “quando você me conecta, me clica”, há dez sílabas poéticas.

Estão corretas as afirmações

- a) I e II apenas
- b) II e IV apenas.
- c) I, III e IV apenas.
- d) I, II, III e IV.

Exercício 69

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o início do conto “Luís Soares”, de Machado de Assis, para responder à(s) questão(ões).

Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade. O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir, ao passo que a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver. Livre em todas as minhas ações, não quero sujeitar-me à lei absurda que a sociedade me impõe: velarei de noite, dormirei de dia.

Contrariamente a vários ministérios, Soares cumpria este programa com um escrúpulo digno de uma grande consciência. A aurora para ele era o crepúsculo, o crepúsculo era a aurora. Dormia 12 horas consecutivas durante o dia, quer dizer das seis da manhã às seis da tarde. Almoçava às sete e jantava às duas da madrugada. Não ceava. A sua ceia limitava-se a uma xícara de chocolate que o criado lhe dava às cinco horas da manhã quando ele entrava para casa. Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se.

Não lia jornais. Achava que um jornal era a coisa mais inútil deste mundo, depois da Câmara dos Deputados, das obras dos poetas e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.

(*Contos fluminenses*, 2006.)

(Famerp 2020) Assinale a alternativa que apresenta um trecho do texto e uma figura de linguagem que nele ocorre.

- a) “O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir” (1º parágrafo) – personificação.
- b) “a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver” (1º parágrafo) – eufemismo.
- c) “Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade” (1º parágrafo) – gradação.
- d) “Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia” (3º parágrafo) – pleonasmo.
- e) “Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade” (3º parágrafo) – paradoxo.

Exercício 70

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto “VII”, de Cláudio Manuel da Costa, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão fluorescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

(Cláudio Manuel da Costa. *Obras*, 2002.)

O eu lírico recorre ao recurso expressivo conhecido como hipérbole no verso:

- a) “Quem fez tão diferente aquele prado?” (1ª estrofe)
- b) “E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.” (1ª estrofe)
- c) “Quanto pode dos anos o progresso!” (2ª estrofe)
- d) “Que faziam perpétua a primavera.” (3ª estrofe)
- e) “Árvores aqui vi tão fluorescentes,” (3ª estrofe)

Exercício 71

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador. Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais

próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obtive um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguir introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(*O imaginário cotidiano*, 2002.)

(Unifesp 2020) Em “Mediante cruzamentos sucessivos, obtive um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh” (5º parágrafo), o cronista recorre à figura de linguagem denominada:

- a) metonímia.
- b) hipérbole.
- c) eufemismo.
- d) personificação.
- e) pleonismo.

Exercício 72

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere os versos do poema “As trevas”, que integra a obra *Espumas flutuantes*, de Castro Alves, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

“Tive um sonho em tudo não foi sonho!...

O sol brilhante se apagava: e os astros,
Do eterno espaço na penumbra escura,
Sem raios, e sem trilhos, vagueavam.
A terra fria balouçava cega
E tétrica no espaço ermo de lua.
A manhã ia... vinha ... e regressava...
Mas não trazia o dia! Os homens pasmos
Esqueciam no horror dessas ruínas
Suas paixões: E as almas conglobadas
Gelavam-se num grito de egoísmo
Que demandava ‘luz’. Junto às fogueiras

Abrigavam-se... e os tronos e os palácios,
Os palácios dos reis, o albergue e a choça
Ardiam por fanais. Tinham nas chamas
As cidades morrido. Em torno às brasas
Dos seus lares os homens se grupavam,
P’ra à vez extrema se fitarem juntos.
Feliz de quem vivia junto às lavas
Dos vulcões sob a tocha alcantilada!”

(Ufms 2020) As figuras de linguagem estão presentes em textos poéticos e produzem expressividade no discurso, criando efeitos de sentido variados. Assinale a alternativa que nomeia a figura em destaque nos seguintes versos: “E as almas conglobadas/**Gelavam-se** num grito de egoísmo”.

- a) Aliteração.
- b) Comparação.
- c) Metonímia.
- d) Catacrese.
- e) Sinestesia.

Exercício 73

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Mundo Pequeno I

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas maravilhosas.
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves.
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco,
os besouros pensam que estão no incêndio.
Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa.
Ele me rã.
Ele me árvore.
De tarde um velho tocará sua flauta para inverter
os ocasos.

Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/poemas-de-manoel-de-barros/>>

Acesso em: 25 ago. 2019

(G1 - ifsul 2020) A figura de linguagem presente em “Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os besouros pensam que estão no incêndio” é

- a) catacrese
- b) eufemismo
- c) prosopopeia
- d) anáfora

Exercício 74

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(G1 - ifpe 2020) Observando o uso de figuras de linguagem no texto, analise as afirmativas abaixo como verdadeiras ou falsas.

- () O termo “papel” é uma metáfora para “planeta”, na tirinha.
 () Ao dizer “este é o meu planeta”, a criança cria um paradoxo, já que não existiria um mundo só de crianças.
 () A tirinha trabalha com antíteses: tanto o tamanho do adulto e da criança quanto seus pontos de vista se chocam.
 () A fala da criança “eu vi você deixar cair o papel” é um eufemismo para “eu vi você jogar lixo no chão”.
 () O termo “Coroa” é utilizado como uma personificação, que atribui características humanas a objetos inanimados.

A sequência CORRETA é

- a) F V F F V.
 b) V V V V F.
 c) F F V V V.
 d) F F V V F.
 e) V V F F F.

Exercício 75

(Fuvest 2020) O vídeo “Por que mentiras óbvias geram ótima propaganda” destaca quatro aspectos principais da propaganda russa: 1) alto volume de conteúdo; 2) produção rápida, contínua e repetitiva; 3) sem comprometimento com a realidade; e 4) sem consistência entre o que se diz entre um discurso e outro. Essencialmente, isso é o *firehosing* (fluxo de uma mangueira de incêndio). O conceito foi concebido após cerca de seis anos de observação do governo de Vladimir Putin. No entanto, é impossível não notar as semelhanças com as táticas discursivas de políticos ocidentais.

Para tentar inibir efeitos da tática, apenas rebater as mentiras disseminadas não é uma ação eficaz. Já mostrar outra narrativa, tal como contar como funciona a criação de mentiras dos propagandistas, sim, seria um método mais efetivo. De maneira simplificada, é o que o linguista norte-americano George Lakoff chama de verdade-sanduíche: primeiro exponha o que é verdade; depois aponte qual é a mentira e diga como ela é diferente do fato verdadeiro; depois repita a verdade e conte quais são as consequências dessa contradição. A ideia é tentar desmentir discursos falsos sem repeti-los.

Le Monde Diplomatique Brasil, “Firehosing: a estratégia de disseminação de mentiras usada como propaganda política”.

Disponível em <https://diplomatique.org.br/>. Adaptado.

- a) De que maneira o conceito de *firehosing* aproxima-se da imagem do fluxo de uma mangueira de incêndio?

- b) Explique com suas palavras a metáfora “verdade-sanduíche” usada pelo linguista George Lakoff.

Exercício 76

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

5. Perigo das Armas

Entre para a escola mista de D. Matilde.

Ela me deu um livro com cem figuras para contar a mamãe a história do Rei Carlos Magno.

Roldão num combate espetou com um pau a gengiva aflita do Maneco que era filho da venda da esquina e mamãe botou no fogo a minha Durindana.

6. Maria da Glória

Preta pequenina do peso das cadeias. Cabelos brancos e um guarda-chuva.

O mecanismo das pernas sob a saia centenária desenrolava-se da casa lenta à escola pela manhã branca e de tarde azul.

la na frente bamboleando maleta pelas portas lampiões eu menino.

7. Felicidade

Napoleão que era um grande guerreiro que Maria da Glória conheceu em Pernambuco disse que o dia mais feliz da vida dele foi o dia em que eu fiz a minha primeira comunhão.

8. Fraque do ateu

Saí de D. Matilde porque marmanjo não podia continuar na classe com meninas.

Matricularam-me na escola modelo das tiras de quadros nas paredes alvas escadarias e um cheiro de limpeza.

Professora magrinha e recreio alegre começou a aula da tarde um bigode de arame espetado no grande professor Seu Carvalho.

No silêncio tique taque da sala de jantar informei mamãe que não havia Deus porque Deus era a natureza.

Nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o Inferno.

ANDRADE, Oswald. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 1990.

(Ufjf-pism 2 2017) Explique a metáfora presente na ida de Seu Carvalho para o inferno no desfecho do episódio “Fraque de Ateu”.

Exercício 77

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Língua brasileira (fragmento)

[...] ¹O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de ²dialetos diferentes.

³No Rio de Janeiro é “*merrmão! CB, sangue bom!*” Até eu entender que merrmão era “meu irmão” levou um tempo. ⁴Para conseguir se comunicar, além de arranhar a garganta com o erre, você precisa aprender a chiar que nem chaleira velha: “*vai rolá umasch paradasch ischperrtasch*”.

Na cidade de São Paulo eles botam um “i” a mais na frente do “n”: “ôrra meu! Tô por dentro, mas não tô inteindendo o que eu tô veindo”. E no interiorrrr falam um erre todo enrolado: “a Ferrrnanda marrrcô a porrrteira”. Dá nó na língua. A vantagem é que ⁵a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em Mins, quer dizer, em Minas, eles engolem letras e falam *Belzonte, Nossenhora, Doidemais da conta, sô!* Qualquer objeto é chamado de *trem*. Lembrei daquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou apontando as malas: “*Muié, pega os trem que o bicho tá vindo*”.

No Nordeste é tudo *meu rei, bichinho, ó xente*. Pai é *painho*, mãe é *mainha*, vó é *voinha*. E pra você conseguir falar com acento típico da região, é só cantar a primeira sílaba de qualquer palavra numa nota mais aguda que as seguintes. As frases são sempre em escala descendente, ao contrário do sotaque gaúcho.

⁶Mas o lugar mais interessante de todos é Florianópolis, um paraíso sobre a terra, abençoado por Nossa Senhora do Desterro. Os nativos tradicionais, conhecidos como Manezinhos da Ilha, têm o linguajar mais simpático da nossa língua brasileira. Chamam lagartixa de *crocodilinho de parede*. Helicóptero é *avião de rosca* (que deve ser lido rôschca). Carne moída é *boi ralado*. Telefone público, o popular *orelhão*, é conhecido como *poste de prosa* e a ficha de telefone é *pastilha de prosa*. Ovo eles chamam de *semente de galinha* e motel é *lugar de instantinho*. [...]

(RAMIL, Kledir. *Tipo assim*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003. p. 75-76.)

2 - dialetos: variedades regionais de uma língua

(G1 - cp2 2012) No período destacado do quarto parágrafo do texto “**Muié pega os trem que o bicho tá vindo**”, há duas metáforas: **trem** e **bicho**.

Qual o significado de cada uma dessas duas palavras, de acordo com o texto?

Exercício 78

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO II

A dança dos ossos

A noite, límpida e calma, tinha sucedido a uma tarde de pavorosa tormenta, nas profundas e vastas florestas que bordam as margens do Paranaíba, nos limites entre as províncias de Minas e de Goiás.

Eu viajava por esses lugares, e acabava de chegar ao porto, ou recebedoria, que há entre as duas províncias. Antes de entrar na mata, a tempestade tinha me surpreendido nas vastas e risonhas campinas que se estendem até a pequena cidade de Catalão, donde eu havia partido.

Seriam nove a dez horas da noite; junto a um fogo aceso defronte da porta da pequena casa da recebedoria, estava eu, com mais algumas pessoas, aquecendo os membros resfriados pelo terrível banho que a meu pesar tomara. A alguns passos de nós se desdobrava o largo veio do rio, refletindo em uma chispa retorcida, como uma serpente de fogo, o clarão avermelhado da

fogueira. Por trás de nós estavam os cercados e as casinhas dos poucos habitantes desse lugar, e, por trás dessas casinhas, estendiam-se as florestas sem fim.

No meio do silêncio geral e profundo sobressaía o rugido monótono de uma cachoeira próxima, que

ora ¹estrugia como se estivesse a alguns passos de distância, ora quase se ²esvaecia em abafados murmúrios, conforme o correr da viração.

⁴No sertão, ao cair da noite, todos tratam de dormir, como os passarinhos. As trevas e o silêncio são sagrados ao sono, que é o silêncio da alma.

⁵Só o homem nas grandes cidades, o tigre nas florestas, o ³mocho nas ruínas, as estrelas no céu e o gênio na solidão do gabinete costumam velar nessas horas que a natureza consagra ao repouso.

Entretanto, eu e meus companheiros, sem pertencer a nenhuma dessas classes, por uma exceção de regra estávamos acordados a essas horas.

Meus companheiros eram bons e robustos caboclos, dessa raça semisselvática e nômade, de origem dúbia entre o indígena e o africano, que vagueia pelas infindas florestas que correm ao longo do Paranaíba, e cujos nomes, decerto, não se acham inscritos nos assentos das freguesias, e nem figuram nas estatísticas que dão ao império... não sei quantos milhões de habitantes.

BERNARDO GUIMARÃES

TUFANO, Douglas (org.) *Antologia do conto brasileiro. Do Romantismo ao*

Modernismo. São Paulo: Moderna, 2005.

Vocabulário:

ref. 1: estrugia – vibrava fortemente

ref. 2: esvaecia – desfalecia

ref. 3: mocho – coruja

(Uerj) No texto II, Bernardo Guimarães emprega diferentes figuras de linguagem.

Observe o fragmento:

“No sertão, ao cair da noite, todos tratam de dormir, como os passarinhos. As trevas e o silêncio são sagrados ao sono, que é o silêncio da alma.” (ref. 4)

Retire desse fragmento uma figura de linguagem, nomeando-a. Explique também a relação entre o emprego dessa figura e a estética romântica.

Exercício 79

(UFG 2007) Leia o poema de Cruz e Sousa.

ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
De uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,

Agita os guizos, e convulsionado
Salta, "gavroche", salta, "clown", varado
Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
Nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,
Afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

SOUSA, Cruz e. "Broquéis, Faróis e Últimos sonetos". 2a. ed.
reform., São Paulo: Ediouro, 2002. p. 39-40. (Coleção super
prestígio).

Vocabulário:

"gavroche": garoto de rua que brinca, faz estripulias

"clown": palhaço

estertor: respiração rouca típica dos doentes terminais

estuoso: que ferve, que jorra

Uma característica simbolista do poema apresentado é a

- a) linguagem denotativa na composição poética.
- b) biografia do poeta aplicada à ótica analítica.
- c) perspectiva fatalista da condição amorosa.
- d) exploração de recursos musicais e figurativos.
- e) presença de estrangeirismos e de barbarismos.

Exercício 80

(EEAR 2017) Leia:

Meteoro
(Sorocaba)

Te dei o Sol
Te dei o Mar
Pra ganhar seu coração
Você é raio de saudade
Meteoro da paixão
Explosão de sentimentos que eu não pude acreditar
Aaaahh...
Como é bom poder te amar [...]

O trecho da canção de autoria de Sorocaba, que ficou famosa na voz de Luan Santana, está escrito em linguagem coloquial. Quanto ao uso dos pronomes oblíquos, marque a alternativa correta.

- a) Se o autor tivesse optado pelo uso do pronome de acordo com a gramática normativa, e, desse modo, tivesse realizado a colocação do pronome oblíquo após as formas verbais com que se inicia os dois versos do início da canção, seria possível interpretações diferentes das apresentadas por conta de cacofonia (união sonora de sílabas que provoca estranheza auditiva).
- b) O fato de o texto trazer pronomes oblíquos em vez de retos acentua a ideia de precisão ao escrever de acordo com as normas estabelecidas pela gramática normativa, pois os oblíquos, de uso

mais elaborado que os retos, garantem mais legibilidade ao texto escrito ou falado.

c) A opção pelo uso de pronomes oblíquos é um indício das tentativas do autor de gerar duplo sentido em seus enunciados, uma vez que nos dois primeiros versos houve ajuste preciso ao que se determina nas gramáticas de língua portuguesa.

d) Os pronomes oblíquos presentes no trecho da canção visam promover elegância e estilo, uma vez que estão estritamente de acordo com o que se preconiza nas gramáticas normativas.

Exercício 81

(UNESP 2016) TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Poema só para Jaime Ovalle¹

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).
Chovia.
Chovia uma triste chuva de resignação
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...
– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

(*Estrela da vida inteira*, 1993.)

¹ Jaime Ovalle (1894-1955): compositor e instrumentista.

Aproximou-se do meio intelectual carioca e se tornou amigo íntimo de Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Sérgio Buarque de Hollanda e Manuel Bandeira. Sua música mais famosa é “Azulão”, em parceria com o poeta Manuel Bandeira. (*Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*)

Pleonismo (do grego *pleonasmós*, superabundância): emprego de palavras redundantes, de igual sentido; redundância. Há o pleonismo vicioso, decorrente da ignorância da língua e que deve ser evitado, e o pleonismo estilístico, usado intencionalmente para comunicar à expressão mais vigor ou intensidade.

(Domingos Paschoal Cegalla. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, 2009. Adaptado.)

Transcreva o verso em que se verifica a ocorrência de um pleonismo. Justifique sua resposta.

Identifique ainda duas características do poema, uma formal e outra temática, que o vinculam ao movimento modernista brasileiro.

Exercício 82

Gerundismo - evite esse vício de linguagem

Tanto se tem falado a respeito de gerundismo, que já há quem tenha prática sobre o uso do gerúndio. Há até quem pergunte se o gerúndio não é mais usado ou se é errado o seu emprego. Então, antes que se comece a tomar o certo pelo duvidoso e o errado pelo certo, vamos nos lembrar de algumas regras gramaticais.

Começemos pelo significado da palavra “gerúndio”. Se procurarmos as definições nas gramáticas em uso, encontraremos, geralmente, a seguinte explicação: “Gerúndio é uma das formas nominais do verbo que apresenta o processo verbal em curso e que desempenha a função de adjetivo ou advérbio”.

Ele apresenta-se de duas formas. A simples (Ex.: Chegando a hora da largada, a luz verde acendeu) e a composta (Ex.: Tendo chegado ao fim da corrida, o carro foi recolhido ao boxe).

O gerúndio expressa uma ação que está em curso ou que ocorre simultaneamente ou, ainda, que remete a uma ideia de progressão. Sua forma nominal é derivada do radical do verbo acrescida da vogal temática e da desinência -ndo. Exemplos: comendo; partindo.

Veja, a seguir, o uso do gerúndio na prática:

E a lama desceu pelo morro, destruindo tudo que encontrava pela frente.

Rindo, ele se lembrava com saudades dos dias felizes que tivera.

Abrindo o laptop, começou a escrever.

“Caminhando sozinho aquela noite pela praia deserta, fiz algumas reflexões sobre a morte” (Erico Veríssimo, Solo de Clarineta, p. 12).

Como vimos nos exemplos, o gerúndio pode ser empregado de diferentes maneiras em nossa língua sem que tenhamos praticado nenhuma heresia. Já com o gerundismo é outra história. Nesse caso, trata-se do uso inadequado do gerúndio. Um vício de linguagem que se alastrou de modo tão corriqueiro e insistente que até já virou piada.

Então, se você usa expressões como: “Vou estar pesquisando seu caso” ou “Vou estar completando sua ligação”, mude imediatamente sua fala para: “Vou pesquisar seu caso” e “Vou completar sua ligação”. Note que, nos dois casos, você passa a usar somente duas formas verbais (“vou” + “pesquisar” ou “vou” + “completar”) no lugar de três. Além disso, a ideia temporal a ser transmitida é a de futuro e não de presente em curso.

O gerundismo, portanto, é uma mania que peca pelo excesso, pela inadequação do verbo, que ocorre ao transformarmos, desnecessariamente, um verbo conjugado em um gerúndio.

(Fonte: UOL. Adaptado. Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/gerundismo-evite-esse-vicio-de-linguagem.htm>> Acesso em: 20 jan. 2019)

(G1 - IFMT 2020) A partir da leitura do texto “Gerundismo - evite esse vício de linguagem”, marque a alternativa correta.

- a) O equívoco das pessoas consiste em usar o gerúndio de maneiras diversas, sendo que há apenas uma forma gramaticalmente correta de fazer seu uso.
- b) Gerúndio e gerundismo são a mesma coisa e os dois são considerados vícios de linguagem.
- c) Gerúndio é uma forma inadequada de usar o verbo.

d) O gerundismo é considerado um vício de linguagem e deve ser evitado.

e) O gerúndio e o gerundismo fazem uso exatamente dos mesmos tempos verbais, mas o gerundismo é considerado errado pelo uso excessivo de verbos em sua forma.

Exercício 83

(UNESP 2017) TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” do poeta português Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da ¹esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem – se algum houve –, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria,
e enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
outra mudança faz de ²mor espanto:
que não se muda já como ³soía.

Sonetos, 2001.

¹esperança: esperado.

²mor: maior.

³soer: costumar (soía: costumava).

Elipse: figura de sintaxe pela qual se omite um termo da oração que o contexto permite subentender.

Domingos Paschoal Cegalla.

Dicionário de dificuldades da língua portuguesa, 2009.

(Adaptado).

Transcreva o verso em que se verifica a elipse do verbo. Identifique o verbo omitido nesse verso.

Para o eu lírico, qual das mudanças assinaladas ao longo do soneto lhe causa maior perplexidade? Justifique sua resposta, com base no texto.

Exercício 84

(UERJ 2016) TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
VAGABUNDO

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,

Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrelas;
Sou pobre, sou mendigo e sou ¹ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto à lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.
(...)

Oito dias lá vão que ando cismado
Na donzela que ali defronte mora.
Ela ao ver-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palácio as longas ruas;
Passeio a gosto e durmo sem temores;
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu trono,
Minha pátria é o vento que respiro,
Minha mãe é a lua macilenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De painéis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.
(...)

Ora, se por aí alguma bela
Bem doirada e amante da preguiça
Quiser a ²nívea mão unir à minha,
Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

Álvares de Azevedo

Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

¹ditoso – feliz

²nívea – branca

Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso! (v. 4)

O verso acima reúne dois traços que podem ser considerados inconciliáveis.

Explicita esses traços e nomeie duas figuras de linguagem que reforçam o significado do verso.

Exercício 85

(UFRRJ 2007) TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
NO PRINCÍPIO DO FIM

Há ruídos que não se ouvem mais:

- o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada

- os apitos dos guardas-noturnos quadriculando como um mapa a cidade adormecida
- os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras
- a matraca do vendedor de cartuchos
- a gaitinha do afiador de facas
- todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.

E hoje o que mais se precisa é de silêncios que interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?

Há muitos - a grande maioria - que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música pop. E, se esta nossa "civilização" não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala - para que falar? para que pensar? - ficaremos apenas no batuque: "Tan! tan! tan! tan! tan!" (QUINTANA, Mario. *Prosa e verso*. 6ª ed. São Paulo: Globo, 1989.)

A propósito da passagem:

"Tanto que, na sua bebedeira auricular só conseguem entender as frases repetitivas da música pop. E, se esta nossa 'civilização' não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala - para que falar? Para que pensar? - ficaremos apenas no batuque: 'Tan! tan!tan! tan! tan!'"

a) Nesse fragmento, Mario Quintana faz uso de figuras de linguagem. Indique duas.

b) De que maneira a utilização dessas figuras contribui para estruturar a argumentação do autor sobre o tema?

Exercício 86

(ESPCEX (AMAN) 2016) Assinale a alternativa em que o pronome grifado não apresenta vício de linguagem.

a) Quando Ana entrou no consultório de Vilma, encontrou-a com seu noivo.

b) Caro investidor, cuide melhor de seu dinheiro.

c) O professor proibiu que o aluno utilizasse sua gramática.

d) Aída disse a Luís que não concordava com sua reprovação.

e) Você deve buscar seu amigo e levá-lo em seu carro até o aeroporto.

Exercício 87

(Unifesp 2019) Examine a tira de Steinberg, publicada em seu Instagram no dia 20.08.2018.



Colabora para o efeito de humor da tira o recurso à figura de linguagem denominada

- a) eufemismo.
- b) pleonasmo.
- c) hipérbole.
- d) personificação.
- e) sinestesia.

Exercício 88

(Simulado 2020) **EU NASCI HÁ DEZ MIL ANOS ATRÁS**

Raul Seixas

Um dia, numa rua da cidade, eu vi um velhinho sentado na calçada

Com uma cuia de esmola e uma viola na mão
O povo parou para ouvir, ele agradeceu as moedas
E cantou essa música, que contava uma história
Que era mais ou menos assim:

Eu nasci há dez mil anos atrás
e não tem nada nesse mundo que eu não saiba demais (2x)

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/eu-nasci-ha-dez-mil-anos-atras.html>>. Acesso em: 5 set. 2020.

Para dar expressividade e musicalidade ao gênero letra de canção, faz-se uso de recursos linguísticos. O título da canção, que também faz parte do refrão, utiliza-se de um recurso linguístico ao recorrer ao (à)

- a) ambiguidade lexical para expressar a ideia de diversidade do tempo.
- b) redundância caracterizada pelo uso lexical para reforçar a temporalidade.

- c) pleonasmo baseado no uso de morfemas para reforçar a temporalidade da ação.
- d) polissemia para evidenciar as distintas referências dadas às expressões temporais.
- e) paronomásia para se referir ao tempo com palavras parecidas, mas significados distintos.

Exercício 89

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto está inserido no movimento literário Poesia Marginal. Leminski, como outros poetas, substituíram os meios tradicionais de circulação por meios alternativos, ficando à margem do mercado editorial, o que os deixou conhecidos como “poetas marginais”. Eles abordam, comumente, temas cotidianos com sarcasmo, humor e ironia, e utilizam uma linguagem coloquial e espontânea.

BEM NO FUNDO

Paulo Leminski

No fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela
– silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos
saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas.

RIBEIRO NETO, A. (Org.) *Poesia Marginal* – Antologia Poética: Geração Mimeógrafo – Anos 1970. Universidade Federal da Paraíba, PB, 2018. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/dlcw/contents/documentos/banco-de-textos/amadorrnetoorgantpoesia-marginal.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

(G1 - ifpe 2020) Assinale a alternativa que contém a figura de linguagem utilizada para caracterizar os problemas na última estrofe.

- a) Eufemismo.
- b) Pleonasmo.

- c) Personificação.
- d) Antítese.
- e) Metonímia

Exercício 90

(Espm 2019) Aborto, porte de armas e o presidente Donald Trump foram alguns dos assuntos que dominaram a primeira audiência de confirmação do juiz conservador Brett Kavanaugh para a Suprema Corte dos Estados Unidos, realizada em meio a protestos de ativistas e tentativas de adiamento do processo por parte de democratas.

Kavanaugh passará por mais dois dias de **sabatina**, na quarta e na quinta, e testemunhas contra e a favor do juiz devem ser ouvidas na sexta.

(Folha de S.Paulo, 04/09/2018)

Segundo o Dicionário Aurélio (versão digital), a palavra **sabatina** possui as seguintes acepções:

1. Repetição, no sábado, das lições estudadas durante a semana.
2. Oração do sábado.
3. Tese que os estudantes de filosofia defendiam ao término de seu primeiro ano de curso.
4. Fig. Discussão, debate, questão.

Levando-se em conta que o vocábulo **sabatina** ganhou o valor semântico de "exame, prova ou questionamento (não necessariamente realizados num sábado) para o exercício de um cargo", pode-se afirmar que nesse caso ocorreu um(a):

- a) metáfora, por ter havido uma comparação implícita.
- b) catacrese, por ter havido um empréstimo de palavra.
- c) metonímia, por ter ocorrido substituição de um termo por outro em relação de contiguidade.
- d) pleonismo, já que se repete a ideia de discussão ou debate.
- e) elipse, uma vez que já está subentendida a ideia de prova.

Exercício 91

Leia estes poemas.

Texto 1 - AUTO-RETRATO

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,

E em matéria de profissão

Um tísico* profissional.

(Manuel Bandeira. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1983. p. 395.)

(*) tísico = tuberculoso

Texto 2 - POEMA DE SETE FACES

Quando eu nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

(....)

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é o meu coração.

(Carlos Drummond de Andrade. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 53.)

(ENEM 2005) No verso "Meu Deus, por que me abandonaste" do texto 2, Drummond retoma as palavras de Cristo, na cruz, pouco antes de morrer. Esse recurso de repetir palavras de outrem equivale a

- a) emprego de termos moralizantes.
- b) uso de vício de linguagem pouco tolerado.
- c) repetição desnecessária de ideias.
- d) emprego estilístico da fala de outra pessoa.
- e) uso de uma pergunta sem resposta.

Exercício 92

(Unesp 2018) Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real*, de Slavoj Žižek, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: "Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira." Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: "Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar *tinta vermelha*." Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? *Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.*

(*Bem-vindo ao deserto do real*!, 2003.)

A “introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada” constitui um exemplo de

- a) eufemismo.
- b) metalinguagem.
- c) intertextualidade.
- d) hipérbole.
- e) pleonismo.

Exercício 93

(Unifesp 2018) Leia o soneto “Aquele triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525? – 1580), para responder à(s) questão(ões).

Aquele triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio
que, de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

(*Sonetos*, 2001.)

A imagem das lágrimas a formarem um “largo rio” (3ª estrofe) produz um efeito expressivo que se classifica como

- a) paradoxo.
- b) pleonismo.
- c) personificação.
- d) hipérbole.
- e) eufemismo.

Exercício 94

(Unesp 2018) Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no ¹batelão velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um ²rincho de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o *Luar do sertão* e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre ³*flaubert*, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

(*Os melhores contos*, 1997.)

¹batelão: embarcação movida a remo.

²rincho: relincho.

³*flaubert*: um tipo de espingarda.

O pleonasma (do grego *pleonasmós*, que quer dizer abundância, excesso, amplificação) é uma repetição de unidades linguísticas idênticas do ponto de vista semântico, o que implica que a repetição é tautológica (redundante). No entanto, ela é uma extensão do enunciado com vistas a intensificar o sentido.

(José Luiz Fiorin. *Figuras de retórica*, 2014. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência de pleonasma em:

- a) “fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia” (5º parágrafo).
- b) “eu avançava no batelão velho; remava cansado, com um resto de sono” (1º parágrafo).
- c) “ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida” (3º parágrafo).
- d) “A princípio a olhei com espanto, quase desgosto” (2º parágrafo).
- e) “Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus” (4º parágrafo).

Exercício 95

(Ebmsp 2017) A onda

a onda anda

aonde anda

a onda?

a onda ainda

ainda onda

ainda anda

aonde?

aonde?

a onda a onda

BANDEIRA, Manoel. A onda. *A Estrela da Tarde*, 1960.

Disponível em: <<https://pensador.uol.com.br>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Objetivando imitar o movimento da onda, por meio de uma fluidez sonora, Manoel Bandeira utiliza-se de um recurso estilístico denominado

- a) pleonasma poético, enfatizando, a partir da redundância, a potência do fluxo fluvial ou marinho que se move no ambiente aquático.
- b) assonância, valendo-se da repetição da mesma vogal tônica com a intenção de provocar um efeito de estilo associado à força das ondas.
- c) eco, por meio da seleção de termos com terminação idêntica, para sugerir um percurso impreciso do volume de água que segue seu destino.
- d) onomatopéia, mediante o uso de vocábulos, procurando imitar o rumor produzido pelo deslocamento da massa líquida de

inestimável valor para a continuidade da vida na Terra.

e) paronomásia, na medida em que, buscando sugerir o movimento recorrente da vaga, traz um jogo de palavras que se assemelham na pronúncia, mas são diferentes do ponto de vista semântico, em função de um efeito poético.

Exercício 96

(G1 - ifba 2016) Analise a imagem a seguir e identifique a figura de linguagem em evidência no título da manchete.



- a) Metáfora.
- b) Hipérbole.
- c) Hipérbato.
- d) Metonímia.
- e) Pleonasma.

Exercício 97

(ESPM 2005)

HAGAR — Dik Browne



No diálogo transcrito anteriormente, constata-se:

- a) Pleonasma vicioso, pois associa-se aprendizagem com óbvia facilidade.
- b) Redundância, pois explicita-se a sinceridade com um comentário repetitivo e desnecessário.
- c) Paradoxo, pois contrapõem-se duas ideias antagônicas: fingimento e sinceridade.

d) Ironia, pois desdenha-se a falta de conhecimento do padre sobre sucesso e liderança.

e) Eufemismo, pois suaviza-se a resposta ante uma pergunta tão ingênua.

Exercício 98

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o fragmento do conto “A mulher ramada”, abaixo, e responda à(s) questão(ões) a seguir.

Em pouco, o jardim vestiu o cetim das folhas novas. Em cada tronco, em cada haste, em cada pedúnculo, a seiva empurrou para fora pétalas e pistilos. E mesmo no escuro da terra os bulbos acordaram, espreguiçando-se em pequenas pontas verdes.

Mas enquanto todos os arbustos se enfeitavam de flores, nem uma só gota de vermelho brilhava no corpo da roseira. Nua, obedecia ao esforço do seu jardineiro que, temendo viesse a floração romper tanta beleza, cortava rente todos os botões.

De tanto contrariar a primavera, adoeceu porém o jardineiro. E ardendo de amor e febre na cama, inutilmente chamou por sua amada.

Muitos dias se passaram antes que pudesse voltar ao jardim. Quando afinal conseguiu se levantar para procurá-la, percebeu de longe a marca da sua ausência. Embaralhando-se aos cabelos, desfazendo a curva da testa, uma rosa embabadava suas pétalas entre os olhos da mulher. E já outra no seio despontava. Parado diante dela, ele olhava e olhava. Perdida estava a perfeição do rosto, perdida a expressão do olhar. Mas do seu amor nada se perdia. Florida, pareceu-lhe ainda mais linda. Nunca Rosamulher fora tão rosa. E seu coração de jardineiro soube que nunca mais teria coragem de podá-la. Nem mesmo para mantê-la presa em seu desenho.

(COLASANTI, M. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. 12. ed. São Paulo: Global Editora, 2006. p. 26-28.)

(Uel 2016) Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, a figura de linguagem encontrada na passagem “nem uma só gota de vermelho brilhava no corpo da roseira”.

- a) Elipse, pois ocorreu a supressão do verbo no trecho.
- b) Hipérbole, pois há exagero na ausência da cor vermelha.
- c) Paradoxo, já que falta nexos entre a cor da gota e a da roseira.
- d) Pleonasma, em razão da redundância viciosa presente na passagem.
- e) Metonímia, pois há contiguidade entre a gota de vermelho e a rosa.

Exercício 99

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O anjo Rafael

Machado de Assis

Cansado da vida, descrente dos homens, desconfiado das mulheres e aborrecido dos credores, ¹o dr. Antero da Silva determinou um dia despedir-se deste mundo.

Era pena. O dr. Antero contava trinta anos, tinha saúde, e podia, se quisesse, fazer uma bonita carreira. Verdade é que para isso fora necessário proceder a uma completa reforma dos seus costumes. Entendia, porém, o nosso herói que o defeito não estava em si, mas nos outros; cada pedido de um credor inspirava-lhe uma apóstrofe contra a sociedade; julgava conhecer

os homens, por ter tratado até então com alguns bonecos sem consciência; pretendia conhecer as mulheres, quando apenas havia praticado com meia dúzia de regateiras do amor.

O caso é que o nosso herói determinou matar-se, e para isso foi à casa da viúva Laport, comprou uma pistola e entrou em casa, que era à rua da Misericórdia.

Davam então quatro horas da tarde.

O dr. Antero disse ao criado que pusesse o jantar na mesa.

– A viagem é longa, disse ele consigo, e eu não sei se há hotéis no caminho.

Jantou com efeito, tão tranquilo como se tivesse de ir dormir a sesta e não o último sono. ²O próprio criado reparou que o amo estava nesse dia mais folgazão que nunca. Conversaram alegremente durante todo o jantar. No fim dele, quando o criado lhe trouxe o café, Antero proferiu paternalmente as seguintes palavras:

³– Pedro, tira de minha gaveta uns cinquenta mil-réis que lá estão, são teus. Vai passar a noite fora e não voltes antes da madrugada.

– Obrigado, meu senhor, respondeu Pedro.

– Vai.

Pedro apressou-se a executar a ordem do amo.

O dr. Antero foi para a sala, estendeu-se no divã, abriu um volume do *Dicionário filosófico* e começou a ler.

Já então declinava a tarde e aproximava-se a noite. A leitura do dr. Antero não podia ser longa. Efetivamente daí a algum tempo levantou-se o nosso herói e fechou o livro.

Uma fresca brisa penetrava na sala e anunciava uma agradável noite. Corria então o inverno, aquele benigno inverno que os fluminenses têm a ventura de conhecer e agradecer ao céu.

⁴O dr. Antero acendeu uma vela e sentou-se à mesa para escrever. ⁵Não tinha parentes, nem amigos a quem deixar carta; entretanto, não queria sair deste mundo sem dizer a respeito dele a sua última palavra. Travou da pena e escreveu as seguintes linhas:

Quando um homem, perdido no mato, vê-se cercado de animais ferozes e traiçoeiros, procura fugir se pode. De ordinário a fuga é impossível. Mas estes animais meus semelhantes tão traiçoeiros e ferozes como os outros, tiveram a inépcia de inventar uma arma, mediante a qual um transviado facilmente lhes escapa das unhas. É justamente o que vou fazer.

Tenho ao pé de mim uma pistola, pólvora e bala; com estes três elementos reduzirei a minha vida ao nada. Não levo nem deixo saudades. Morro por estar enjoado da vida e por ter certa curiosidade da morte.

Provavelmente, quando a polícia descobrir o meu cadáver, os jornais escreverão a notícia do acontecimento, e um ou outro fará a esse respeito considerações filosóficas. Importam-me bem pouco as tais considerações.

Se me é lícito ter uma última vontade, quero que estas linhas sejam publicadas no *Jornal do Commercio*. Os rimadores de ocasião encontrarão assunto para algumas estrofes.

O dr. Antero releu o que tinha escrito, corrigiu em alguns lugares a pontuação, fechou o papel em forma de carta, e pôs-lhe este sobrescrito: *Ao mundo*.

Depois carregou a arma; e, para rematar a vida com um traço de impiedade, a bucha que meteu no cano da pistola foi uma folha do *Evangelho de S. João*.

Era noite fechada. O dr. Antero chegou-se à janela, respirou um pouco, olhou para o céu, e disse às estrelas:

– Até já.

E saindo da janela acrescentou mentalmente:

– Pobres estrelas! Eu bem quisera lá ir, mas com certeza não de impedir-me os vermes da terra. Estou aqui, e estou feito um punhado de pó. É bem possível que no futuro século sirva este meu invólucro para macadamizar a rua do Ouvidor. Antes disso; ao menos terei o prazer de ser pisado por alguns pés bonitos.

Ao mesmo tempo que fazia estas reflexões, lançava mão da pistola, e olhava para ela com certo orgulho.

⁶– Aqui está a chave que me vai abrir a porta deste cárcere, disse ele.

⁷Depois sentou-se numa cadeira de braços, pôs as pernas sobre a mesa, à americana, firmou os cotovelos, e segurando a pistola com ambas as mãos, meteu o cano entre os dentes.

Já ia disparar o tiro, quando ouviu três pancadinhas à porta. Involuntariamente levantou a cabeça. Depois de um curto silêncio repetiram-se as pancadinhas. O rapaz não esperava ninguém, e era-lhe indiferente falar a quem quer que fosse. Contudo, por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais.

O dr. Antero pôs a pistola sobre a mesa e foi abrir a porta.

(G1 - ifce 2016) No fragmento “[...] o dr. Antero da Silva determinou um dia despedir-se deste mundo” (referência 1) a expressão grifada é uma figura de linguagem conhecida como

- a) hipérbole.
- b) pleonismo.
- c) eufemismo.
- d) metáfora.
- e) comparação.

Exercício 100

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto abaixo serve de referência para a(s) questão(ões) a seguir.

Júpiter sempre foi a menina dos olhos dos astrônomos. E motivos não faltam. Em primeiro lugar está o fato de ele ser o maior planeta do sistema solar (...), tem vezes a massa da Terra. O segundo ponto a justificar o interesse dos cientistas é que Júpiter possui o mais rápido movimento de rotação (...). Ele também é o quarto corpo cósmico mais brilhante, depois do Sol, da Lua e de Vênus (...). Para aqueles que observam profissionalmente esse gigante através de instrumentos, a sua característica mais marcante é a Grande Mancha Vermelha, tempestade que o cerca com ventos de até quilômetros por hora. Mas, se o planeta é intrigante, suas luas Europa e Ganimedes também o são – e desde que a sonda Galileo capturou imagens que evidenciam nelas a presença de oceanos, a NASA percebeu a necessidade de explorá-las.

(Isto é, 4 mar 2009).

(G1 - utfpr 2016) Analise o período “Mas, se o planeta é intrigante, suas luas Europa e Ganimedes também o são” e

assinale a alternativa correta em relação a ele, do ponto de vista da norma padrão.

- a) “... também o são”: este “o” é inaceitável, pois é uma repetição de ideia, um pleonismo.
- b) O uso da conjunção “mas” não é obrigatório. Tem valor aditivo e não de oposição.
- c) A conjunção “se” não deveria ser usada depois da (outra) conjunção “mas”.
- d) A ideia de condição está garantida pela conjunção “mas”.
- e) “se o planeta é intrigante” está entre vírgulas por ser um aposto.

Exercício 101

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O filósofo e romancista Umberto Eco concedeu uma entrevista ao Jornal *El País* em março de 2015, pouco menos de um ano antes de sua morte. Na ocasião, o escritor falou sobre o conteúdo de seu último romance, *Número Zero*, uma ficção sobre o jornalismo inspirada na realidade e sobre as relações da temática da obra com a atualidade: o papel da imprensa, a Internet e a sociedade.

Pergunta: Agora a realidade e a fantasia têm um terceiro aliado, a Internet, que mudou por completo o jornalismo.

Resposta: A Internet pode ter tomado o lugar do mau jornalismo... Se ¹você sabe que está lendo um jornal como *EL PAÍS*, *La Repubblica*, *Il Corriere della Sera*..., pode pensar que existe um certo controle da notícia e confia. ²Por outro lado, se ³você lê um jornal como aqueles vespertinos ingleses, sensacionalistas, não confia. Com a Internet acontece o contrário⁴: confia em tudo porque não sabe diferenciar a fonte credenciada da disparatada. Basta pensar no sucesso que faz na Internet qualquer página web que fale de complôs ⁵ou que ⁶invente histórias absurdas: tem um acompanhamento incrível, de internautas e de pessoas importantes que as levam a sério.

Pergunta: Atualmente é difícil pensar no mundo do jornalismo que era protagonizado, aqui na Itália, por pessoas como Piero Ottone e Indro Montanelli...

Resposta: Mas a crise do jornalismo no mundo começou nos anos 1950 e 1960, bem quando chegou a televisão, antes que eles ⁷desaparecessem! Até então o jornal ⁸te contava o que acontecia na tarde anterior, por isso muitos eram chamados jornais da tarde: *Corriere della Sera*, *Le Soir*, *La Tarde*, *Evening Standard*... Desde a invenção da televisão⁹, o jornal te diz pela manhã o que você já sabe. E agora é a mesma coisa. O que um jornal deve fazer?

Pergunta: Diga o senhor.

Resposta: Tem que se transformar em um semanário. Porque um semanário tem tempo, são sete ¹⁰dias para construir ¹¹suas reportagens. Se você lê a *Time* ou a *Newsweek* vê que várias pessoas ¹²contribuíram para uma história concreta, que trabalharam nela semanas ou meses, enquanto que em um jornal tudo é feito da noite para o dia. Um jornal que em 1944 tinha quatro páginas hoje tem 64, então tem que preencher obsessivamente com notícias repetidas, cai na fofoca, não

consegue evitar... A crise do jornalismo, ¹³então, começou há quase cinquenta anos e é um problema muito grave e importante.

Pergunta: Por que é tão grave?

Resposta: Porque é verdade que, como dizia Hegel, a leitura dos ¹⁴jornais é a oração matinal do homem moderno. E ¹⁵eu não consigo tomar meu café da manhã se não folheio o jornal; mas é um ritual quase afetivo e religioso, porque folheio olhando os títulos, e por ¹⁶eles me dou conta de que quase tudo já sabia na noite anterior. ¹⁷No máximo, leio um editorial ou um artigo de opinião. Essa é a crise do jornalismo contemporâneo. E disso não sai!

Pergunta: Acredita de verdade que não?

Resposta: O jornalismo poderia ter outra função. Estou pensando em alguém que faça uma crítica cotidiana da Internet, e é algo que acontece pouquíssimo. Um jornalismo que me diga: ¹⁸“Olha o que tem na Internet, olha que coisas falsas estão dizendo, reaja a isso, eu te mostro”. E isso pode ser feito tranquilamente. ¹⁹No entanto, ainda ²⁰pensam que o jornal é feito para que seja lido por alguns velhos senhores ²¹– já que os jovens não ²²leem – que ainda não usam a Internet. Teria que se fazer um jornal que não se torne apenas a crítica da realidade cotidiana, mas também a crítica da realidade virtual. Esse é um futuro possível para um bom jornalismo.

(*EL PAÍS*. Caderno cultura. 30 de março de 2015. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303_512601.html.

Acesso em 10 abr. 2016)

(Upf 2016) Observe o segmento:

“Um jornalismo que me diga: ‘Olha o que tem na Internet, olha que coisas falsas estão dizendo, reaja a isso, eu te mostro.’” (ref. 18)

Em sua construção, percebe-se o emprego de:

- a) Hipérbole.
- b) Personificação.
- c) Pleonasmo.
- d) Antonomásia.
- e) Eufemismo.

Exercício 102

(G1 - cps 2015) Leia este fragmento do poema *A lua foi ao cinema*, do escritor Paulo Leminski.

“A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.
Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que penal! (...)”

(<http://tinyurl.com/n4oljo7> Acesso em: 24.07.2014. Adaptado)

A figura de linguagem predominante nesse poema é

- a) hipérbole, pois a palavra *estrela* foi empregada para suavizar um termo.
- b) pleonasmo, pois a palavra *história* apresenta o mesmo sentido de *incidente*.
- c) sinestesia, pois a felicidade da estrela é tratada com indiferença pelo poeta.
- d) catacrese, pois a palavra *pena* foi empregada inadequadamente, num sentido impróprio.
- e) personificação, pois a lua vivencia uma situação que é própria dos seres humanos.

Exercício 103

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) seguinte(s)

Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal

Eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro

Ou de um tamborim.

Sem preconceito

Ou mania de passado

Sem querer ficar do lado

De quem não quer navegar

Faca como um velho marinheiro

Que durante o nevoeiro

Leva o barco devagar.

(Fgvjrj 2015) Ao empregar, na letra da canção, o verbo “navegar” em sentido metafórico e desdobrar esse sentido nos versos seguintes, o compositor recorre ao seguinte recurso expressivo:

- a) alegoria.
- b) personificação.
- c) hipérbole.
- d) eufemismo.
- e) pleonasmo.

Exercício 104

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Responda, com base no texto “Dias de ira”, à(s) questão(ões) que segue(m).

Dias de ira

¹Espantado com o acúmulo de brutalidades? Quer entender o que está se passando na terra da cordialidade na véspera de converter-se em palco de uma festa global? Então separe, tente diferenciar os tipos de agressão e de agressores. ²A carga de violência continuará igual, porém a descompactação do fenômeno facilitará a compreensão das partes e do todo.

O que está sendo designado como ³“manifestação popular” é geralmente uma ação política oportunista, claramente orquestrada para obter ganhos imediatos de autoridades

perplexas e atônitas num momento de grande tensão e nervosismo. ⁴Chantagem pura. ⁵Neste conjunto situam-se ⁶as greves inesperadas, ⁷intempestivas, fora do calendário, fruto de cisões e disputas entre lideranças sindicais e seus padrinhos políticos.

Foi o caso da greve de ônibus que paralisou o Rio de Janeiro na última quinta-feira. A incrível depredação de 467 ônibus tem a ver com a Operação Anti-UPP em curso, tática de exploração emocional de cada incidente adotada pela ⁸grande delinquência – o ⁹crime organizado – com o propósito de desmoralizar a política de pacificação das favelas e debilitar a capacidade de reação do sistema de segurança.

¹⁰Os fins nunca justificam os meios: as reivindicações de trabalhadores não podem sequestrar os direitos da sociedade nem levar a extremos que impliquem a destruição das ferramentas de trabalho. ¹¹É suicídio. A ¹²propagação da violência só pode partir daqueles que ¹³dela necessitam para ocupar espaços e manter o poder.

Geração espontânea

Algo diferente são as combinações extremas de insanidade com crueldade, representadas por dois impressionantes assassinatos ocorridos com um dia de diferença, portanto não isolados: no Recife, no Estádio do Arruda, depois de ¹⁴um jogo do Paraná com o Santa Cruz, ¹⁵um torcedor jogou dois vasos sanitários contra um arqui-inimigo do Sport que comemorava o empate no meio da torcida paranaense. Uma das latrinas (15 quilos convertidos pela altura de 24 metros em 300) acertou e matou instantaneamente o adepto do Sport.

Não é a primeira ¹⁶vez em que o Esporte-Rei converte-se em cenário de tragédia. Poderá ser a ¹⁷última quando o circo futebolístico perder a sua condição de fomentador de ¹⁸surtos de antropofagia e canibalismo.

Na etapa seguinte do ¹⁹torneio de brutalidades está o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33 anos, mãe de dois filhos, moradora no balneário do Guarujá, litoral de São Paulo, confundida com uma sequestradora de ²⁰crianças a serviço de uma seita que ²¹as imolava para rituais religiosos.

Linchadores formam-se espontaneamente, agregam-se quando o Estado parece débil, quando leis, juízes e tribunais estão desacreditados e onde campeia a impunidade. São ancestrais na Europa os registros de supostos assassinatos rituais, também os castigos através de linchamentos, fogueiras e lapidações. Ocorriam onde a religiosidade era rústica, primária, e tênue o processo civilizatório.

²²Aquela remediada comunidade no Guarujá é servida pela internet: os covardes linchadores e os insensíveis espectadores fotografaram e postaram cenas do crime. A ira contagiosa, viral, a afunda na Idade Média dos ²³poderosos ²⁴que avacalha o país.

a) numa redundância, podendo ser tomada, no contexto, como um vício de linguagem.

b) num eufemismo, figura de pensamento que se caracteriza por empregar uma expressão mais suave para transmitir algo áspero, como o despropósito das greves.

c) em relação especificamente à palavra “intempestivas”, numa catacrese, figura de linguagem que consiste em utilizar palavra ou expressão que não descreve com exatidão o que se quer explicar, por não haver palavra mais adequada.

d) numa antítese, figura de pensamento que, no caso, evidencia a oposição entre as duas características fundamentais das greves deflagradas.

e) num pleonasma literário, figura de estilo utilizada, no contexto, para reforçar a inadequação do momento de deflagração das greves.

Exercício 105

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) quest(ões) a seguir.

Os celulares

Resolvi optar pela forma de plural, pois vejo tanta gente agora com, pelo menos, dois. O que me pergunto é como se comportaria a maioria das pessoas sem celular, como viver hoje sem ele? Uma epidemia neurótica grave atacaria a população? Certamente! Quem não tem seu celular hoje em dia? Crianças, cada vez mais crianças, lidam, e bem, com ele. Apenas uns poucos retrógrados, avessos ao progresso tecnológico. A força consumista do aparelho foi crescendo com a possibilidade de suas crescentes utilizações. Me poupem de enumerá-las, pois só sei de algumas. De fato, ele faz hoje em dia de um tudo. Diria mesmo que o celular veio a modificar as relações do ser humano com a vida e com as outras pessoas.

Até que não custei tanto assim a aderir a este telefoninho! Nem posso deixar de reconhecer que ele tem me quebrado uns galhos importantes no corre-corre da vida. Mas me utilizo dele pouco e apenas para receber e efetuar ligações. Nem lembro que ele marca as horas, possui calendário. É verdade, recebi uns torpedos, e com dificuldade, enviei outros, bem raros. Imagine tirar fotos, conectá-lo à internet, ao Facebook! Não quero passar por um desajustado à vida moderna. Isto não! No computador, por exemplo, além dos e-mails, participo de rede social, digito (mal), é verdade, meus textos, faço lá algumas compras e pesquisas... Fora dele, tenho meus cartões de crédito, efetuo pagamentos nas máquinas bancárias e, muito importante, sei de cabeça todas as minhas senhas, que vão se multiplicando. Haja memória!

Mas, no caso dos celulares, o que me chama mesmo a atenção é que as pessoas parecem não se desgrudar dele, em qualquer situação, ou ligando para alguém, ou entrando em contato com a internet, acompanhando o movimento das postagens do face, ou mesmo brincando com seus joguinhos, como procedem alguns taxistas, naqueles instantes em que param nos sinais ou em que o trânsito está emperrado.

Não há como negar, contudo, que esta utilização constante do aparelhinho tem causado desconfortos sociais. Comenta a Danuza Leão: “Outro dia fui a um jantar com mais seis pessoas e todas elas seguravam um celular. Pior, duas delas, descobri depois, trocavam torpedos entre elas.” Me sinto muito

(DINES, Alberto. *Dias de ira*. Observatório da imprensa, 13 maio 2014. Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/dias_de_ira.

Acesso em 9 set. 2014)

(Upf 2015) A construção “intempestivas, fora do calendário” (ref. 7), usada para caracterizar “as greves” (ref. 6), se constitui:

constrangido quando, num grupo, em torno de uma mesa, tem alguém, do meu lado, falando, sem parar, pelo celular. Pior, bem pior, quando estou só com alguém, e esta pessoa fica atendendo ligações contínuas, algumas delas com aquela voz abafada, sussurrante... Pode? É frequente um casal se sentar a uma mesa colada à minha, em um restaurante e, depois, feitos os pedidos aos garçons, a mulher e o homem tomam, de imediato, os seus respectivos celulares. E ficam neles conversando quase o tempo todo, mesmo após o início da refeição. Se é um casal de certa idade, podem me argumentar, não devia ter mais nada para conversar. Afinal, casados há tanto tempo! Porém, vejo também casais bem mais jovens, com a mesma atitude, consultando, logo ao se sentarem, os celulares para ver o movimento nas redes sociais, ou enviando torpedos, a maior parte do tempo. Clima de namoro, de sedução, é que não brotava dali. Talvez, alguém parece ter murmurado, em meu ouvido, assim os casais encontraram uma maneira eficiente de não discutirem. Falando com pessoas não presentes ali. A tecnologia a serviço do bom entendimento, de uma refeição em paz.

Mas vivencio sempre outras situações em que o uso do celular me prende a atenção. Entrei em um consultório médico, uma senhora aguardava sua vez na sala de espera. Deu para perceber que ela acabava de desligar seu aparelho. Mas, de imediato, fez outra chamada. Estava sentado próxima a ela, que falava bem alto. A ligação era para uma amiga bem íntima, estava claro pela conversa desenrolada, desenrolada mesmo. Em breves minutos, não é por nada não, fiquei sabendo de alguns “probleminhas” da vida desta senhora. Não, não vou aqui devassar dela, nem a própria me deu autorização para tal... Afinal, sou uma pessoa discreta. Não pude foi evitar escutar o que minha companheira de sala de espera... berrava. Para não dizer, no entanto, que não contei nada, também é descrição demais, só um pequeno detalhe, sem maior surpresa: ela estava a ponto de estrangular o marido. O homem, não posso afiançar, aprontava as suas. Do outro lado, a amigona parecia estimular bem a infortunada senhora. De repente, me impedindo de saber mais fatos, a atendente chama a senhora, chegara a sua hora de adentrar ao consultório do médico. Não sei como ela, bastante exasperada, iria enfrentar um exame, na verdade, delicado. Não deu para vê-la sair pela outra porta. É, os celulares criaram estas situações, propiciando já a formação do que poderá vir a ser chamado de auditeurismo, que ficará, assim, ao lado do antigo voyeurismo.

(UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Os celulares*. In: _____. *A vida e o tempo em tom de conversa*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Odisseia, 2013. P. 150-153.)

(Esc. Naval 2015) Em que opção ocorre o mesmo tipo de pleonasma que no trecho “[...] só um pequeno detalhe, sem maior surpresa [...].” (5º S)?

- a) A mim, só me resta dormir e descansar.
- b) Choveu uma chuva fina durante a noite.
- c) Aos mendigos, deu-lhes dinheiro.
- d) Ele fala sem desconhecer o assunto.
- e) O diretor fará uma breve alocução esta noite.

Exercício 106

Utilize o texto abaixo para responder à(s) questão(ões).

Sempre desconfiei

Sempre desconfiei de narrativas de sonhos. Se já nos é difícil recordar o que vimos despertos e de olhos bem abertos, imagine-se o que não será das coisas que vimos dormindo e de olhos fechados... Com esse pouco que nos resta, fazemos reconstituições suspeitamente lógicas e pomos enredo, sem querer, nas ocasionais variações de um calidoscópio. Me lembro de que, quando menino, minha gente acusava-me de inventar os sonhos. O que me deixava indignado.

Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão.

Por outro lado, o que mais espantoso há nos sonhos é que não nos espantamos de nada. Sonhas, por exemplo, que estás a conversar com o tio Juca. De repente, te lembras de que ele já morreu. E daí? A conversa continua.

Com toda a naturalidade.

Já imaginaste que bom se pudesses manter essa imperturbável serenidade na vida propriamente dita?

(Mario Quintana, *A vaca e o hipogrifo*. São Paulo: Globo, 1995)

(Insper 2014) Em “Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão”, o autor recorre a uma figura de construção, que está corretamente explicada em

- a) silepse, por haver uma concordância verbal ideológica.
- b) elipse, por haver a omissão do objeto direto.
- c) anacoluto, por haver uma ruptura na estrutura sintática da frase.
- d) pleonasma, por haver uma redundância proposital em “ambas as partes”.
- e) hipérbato, por haver uma inversão da ordem natural e direta dos termos da oração.

Exercício 107

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empecado¹, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também essa. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte (...) Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se uma parte está branco, da outra há de estar negro (...) Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro.

(Sermão da Sexagésima, Pe. Antonio Vieira)

¹**empecado**: com obstáculo, com empecilho.

(Espm 2014) A repetição da expressão “um estilo tão” e o uso da expressão “xadrez de palavras” compõem respectivamente as figuras de linguagem:

- a) anáfora e metáfora
- b) polissíndeto e metonímia
- c) pleonasma e anacoluto
- d) metáfora e prosopopeia

e) antonomásia e catacrese

Exercício 108

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão

A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.

Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.

De repente não tinha pai.

No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor
[tua lembrança]

Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância

Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino

Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna

Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta

De Augusto geralmente procrastinava a tarde.

Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho

Rangia nos trilhos a muitas praias de distância...

Dizíamos: “Ê-vem meu pai!”. Quando a curva

Se acendia de luzes semoventes*, ah, corríamos

Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes

Mas ser marraio** em teus braços, sentir por último

Os doces espinhos da tua barba.

Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e
[paciência]

Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura

De quem se deixou ser. Teus ombros possantes

Se curvavam como ao peso da enorme poesia

Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos

Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios

Para o cotidiano (e frequentemente o binóculo

Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras

Mirando o mar). Dize-me, meu pai

Que viste tantos anos através do teu óculo de alcance

Que nunca revelaste a ninguém?

Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o atleta
[exausto no último lance da maratona.

Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais

Uma palavra dura, um rosnar paterno. Entravas a casa
humilde

A um gesto do mar. A noite se fechava

Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.

Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando
[o mar]

Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios

Buscavam ilhas, outras ilhas... — as imaculadas, inacessíveis

Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar

E trazer — depositar aos pés da amada as joias fulgurantes

Do teu amor. Sim, foste descobridor, e entre eles

Dos mais provectos***. Muitas vezes te vi, comandante

Comandar, batido de ventos, perdido na fosforência

De vastos e noturnos oceanos

Sem jamais.

Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste

A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar

Em silêncio. Foste um pobre. Mendigavas nosso amor

Em silêncio. Foste um no lado esquerdo. Mas

Teu amor inventou. Financiaste uma lancha

Movida a água: foi reta para o fundo. Partiste um dia

Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.

Doze luas voltaste. Tua primogênita — diz-se —

Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas
[águas-marinhas.

(Vinicius de Moraes. *Antologia poética*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974, p. 180-181.)

(*) Semovente: “Que ou o que anda ou se move por si próprio.”

(**) Marraio: “No gude e noutros jogos, palavra que dá, a quem primeiro a grita, o direito de ser o último a jogar.”

(***) Provecto: “Que conhece muito um assunto ou uma ciência, experiente, versado, mestre.”

(Dicionário Eletrônico Houaiss)

(Unesp 2012) Marque a alternativa cujo verso contém um pleonasma, ou seja, uma redundância de termos com bom efeito estilístico.

- a) *De repente não tinha pai.*
- b) *Rangia nos trilhos a muitas praias de distância...*
- c) *Se curvavam como ao peso da enorme poesia.*
- d) *Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.*
- e) *Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste.*

Exercício 109

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema de Orides Fontela.

Joia

O brilho

feliz

da gema

a luz concreta

do cristal: ordem

viva.

(*Teias*)

(Uftm 2012) Nas expressões *brilho feliz* e *ordem viva* é possível perceber a presença de

- a) prosopopeia.
- b) pleonasma.
- c) oxímoro.
- d) hipérbole.
- e) eufemismo.

Exercício 110

(Fuvest 2021) O texto a seguir é fragmento de um artigo de divulgação científica.

A preferência pela mão esquerda ou direita provavelmente é resultado de um processo complexo, que envolve fatores genéticos e ambientais. O no estudo, fruto de uma colaboração

internacional, é a maior análise genética focada em canhotos da história: utilizou dados de 1,7 milhão de pessoas, extraídos de bancos como o UK Biobank e a empresa privada 23andMe. Comparando os genomas de destros, canhotos e ambidestros, a equipe descobriu que há 41 pares de bases ligados às chances de uma pessoa ser canhota, e sete relacionados a ambidestros. Um “par de bases é, grosso modo, uma letrelinha do DNA (A, T, C ou G). Cada gene contém as instruções para fabricar uma proteína. Uma mudança em uma única letrelinha do gene é capaz de mudar a sequência de tijolinhos que constroem essa proteína, e, por tabela, sua função. Ou seja: o que os geneticistas encontraram foram 41 letrelinhas de DNA que aparecem só em pessoas canhotas. Daí até saber o que exatamente essas letrelinhas mudam é outra história.

B. Carbinatto, "Estudo identifica 41 variações no genoma associadas a pessoas canhotas". Adaptado.

- a) Retire do texto duas características linguísticas que permitem classificá-lo como artigo de divulgação científica.
- b) Quais os sentidos, no texto, gerados pelo emprego do diminutivo nas palavras “letrinha(s)” e “tijolinhos”? Explique.

Exercício 111

(Fuvest 2019) Leia o texto.

Tio Ben cravou pouco antes de falecer: “grandes poderes nunca vêm sozinhos”. E não há responsabilidade maior do que tirar a vida de alguém. Isso, no entanto, não significa que super-heróis tenham a ficha completamente limpa. Na verdade, uma olhada mais atenta nos filmes sobre os personagens confirma uma teoria não tão inocente – a grande maioria deles é homicida. Foi pensando nisso que um usuário do Reddit, identificado como TOM95, resolveu planilhar os assassinatos que acontecem nos filmes da Marvel. Nos 20 longas, que saíram nos últimos 10 anos, foram 65 mortes – e 20 delas deixaram sangue nas mãos dos mocinhos. Vale dizer que o usuário contabilizou apenas mortes relevantes à história: só entraram na planilha vítimas que tinham, pelo menos, nome antes de baterem as botas. Nada de figurantes ou bonecos criados em computação gráfica só para dar volume a uma tragédia. Ficaram de fora, por exemplo, as centenas que morreram durante a batalha de Wakanda, em “Vingadores: Guerra Infinita”, ou a cena de “Guardiões da Galáxia” que se consagrou como o maior massacre da história do cinema.

https://super.abril.com.br/cultura/quantos_assassinatos_cada_heroi_e_vilao_da_marvel_cometeu_nos_cinemas. Adaptado.

- a) Qual o sentido das palavras “cravou” e “planilhar” destacadas no texto e qual o efeito que elas produzem?
- b) Substitua os dois-pontos do trecho “Vale dizer que o usuário contabilizou apenas mortes relevantes à história: só entraram na planilha vítimas que tinham, pelo menos, nome antes de baterem as botas” por uma conjunção e indique qual a relação de sentido estabelecida por ela.

Exercício 112

(Fuvest 2018) Leia o texto e responda ao que se pede.

Da idade

Não posso aprovar a maneira por que entendemos a duração da vida. Vejo que os filósofos lhe assinam* um limite bem menor do que o fazemos comumente. (...) Os [homens] que falam de uma certa duração normal da vida, estabelecem-na pouco além. Tais ideias seriam admissíveis se existisse algum privilégio capaz de os colocar fora do alcance dos acidentes, tão numerosos, a que estamos todos expostos e que podem interromper essa duração com que nos acenam. E é pura fantasia imaginar que podemos morrer de esgotamento em virtude de uma extrema velhice, e assim fixar a duração da vida, pois esse gênero de morte é o mais raro de todos. E a isso chamamos morte natural como se fosse contrário à natureza um homem quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia; como se na vida comum não esbarrássemos a todo instante com esses acidentes. Não nos iludamos com belas palavras; não denominemos natural o que é apenas exceção e guardemos o qualificativo para o comum, o geral, o universal.

Morrer de velhice é coisa que se vê raramente, singular e extraordinária e portanto menos natural do que qualquer outra. É a morte que nos espera ao fim da existência, e quanto mais longe de nós menos direito temos de a esperar.

Michel de Montaigne, Ensaaios. Editora 34. Trad. de Sérgio Milliet.

*assinar: fixar, indicar.

- a) No texto, o autor retifica o que corriqueiramente se entende por “morte natural”? Justifique.
- b) A que palavra ou expressão se referem, respectivamente, os pronomes destacados no trecho “Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente”?

Exercício 113

(Fuvest 2018) Examine a propaganda.



- a) Considerando o contexto da propaganda, existe alguma relação de sentido entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras “digital” e “diferença”? Explique.
- b) Sem alterar o modo verbal, reescreva o trecho “Venha para a biometria. Cadastre suas digitais.”, passando os verbos para a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.

Exercício 114

(Ufpr 2019) Era uma vez um lobo vegano que não engolia a vovozinha, três porquinhos que se dedicavam _____ especulação imobiliária e uma estilista chamada Gretel que trabalhava de garçonne em Berlim. Não deveria nos surpreender que os contos tradicionais se adaptem aos tempos. Eles foram submetidos _____ alterações no processo de transmissão, oral ou escrita, ao longo dos séculos para adaptá-los aos gostos de cada momento. Vejamos, por exemplo, Chapeuzinho Vermelho. Em 1697 – quando a história foi colocada no papel –, Charles Perrault acrescentou _____ ela uma moral, com o objetivo de alertar as meninas quanto _____ intenções perversas dos desconhecidos. Pouco mais de um século depois, os irmãos Grimm abrandaram o enredo do conto e o coroaram com um final feliz. Se a Chapeuzinho Vermelho do século XVII era devorada pelo lobo, não seria de surpreender que a atual repreendesse a fera por sua atitude sexista quando a abordasse no bosque. A força do conto, no entanto, está no fato de que ele fala por meio de uma linguagem simbólica e nos convida a explorar a escuridão do mundo, a cartografia dos medos, tanto ancestrais como íntimos. Por isso ele desafia todos nós, incluindo os adultos. [...] A poetisa Wislawa Szymborska falou sobre um amigo escritor que propôs a algumas editoras uma peça infantil protagonizada por uma bruxa. As editoras rejeitaram a ideia. Motivo? É proibido assustar as crianças. A ganhadora do prêmio Nobel, admiradora de Andersen – cuja coragem se destacava por ter criado finais tristes –, ressalta a importância de se assustar, porque as crianças sentem uma necessidade natural de viver grandes emoções: “A figura que aparece [em seus contos] com mais frequência é a morte, um personagem implacável que penetra no âmago da felicidade e arranca o melhor, o mais amado. Andersen tratava as

crianças com seriedade. Não lhes falava apenas da alegre aventura que é a vida, mas também dos infortúnios, das tristezas e de suas nem sempre merecidas calamidades”. C. S. Lewis dizia que fazer as crianças acreditar que vivem em um mundo sem violência, morte ou covardia só daria asas ao escapismo, no sentido negativo da palavra.

Depois de passar dois anos mergulhado em relatos compilados durante dois séculos, Italo Calvino selecionou e editou os 200 melhores contos da tradição popular italiana. Após essa investigação literária, sentenciou: “Le fiabe sono vere [os contos de fadas são verdadeiros]”. O autor de O Barão nas Árvores tinha confirmado sua intuição de que os contos, em sua “infinita variedade e infinita repetição”, não só encapsulam os mitos duradouros de uma cultura, como também “contêm uma explicação geral do mundo, onde cabe todo o mal e todo o bem, e onde sempre se encontra o caminho para romper os mais terríveis feitiços”. Com sua extrema concisão, os contos de fadas nos falam do medo, da pobreza, da desigualdade, da inveja, da crueldade, da avareza... Por isso são verdadeiros. Os animais falantes e as fadas madrinhas não procuram confortar as crianças, e sim dotá-las de ferramentas para viver, em vez de incutir rígidos padrões de conduta, e estimular seu raciocínio moral. Se eliminarmos as partes escuras e incômodas, os contos de fadas deixarão de ser essas surpreendentes árvores sonoras que crescem na memória humana, como definiu o poeta Robert Bly.

(Marta Rebón. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/eps/1537265048_460929.>
Com relação aos contos tradicionais, a autora:

- a) defende a ideia de que eles precisam ser reelaborados, para se adequarem aos valores de cada época.
- b) concorda que deve ser proibido assustar as crianças por meio dos contos, para que isso não as afaste da leitura.
- c) vê com bons olhos as versões dos irmãos Grimm, que abrandaram o enredo e passaram a apresentar finais felizes.
- d) considera a infinita repetição como um aspecto negativo dos contos, mas que é compensado pela infinita variedade.
- e) é favorável a que tenham finais tristes e abordem situações de desigualdade, crueldade e infortúnios.

Exercício 115

(Ufpr 2016)

Dependendo do contexto em que são empregados, termos como “aí”, “até” e “ir” ora denotam espaço, ora denotam tempo. Esses variados sentidos que as palavras podem assumir nem sempre são precisamente especificados no dicionário.

Talvez o exemplo mais interessante para ilustrar a indicação de tempo ou de espaço com a mesma palavra seja o verbo “ir”. O sentido primeiro (aceitemos isso para efeito de raciocínio) do verbo “ir” é de deslocamento: “alguém vai de A a B” quer dizer que alguém se desloca do ponto A ao ponto B. Trata-se de espaço.

Dizemos também, por exemplo, que a Bandeirantes vai de Piracicaba a S. Paulo. Mas é claro que a rodovia não se desloca: ela começa em uma cidade e termina em outra. Não há sentido de deslocamento nessa oração, mas ainda estamos no domínio do espaço.

Agora, veja-se outro caso: também dizemos que o período colonial vai de 1500 a 1822 (ou a 1808, conforme o ponto de vista). Nesse exemplo, ninguém se desloca, nem se informa sobre

dois pontos do espaço, dois lugares extremos. Agora não se trata mais de espaço. Trata-se de tempo. E o verbo é o mesmo.

POSSENTI, SÍRIO. Analogias. Disponível em:
<<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/analogias>>.
Acesso em 23 mai. 2014.

Considere as frases abaixo:

1. A numeração deste modelo de tênis vai de 35 a 44.
2. Se alguém perguntar por mim, diga que fui ao cinema.
3. O Canal do Panamá vai do Oceano Atlântico ao Pacífico.
4. No hemisfério Sul, o outono vai de 21 de março a 20 de junho.
5. As linhas de ônibus que partem do terminal 2 vão para a estação central.

O sentido do verbo "ir" fica no domínio do espaço:

- a) nos exemplos 1 e 3 apenas.
- b) nos exemplos 2 e 3 apenas.
- c) nos exemplos 4 e 5 apenas.
- d) nos exemplos 1, 2 e 4 apenas.
- e) nos exemplos 2, 3 e 5 apenas.

Exercício 116

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Que coisa mais jeca!

Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país

¹É bem raro que um personagem literário tenha tanta projeção cultural que seu nome acabe por virar substantivo comum de ampla circulação, verbete em todos os dicionários. Aconteceu com o Jeca Tatu, criado há pouco mais de cem anos pelo escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948). O Houaiss define assim o brasileiro jeca-tatu, substantivo masculino: "habitante do ²interior brasileiro, especialmente da região centro-sul, de hábitos rudimentares, morador da zona rural". Ou seja, jecatatu é sinônimo de caipira, matuto, equivalência que o dicionário também registra. Curiosamente, é só no verbete jeca, forma reduzida de jeca-tatu, que o lexicógrafo aponta o escancarado caráter pejorativo da palavra. O termo caipira pode ser depreciativo, mas também aparece em contextos neutros e até de valorização da cultura rural. Jeca não: é ofensivo sempre. Mesmo quando o ator e cineasta Amácio Mazzaropi (1912-1981) fez dele um herói simpático e de grande sucesso, o riso que sua comédia buscava era baseado na superioridade do espectador sobre aquele capiau ridiculamente simplório, que envergonhava os próprios filhos, ainda que fosse honesto e de bom coração. A negatividade vem de berço. Quando lançou o personagem do Jeca Tatu em 1914, em artigo para O Estado de S. Paulo ³intitulado "Uma velha praga", Lobato o apresentava como síntese dos defeitos que, na sua experiência de fazendeiro cheio de sonhos frustrados de modernização, condenavam o matuto brasileiro – e o país com ele – ao atraso eterno. Preguiçoso, ignorante, ⁴abúlico, triste, nessa primeira encarnação o Jeca (corruptela de Zeca) é uma espécie de aberração responsável por todas as suas próprias desgraças aos olhos urbanos do escritor elitista. Só que o autor nunca parou de retocar o personagem. Em pouco tempo tinha transformado o Jeca numa vítima da ⁵incompetência do Estado,

que lhe negava saneamento, remédios e educação. O personagem começou a ganhar contornos construtivos. Nessa fase o ⁶astuto Lobato chegou a lhe arranjar um emprego de garoto-propaganda do Biotônico Fontoura, elixir vendido como capaz de curar os jecas de sua jequice. No fim da vida do escritor, uma intervenção mais claramente política mudou tanto o caipira, agora retratado como explorado pelos donos da terra, que ele precisou mudar de nome. Assim surgiu o personagem Zé Brasil, camponês dotado de consciência de classe. De modo significativo, não fez um milésimo do sucesso do Jeca. Ocorre que a criatura já havia declarado sua ⁷independência do criador. Morto Lobato, novas transformações estavam por vir tanto para o Jeca, o personagem, quanto para jeca, a palavra. ⁸O já citado Mazzaropi se encarregou da primeira, mas é a outra que ⁹interessa mais de perto à coluna. Se a ¹⁰incrível ¹¹inserção cultural alcançada pelo caipira de Lobato só pode ser entendida no contexto de um país que, na primeira metade do século passado, ainda era maciçamente rural, o Brasil de urbanização velocíssima das décadas seguintes reservou novos papéis para o termo jeca. Hoje é mais comum vê-lo usado como adjetivo para qualificar o "que revela mau gosto, falta de refinamento; cafona, ridículo" (Houaiss). Abusar de palavras em inglês é jeca. Humilhar porteiros e garçons é jeca demais. Usar faixa presidencial em solenidades que não a exigem, haja jequice! Não há dúvida de que vivemos o momento mais jeca de nossa história.

Rodrigues, S. "Que coisa mais jeca! Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país". *Folha de São Paulo*. 24.10.2019. Disponível em: <https://bit.ly/2NxylzK>. Adaptado.

(Fuvest-Ete 2022) No texto, podem ser consideradas sinônimos de "abúlico" (ref. 4) e "astuto" (ref. 6), respectivamente, as palavras

- a) "faminto" e "sagaz".
- b) "apático" e "esperto".
- c) "mentiroso" e "maldoso".
- d) "honesto" e "sabido".
- e) "simples" e "hábil".

Exercício 117

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mulher (Sexo Frágil)

Erasmus Carlos

Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda!
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas

Vejam como é forte a que eu conheço
Sua sapiência não tem preço
Satisfaz meu ego, se fingindo submissa
Mas no fundo me enfeitiça

Quando eu chego em casa à noite
Quero uma mulher só minha

Mas pra quem deu luz não tem mais jeito
Porque um filho quer seu peito

O outro já reclama a sua mão
E o outro quer o amor que ela tiver
Quatro homens dependentes e carentes
Da força da mulher

Mulher! Mulher!
Do barro de que você foi gerada
Me veio inspiração
Pra decantar você nessa canção

Mulher! Mulher!
Na escola em que você foi ensinada
Jamais tirei um 10
Sou forte, mas não chego aos seus pés

(Uece 2021) Em língua portuguesa, é correto dizer que os sinônimos são palavras de significados semelhantes a outra e que podem, em alguns contextos, ser usadas em seu lugar sem alterar o significado da sentença. No trecho “Mulher! Mulher!/Do barro de que você foi gerada/Me veio inspiração/Pra **decantar** você nessa canção” (linhas 17-20), o significado do verbo decantar nesse contexto é

- a) lamentar.
- b) homenagear.
- c) contestar.
- d) negar.

Exercício 118

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nunca imaginei um dia

Até alguns anos atrás, eu costumava dizer frases como “eu jamais vou fazer isso” ou “nem morta eu faço aquilo”, limitando minhas possibilidades de descoberta e emoção. Não é fácil libertar-se do manual de instruções que nos autoimpomos. Às vezes, leva-se uma vida inteira, e nem assim conseguimos viabilizar esse projeto. Por sorte, minha ficha caiu há tempo.

Começou quando iniciei um relacionamento com alguém completamente diferente de mim, diferente a um ponto radical mesmo: ele, por si só, foi meu primeiro “nunca imaginei um dia”. Feitos para ficarem a dois planetas de distância um do outro. Mas o amor não respeita a lógica, e eu, que sempre me senti tão confortável num mundo planejado inaugurei a instabilidade emocional na minha vida. Prendi a respiração e dei um belo mergulho.

A partir daí, comecei a fazer coisas que nunca havia feito. Mergulhar, aliás, foi uma delas. Sempre respeitosa com o mar e chata para molhar os cabelos afundei em busca de tartarugas gigantes e peixes coloridos no mar de Fernando de Noronha. Traumatizada com cavalos (por causa de um equino que quase me levou ao chão quando eu tinha oito anos), participei da minha primeira cavalgada depois dos 40, em São Francisco de Paula. Roqueira convicta e avessa a pagode, assisti a um show do Zeca Pagodinho na Lapa. Para ver o Ronaldo Fenômeno jogar ao vivo, me infiltrei na torcida do Olímpico num jogo entre Grêmio e Corinthians, mesmo sendo colorada.

Meu paladar deixou de ser monótono: comecei a provar alimentos que nunca havia provado antes. E muitas outras coisas vetadas por causa do “medo do ridículo” receberam alvará de soltura. O ridículo deixou de existir na minha vida.

Não deixei de ser eu. Apenas abri o leque, me permitindo ser um “eu” mais amplo. E sinto que é um caminho sem volta.

Um mês atrás participei de outro capítulo da série “Nunca imaginei um dia”. Viajei numa excursão, eu que sempre rejeitei essa modalidade turística. Sigo preferindo viajar a dois ou sozinha, mas foi uma experiência fascinante, ainda mais que a viagem não tinha como destino um país do circuito Elizabeth Arden (Paris-Londres-Nova York), mas um país africano, muçulmano e desértico. Aliás, o deserto de Atacama, no Chile, será meu provável “nunca imaginei um dia” do próximo ano.

E agora cometi a loucura jamais pensada, a insanidade que nunca me permiti, o ato que me faria merecer uma camisa-de-força: eu, que nunca me comovi com bichos de estimação, adotei um gato de rua.

Pode colocar a culpa no espírito natalino: trouxe um bichano de três meses pra casa, surpreendendo minhas filhas, que já haviam se acostumado com a ideia de ter uma mãe sem coração. E o que mais me estarrece: estou apaixonada por ele.

Ainda há muitas experiências a conferir: fazer compras pela internet, andar num balão, cozinhar dignamente, me tatuar, ler livros pelo *kindle*, viajar de navio e mais umas 400 coisas que nunca imaginei fazer um dia, mas que já não duvido. Pois tem essa também: deixei de ser tão cética.

Já que é improvável que o próximo ano seja diferente de qualquer outro, que a novidade sejamos nós.

Medeiros, Martha. Nunca Imaginei um dia. 2009. Disponível em: <http://alagoinhaipaumirim.blogspot.com/2009/12/nunca-imaginei-um-dia-martha-medeiros.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

(G1 - col. naval 2021) Assinale a opção em que o sinônimo indicado para o termo sublinhado NÃO mantém o mesmo sentido daquele apresentado no texto.

- a) “[...] e nem assim conseguimos viabilizar esse projeto.” (1º parágrafo) - oportunizar
- b) “Meu paladar deixou de ser monótono: [...]”. (4º parágrafo) - gosto
- c) “[...] a insanidade que nunca me permiti, [...]”. (7º parágrafo) - desvario
- d) “E o que mais me estarrece: [...]”. (8º parágrafo) - espanta
- e) “[...] deixei de ser tão cética.” (9º parágrafo) - inflexível

Exercício 119

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Da sua janela, ponto ¹culminante da Travessa das Acácias, o Prof. Clarimundo ²viaja o ³olhar pela paisagem. No pátio de D. Veva um cachorro magro fuça na lata do lixo. Mais no fundo, um pomar com ⁴bergamoteiras e ⁵laranjeiras pontilhadas de frutos dum amarelo de gemada. Quintais e telhados, fachadas cinzentas com a boca aberta das janelas. Na frente da sapataria do Fiorello, dois homens conversam em voz ⁶alta. A fileira das acácias se estende rua afora. As sombras são dum violeta profundo. O céu está ⁷levemente enfumaçado e a luz do sol é de um amarelo oleoso e fluido. Vem de outras ruas a trovoadas dos bondes

atenuada pela distância. Grasnar de buzinas. Num trecho do Guaíba que se avista longe, entre duas paredes caiadas, passa um veleiro.

Para Clarimundo tudo é novidade. Esta hora é uma espécie de parêntese que ele abre em sua vida interior, para contemplar o mundo chamado real. E ele verifica, com divertida surpresa, que continuam a existir ⁸os cães e as latas de lixo, apesar de Einstein. O sol brilha e os veleiros passam sobre as águas, ⁹não obstante Aristóteles. ¹⁰Seus olhos contemplam a paisagem com a alegria meio inibida ¹¹duma criança que, vendo-se de repente solta num bazar de brinquedos maravilhosos, não quer no primeiro momento acreditar no ¹²testemunho de seus próprios olhos.

Clarimundo debruça-se ¹³à janela... Então tudo isto existia antes, ¹⁴enquanto ele passava ¹⁵_____ horas ¹⁶_____ voltas com números e teorias e ¹⁷cogitações, tudo isto tinha realidade? (Este pensamento é de todas as tardes à mesma hora: mas a surpresa é sempre nova.) ¹⁷E ¹⁸depois, quando ele voltar para os livros, para as aulas, para dentro de si mesmo, a vida ali fora continuará assim, sem o menor hiato, sem o menor colapso?

Um galo canta num quintal. Roupas brancas se balouçam ao vento, pendentes de cordas. Clarimundo ali está como um deus onipresente que ¹⁹tudo vê e ouve. A impressão que ²⁰_____ causam aquelas cenas domésticas ²¹_____ levam a pensar no seu livro.

A sua obra... Agora ele já não enxerga mais a paisagem. O mundo objetivo se ²²esvaeceu ²³misteriosamente. Os olhos do professor estão fitos na fachada amarela da casa fronteira, ²⁴mas o que ele vê agora são as suas próprias teorias e ideias. Imagina o livro já impresso... Sorri, exterior e ²⁵interiormente. O leitor (a palavra leitor corresponde, na mente de Clarimundo, à imagem dum homem debruçado sobre um livro aberto: e esse homem – extraordinário! – é sempre o sapateiro Fiorello) – o leitor vai se ver diante dum assunto inédito, diferente, original.

Adaptado de: VERISSIMO, Erico. *Caminhos Cruzados*. 26. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982. p. 57-58.

(Ufrgs 2020) Considere as seguintes propostas de substituição de palavras do texto.

1. *testemunho* (ref. 12) por **declaração**.
2. *cogitações* (ref. 17) por **proposições**.
3. *esvaeceu* (ref. 22) por **dissipou**.

Quais propostas indicam que a segunda palavra constitui sinônimo adequado da primeira, considerando o contexto de ocorrência

- a) Apenas 1.
- b) Apenas 2.
- c) Apenas 3.
- d) Apenas 2 e 3.
- e) 1, 2 e 3.

Exercício 120

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Sozinhos

Esta ideia para um conto de terror é tão terrível que, logo depois de tê-la, me arrependi. Mas já estava tida, não adiantava mais. Você, leitor, no entanto, tem uma escolha. Pode parar aqui, e se poupar, ou ler até o fim e provavelmente nunca mais dormir. Vejo que decidiu continuar. Muito bem, vamos em frente. Talvez, posta no papel, a ideia perca um pouco do seu poder de susto. Mas não posso garantir nada. É assim:

Um casal de velhos mora sozinho numa casa. Já criaram os filhos, os netos já estão grandes, só lhes resta implicar um com o outro.

¹Retomam com novo fervor uma discussão antiga. Ela diz que ele ronca quando dorme, ele diz que é mentira.

– Ronca.

– Não ronco.

– Ele diz que não ronca – comenta ela, impaciente, como se falasse com uma terceira pessoa.

Mas não existe outra pessoa na casa. Os filhos raramente visitam. Os netos, nunca. A empregada vem de manhã, faz o almoço, deixa o jantar e sai cedo.

Ficam os dois sozinhos.

– Eu devia gravar os seus roncos, pra você se convencer – diz ela.

E em seguida tem a ideia infeliz. – É o que eu vou fazer! Esta noite, quando você dormir, vou ligar o gravador e gravar os seus roncos.

– Humrfm – diz o velho.

Você, leitor, já deve estar sentindo o que vai acontecer. Pare de ler, leitor. Eu não posso parar de escrever. As ideias não podem ser desperdiçadas, mesmo que nos custem amigos, a vida ou o sono. ²Imagine se Shakespeare tivesse se horrorizado com suas próprias ideias e deixado de escrevê-las, por puro comedimento. Não que eu queira me comparar a Shakespeare. Shakespeare era bem mais magro. ³Tenho que exercer este ofício, esta danação. Você, no entanto, não é obrigado a me acompanhar, leitor. Vá passear, vá tomar um sol. ⁴Uma das maneiras de controlar a demência solta no mundo é deixar os escritores falando sozinhos, ⁵exercendo sozinhos a sua profissão malsã, o seu vício solitário. Você ainda está lendo. Você é pior do que eu, leitor. Você tinha escolha.

Sozinhos. Os velhos sozinhos na casa. Os dois vão para a cama. Quando o velho dorme, a velha liga o gravador. Mas em poucos minutos a velha também dorme. O gravador fica ligado, gravando. Pouco depois a fita acaba. Na manhã seguinte, certa do seu triunfo, a velha roda a fita. Ouvem-se alguns minutos de silêncio. Depois, alguém roncando.

– Rarrá! – diz a velha, feliz.

Pouco depois ouve-se o ronco de outra pessoa, a velha também ronca!

– Rarrá! – diz o velho, vingativo.

E em seguida, por cima do contraponto de roncos, ouve-se um sussurro. Uma voz sussurrando, leitor. Uma voz indefinida. Pode ser de homem, de mulher ou de criança. A princípio – por causa dos roncos – não se distingue o que ela diz. Mas aos poucos as palavras vão ficando claras. São duas vozes.

É um diálogo sussurrado.

“Estão prontos?”

“Não, acho que ainda não...”
“Então vamos voltar amanhã...”

Verissimo. Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*.

Disponível em:

<http://files.jornalagito.webnode.com.br/200000103-7b0077b18a/Comedias%20pra%20ler%20na%20escola.pdf>.

Acesso em 26/09/2019.

(G1 - ifsc 2020) Assinale a única alternativa em que a expressão entre parênteses **NÃO** representa um sinônimo da palavra destacada nas frases retiradas do texto.

a) Imagine se Shakespeare tivesse se horrorizado com suas próprias ideias e deixado de escrevê-las, por puro **comedimento**. (prudência) (referência 2)

b) Tenho que exercer este **ofício**, esta danação. (afazer) (referência 3)

c) ... exercendo sozinhos a sua profissão **malsã**, o seu vício solitário. (benéfica) (referência 5)

d) Uma das maneiras de controlar a **demência** solta no mundo é deixar os escritores falando sozinhos... (insanidade) (referência 4)

e) Retomam com novo **fervor** uma discussão antiga. (entusiasmo) (referência 1)

Exercício 121

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que

chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam, a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confiar-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas tem criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências "ao gosto do cliente", como dizem por aí.

Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza. O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco.

Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

D.A., *O Globo*, em 10 de julho de 2019.

(G1 - col. naval 2020) Assinale a opção na qual o antônimo do vocábulo em destaque está correto, observando-se o contexto.

a) "[...] que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação." (12º parágrafo) (amizade)

b) "No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, [...]" (13º parágrafo) (surgem)

c) "Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news." (4º parágrafo) (agrupar)

d) "Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco." (11º parágrafo) (remediar)

e) "Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmico, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, [...]" (6º parágrafo) (desconexas)

Exercício 122

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mito nº 6

“O certo é falar assim porque se escreve assim”

Diante de uma tabuleta escrita COLÉGIO é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga CÒlégio, que um carioca diga CULégio, que um paulistano diga CÔlégio. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português (Imagine se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!). Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo! É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer BUnito ou BOnito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu, particular!

Fonte: BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 49ª ed. São Paulo: Loyola, 2007, p. 52-53. (adaptado) Acesso em: 10 abr. 2018

(G1 - ifsc 2019) Leia com atenção o excerto a seguir assinale a alternativa **CORRETA**:

“Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “**certa**” de falar português [...]”

As aspas possuem diversas funções num texto. No trecho, o autor usou aspas na palavra em destaque principalmente para:

- a) dar ênfase à palavra usada.
- b) questionar a própria noção do que é considerado certo.
- c) deixar claro que a palavra está escrita de modo inadequado.
- d) registrar a origem latina da palavra.
- e) deixar claro que, nesse contexto, o significado da palavra é seu antônimo.

Exercício 123

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, considere o texto abaixo.

Minha vida

Minha vida
não é tempo que corre
do meu natal
à minha morte

Minha vida é o meu dia de natal
- Dia da minha morte

In: COOPER, Jorge. *Poesia Completa*. Maceió: Cepal, 2010, p. 41.

(G1 - ifal 2016) No poema, aparecem os vocábulos “vida” e “morte”, que, sendo antônimos, contribuem para o desfecho paradoxal expresso nos dois últimos versos. Quanto às relações semânticas dos pares de palavras abaixo, qual das alternativas apresenta um erro?

- a) extroversão / introversão – antonímia
- b) experto / esperto – homonímia
- c) ratificar / retificar – paronímia
- d) pelo (contração prepositiva) / pelo (substantivo) – homonímia
- e) concerto / ajuste – sinonímia

Exercício 124

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Utilize o texto para responder a(s) questão(ões).

A crescente intolerância no Rio Grande do Sul

Marcelo Gonzatto.

Atos de intolerância como a agressão racista sofrida pelo ex-árbitro de futebol Márcio Chagas da Silva, que encontrou bananas lançadas sobre seu carro após apitar um jogo do Campeonato Gaúcho, em março de 2014, estão entranhados no cotidiano dos gaúchos. Embora poucos casos como esse ganhem atenção, um estudo inédito revela que, a cada 36 horas, em média, uma ocorrência envolvendo preconceito foi registrada pela Polícia Civil nos últimos sete anos. Nada menos que 1.677 queixas decorrentes de ofensas ou ameaças carregadas de ódio a alguma etnia, nacionalidade ou origem chegaram ¹_____ delegacias gaúchas.

Isso significa que, a cada dia e meio, um confronto marcado pelo desprezo entre brancos, negros, asiáticos, indígenas ou judeus, entre gaúchos e não gaúchos, brasileiros e estrangeiros, entre pessoas de origens ou culturas diferentes desmentiu ²_____ reputação de hospitalidade que a população do Estado costuma atribuir ³_____ si. Mas nem mesmo a contabilidade oficial consegue dar a dimensão total do preconceito.

Como ⁴_____ pouca sistematização na coleta de dados sobre esse tipo de violação no país, é difícil fazer comparações entre os Estados. ⁵Além disso, muitas vezes, uma cifra maior de denúncias pode revelar um grau mais elevado de conscientização e ⁶mais facilidade de acesso a órgãos de fiscalização do que um

maior número de situações de intolerância de fato. Por isso, é difícil supor se um gaúcho é mais ou menos amistoso que um paulista ou baiano - mas as informações disponíveis dão conta de um cotidiano de ⁷beligerância.

O sociólogo José Luiz Bica de Melo identifica alguns traços culturais do gaúcho que estimulam determinadas formas de discriminação: o projeto de desenvolvimento baseado na vinda do imigrante europeu, em vez da integração do negro, contribuiu para a formação de estereótipos. Além disso, há uma certa tendência ⁸ _____ violência fundamentada na questão histórica de que ⁹estabelecemos fronteiras através da guerra e ¹⁰construímos nosso mapa com as patas dos cavalos. Em muitas das fronteiras invisíveis que dividem os habitantes do Pampa, a guerra continua.

Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br>> (Acesso em 02 abr. 2015).

(G1 - ifsul 2015) Considerando o contexto textual, o vocábulo "beligerância" (ref. 7) encontra seu antônimo em

- a) implicância.
- b) iniquidade.
- c) criminoso.
- d) tranquilidade.

Exercício 125

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Sem Facebook

Das minhas relações mais próximas, só três comungam comigo não ter facebook. Não pensem que tenho críticas, sou um entusiasta, apenas não quero usar. Pouco dou conta dos meus amigos, onde vou arranjar tempo para mais? Minha etiqueta me faz responder a tudo, teria que largar o trabalho se entrasse na rede social. Só recentemente minhas filhas me convenceram que se não respondesse um spam ninguém ficaria ofendido.

¹A ²cidade ganhou a parada. Acabou o pequeno mundo onde todos se conheciam, ³onde não se podia esconder segredos e pecados. Viver na ⁴urbe é cruzar com desconhecidos, sentir a frieza do anonimato. Essa é a realidade da maioria.

Meu ⁵apreço com as redes sociais é por acreditar que elas são um antídoto para o isolamento urbano. São uma novidade que imita o passado, uma nova versão, por vezes mais rica, por vezes mais pobre, da antiga comunidade. Detalhe: não quero ⁶retroceder, a simpatia é pelo resgate da nossa essência social. Vivemos para o olhar dos outros, essa é a realidade simples, evidente. ⁷Quem pensa o contrário vai à conversa da literatura de autoajuda, ⁸que idolatra a autossuficiência e acredita que é possível ser feliz sozinho. É uma ilusão tola. Nascemos para vitrine.

Quando checamos insistentemente para saber como reagiram às nossas postagens, somos desvelados no pedido amoroso. ⁹O viciado em rede social é ¹⁰obcecado pela sociabilidade. Está em busca de um olhar, de uma aprovação, precisa disso para existir. Ou vamos acreditar que a carência, o desespero amoroso e a busca pelo reconhecimento são novidades da internet? ¹¹Sei que

o facebook é o retrato da felicidade fingida, todos vestidos de ego de domingo, mas essa é a demanda do nosso tempo. Critique nossos costumes, não o espelho. Sei também que as redes são usadas basicamente para ¹²frivolidades, é certo, mas isso somos nós. Se a vida miúda de uma cidadezinha fosse transcrita, não seria diferente. Fofoca, sabedoria de almanaque, dicas de produtos culturais, troca de impressões e às vezes até um bom conselho, além de ser um amplificador veloz para mobilizações. Também apontam que amigos virtuais não substituem os presenciais. ¹³Todos se dão conta, e justamente usam a rede na esperança de escapar dela. O ¹⁴objetivo final é ser visto e conhecido também fora. Usamos esse grande palco para ensaiar e se aproximar dos outros, fazer o que sempre fizemos. ¹⁵O facebook é a nostalgia da aldeia e sua superação.

CORSO, Mário. Sem Facebook. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/blogs/>. Acesso em: 31 de agosto de 2013. (adaptado)

(G1 - ifba 2014) Quanto ao significado das palavras, a alternativa correta é:

- a) A palavra "apreço" (ref.5) pode ser substituída sem alteração de sentido por "afeto".
- b) A palavra "urbe" (ref.4) é sinônima do vocábulo "rua".
- c) O verbo "retroceder" (ref. 6) é oposto ao verbo "recuar".
- d) O termo "frivolidades" (ref. 12) é antônimo de "tolices".
- e) A palavra "objetivo" (ref.14) pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por "intuito".

Exercício 126

(Ufsc 2017) Os filhos chegaram tarde, cada um por sua vez, e Pedro mais cedo que Paulo. A melancolia de um ia com a alma da casa, a alegria de outro destoava desta, mas tais eram uma e outra que, apesar da expansão da segunda, não houve repressão nem briga. Ao jantar, falaram pouco. Paulo referia os sucessos amorosamente. Conversara com alguns correligionários e soube do que se passara à noite e de manhã, a marcha e a reunião dos batalhões no campo, as palavras de Ouro Preto ao Marechal Floriano, a resposta deste, a aclamação da República. A família ouvia e perguntava, não discutia, e esta moderação contrastava com a glória de Paulo. O silêncio de Pedro principalmente era como um desafio. Não sabia Paulo que a própria mãe é que o pedira ao irmão com muitos beijos, motivo que em tal momento ia com o aperto do coração do rapaz.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática, 1999, p. 119.

Com base no texto e na leitura integral do romance de Machado de Assis, *Esau e Jacó*, publicado pela primeira vez em 1904, é correto afirmar que:

01) o romance de Machado de Assis está situado dentro da escola literária do Realismo brasileiro e possui como pano de fundo a transição do Império para a República, tendo referências explícitas ao contexto histórico da época em que os fatos são narrados.

02) *Esau e Jacó* vale-se de intertexto com a narrativa bíblica, seja em razão dos nomes dos protagonistas, Pedro e Paulo, assim nomeados em referência aos apóstolos homônimos, seja em virtude dos nomes dos personagens que dão título à obra.

04) o romance de Machado de Assis ilustra um aspecto fundamental nas histórias literárias sobre irmãos gêmeos, narrativas nas quais cada gêmeo possui uma personalidade diferente, diametralmente oposta, sendo os irmãos frequentemente rivais na disputa por um objeto amoroso.

08) em *Esau e Jacó*, Machado de Assis pratica uma forma de intertexto ao resgatar personagens presentes em outros de seus consagrados romances, como é o caso de *Dom Casmurro* e os sujeitos ficcionais Bentinho e Capitu.

16) *Esau e Jacó* pode ser classificado como um romance histórico, muito embora o formato apresentado seja o de um diário irônico e sagaz de Conselheiro Aires sobre a implantação da República em território brasileiro, projeto considerado pelo narrador como algo impossível dado o passado colonial, retrógrado e agrário do país.

32) no romance de Machado de Assis, a libertação dos escravos é um tema político sobre o qual os dois irmãos, Pedro e Paulo, expressam mesma postura ideológica, momento em que se dá uma trégua na rivalidade entre os dois.

Exercício 127

(Fuvest 2014) Leia o seguinte texto, que faz parte de um anúncio de um produto alimentício:

EM RESPEITO A SUA NATUREZA, SÓ TRABALHAMOS COM O MELHOR DA NATUREZA

Selecionamos só o que a natureza tem de melhor para levar até a sua casa. Porque faz parte da natureza dos nossos consumidores querer produtos saborosos, nutritivos e, acima de tudo, confiáveis.

www.destajornal.com.br, 13/05/2013. Adaptado.

Procurando dar maior expressividade ao texto, seu autor

- a) serve-se do procedimento textual da sinonímia.
- b) recorre à reiteração de vocábulos homônimos.
- c) explora o caráter polissêmico das palavras.
- d) mescla as linguagens científica e jornalística.
- e) emprega vocábulos iguais na forma, mas de sentidos contrários.

Exercício 128

(Ufsc 1999) Leia as frases a seguir e assinale a(s) proposição(ões) VERDADEIRA(S).

01) As palavras ARDIL, FUNIL, FÓSSIL e RÉPTIL formam o plural mudando o IL para IS.

02) A frase "Houve muitos comentários sobre o escândalo sexual de Bill Clinton" pode ser reescrita como "Houveram muitos comentários sobre o escândalo sexual de Bill Clinton".

04) Por definição, oração coordenada que seja desprovida de conjunção é denominada ASSINDÉTICA, como o exemplo a seguir: Antigamente, para comunicar-se com um primo no oeste do Estado, o jovem era obrigado a escrever uma carta.

08) Nos versos: "Minha cidade toda se enfeitou Pra ver a banda passar Cantando coisas de amor" há uma prosopopeia.

16) Em "O alfaiate COSE a roupa, enquanto sua mulher COZE as verduras para o jantar" e em "A garota fez a DESCRIÇÃO do assaltante com muita DISCRICÃO", os pares cose/coze e descrição/discricão são, respectivamente, homônimos e parônimos.

32) Há erro na correspondência entre o substantivo e o seu diminutivo erudito nos pares: RADÍCULA/RAIZ; GRÂNULO/GRÃO; AURÍCULA/ORELHA.

Exercício 129

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A FUGA

Mal colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

- Para com esse barulho, meu filho - falou, sem se voltar.

Com três anos, já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, só estava empurrando uma cadeira.

- Pois então para de empurrar a cadeira.

- Eu vou embora - foi a resposta.

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano, era sua bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa? a mãe mais tarde irá saber), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante.

A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:

- Viu um menino saindo desta casa? - gritou para o operário que descansava diante da obra, do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

- Saiu agora mesmo com uma trouxinha - informou ele.

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro.

A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e - saíra de casa prevenido - uma moeda de um cruzeiro. Chamou-o mas ele apertou o passinho e abriu a correr em direção à avenida, como disposto a atirar-se diante do ônibus que surgia à distância.

- Meu filho, cuidado!

O ônibus deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto.

O menino, assustado arrepiou a cabeça. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como um animalzinho:

- Que susto você me passou, meu filho - e apertava-o contra o peito comovido.

- Deixa eu descer, papai. Você está me machucando.

Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:

- Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai.

- Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala - tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

- Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.
 - Fico, mas vou empurrar esta cadeira.
- E o barulho recomeçou.

FERNANDO SABINO

(G1 1996) Observe a palavra "Distraído". Está acentuada porque:

- a) a letra "i" do hiato está sozinha e é tônica.
- b) a palavra é paroxítona terminada em "o".
- c) a palavra é proparoxítona.
- d) houve erro de impressão.
- e) a palavra tem homônimos e o acento diferencia.

Exercício 130

(Uel 1994) Os pares acidente/incidente; cheque/xeque; vultoso/vultuoso; verão/estio são, respectivamente:

- a) sinônimos, homônimos, parônimos e antônimos.
- b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
- c) parônimos, parônimos, sinônimos e sinônimos.
- d) homônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.
- e) sinônimos, parônimos, sinônimos e antônimos.

Exercício 131

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

¹Recebi consulta de um amigo que tenta ²deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. ³Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância?

⁴Certamente, não se diz ⁵Pessoal, leia o livro X”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou ⁶menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos;

⁷exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que, ⁸nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece ⁹aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”, ¹⁰mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

¹¹Para tentar formular uma hipótese ¹²mais clara para o problema apresentado, ¹³talvez ¹⁴se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) ¹⁵é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão verbal.

¹⁶Exemplos ¹⁷correntes são frases como “chegaram e saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois ¹⁸não seria estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) ¹⁹se ²⁰forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não ²¹seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema ²²real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem não estar ²³na frase, mas que atuam como se ²⁴lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

(Ufrgs 2019) Assinale a alternativa que contém sinônimos adequados para as palavras **deslindar** (ref. 2), **correntes** (ref. 17) e **real** (ref. 22), considerando o sentido que têm no texto.

- a) ensinar – propalados – empírico
- b) elucidar – em curso – concreto
- c) desvendar – usuais – verdadeiro
- d) explicitar – corridos – gramatical
- e) compreender – práticos – existente

Exercício 132

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Parente e Família

Sempre me emociono quando reparo o quanto filhos adotivos passam a se parecer com os seus responsáveis. Ninguém diz que foram adotados: o mesmo olhar, o mesmo andar, a mesma forma de soletrar ____ respiração. Há um DNA da ternura mais intenso do que o próprio DNA. Os traços mudam conforme o amor a uma voz ou de acordo com o aconchego de um abraço.

Não subestimo a força da convivência. Família é feita de presença mais do que de registro. Há pais ausentes que nunca serão pais, ____ padrastos atentos que sempre serão pais.

Não existem pai e mãe por decreto, representam conquistas sucessivas. Não existem pai e mãe vitalícios. A paternidade e a maternidade significam favoritismo, só que não se ganha uma partida por antecipação. É preciso jogar dia por dia, rodada por rodada. Já perdi os meus filhos por distração, já os reconquistei por insistência e esforço.

Família é uma coisa, ser parente é outra. Identifico uma diferença fundamental. Amigos podem ser mais irmãos do que os irmãos ou mais mães do que as mães.

Família vem de laços espirituais; parente se caracteriza por laços sanguíneos. As pessoas que mais amo no decorrer da minha existência formarão a minha família, mesmo que não tenham nada ____ ver com o meu sobrenome.

Família é chegada, não origem. Família se descobre na velhice, não no berço. Família é afinidade, não determinação biológica.

Família é quem ficou ao lado nas dificuldades enquanto a maioria desapareceu. Família é uma turma de sobreviventes, de eleitos, que enfrentam o mundo em nossa trincheira e jamais mudam de lado.

Já parentes são fatalidades, um lance de sorte ou azar. Nascermos tão somente ao lado deles, que têm a chance natural de se tornarem família, mas nem todos aproveitam.

Árvore genealógica é o início do ciclo, jamais o seu apogeu. Importante também pousar, frequentar os galhos, cuidar das folhagens, abastecer as raízes: trabalho feito pelas aves genealógicas de nossas vidas, os nossos verdadeiros familiares e cúmplices de segredos e desafios.

Dividir o teto não garante proximidade, o que assegura a afeição é dividir o destino.

Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/09/carpinejar-parente-e-familia-4842961.html>>. Acesso em: 08 de set de 2015.

(G1 - ifsul 2019) Sobre o texto *Parente e Família*, de Fabrício Carpinejar, é correto afirmar que

- a) ter laço de sangue é tão importante quanto ter afinidade.
- b) são sinônimos os termos família e parente.
- c) existem muitas formas de se conceber uma família.
- d) ser pais biológicos não pressupõe laços afetivos.

Exercício 133

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

EU TENHO UM SONHO

Estou contente de me reunir com vocês nesta que será conhecida como a maior demonstração pela liberdade na história de nossa nação.

Há dez décadas, um grande americano, sob cuja sombra simbólica nos encontramos hoje, assinou a Proclamação da Emancipação. Esse magnífico decreto surgiu como um grande farol de esperança para milhões de escravos negros que arderam nas chamas da árida injustiça. Ele surgiu como uma aurora de júbilo para pôr fim à longa noite de cativeiro.

Mas cem anos depois, o negro ainda não é livre. Cem anos depois, a vida do negro ainda está tristemente debilitada pelas algemas da segregação e pelos grilhões da discriminação. Cem anos depois, o negro vive isolado numa ilha de pobreza em meio a um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos depois, o negro ainda vive abandonado nos recantos da sociedade na América, exilado em sua própria terra. Assim, hoje viemos aqui para representar a nossa vergonhosa condição.

De uma certa forma, viemos à capital da nação para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração da Independência, eles estavam assinando uma nota promissória da qual todos os americanos seriam herdeiros. A nota era uma promessa de que todos os homens, sim, negros e brancos igualmente, teriam garantidos os “direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à busca da felicidade”. É óbvio neste momento que, no

que diz respeito aos seus cidadãos de cor, a América não pagou essa promessa. Em vez de honrar a sagrada obrigação, a América entregou à população negra, um cheque que voltou com o carimbo de “sem fundos”.

No entanto, recusamos a acreditar que o banco da justiça esteja falido. Recusamos a acreditar que não haja fundos suficientes nos grandes cofres de oportunidade desta nação. E, assim, viemos descontar esse cheque, um cheque que nos garantirá, sob demanda, as riquezas da liberdade e a segurança da justiça. [...]

Não ficaremos satisfeitos enquanto o negro for vítima dos inenarráveis horrores da brutalidade policial. [...] Não ficaremos satisfeitos enquanto nossos filhos forem despidos de sua personalidade e tiverem a sua dignidade roubada por cartazes com os dizeres “só para brancos”. [...] Não estamos satisfeitos e nem ficaremos satisfeitos até que “a justiça jorre como uma fonte; e a equidade, como uma poderosa correnteza”.

E digo-lhes hoje, meus amigos, mesmo diante das dificuldades de hoje e de amanhã, ainda tenho um sonho, um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Eu tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e experimentará o verdadeiro significado de sua crença:

“Acreditamos que essas verdades são evidentes, que todos os homens são criados iguais”.

[...]

Eu tenho um sonho de que os meus quatro filhos pequenos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. [...]

KING JR., Martin Luther. Em: ABAURRE, M.L.M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. *Português: contexto interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2016. Vol. I

(G1 - ifpe 2018) Com relação aos aspectos de coesão textual, analise as afirmativas acerca do TEXTO 1.

I. Em “Estou contente de me reunir com vocês nesta que será conhecida como a maior demonstração pela liberdade na história de nossa nação” (1º parágrafo), o pronome grifado antecipa o substantivo a que se refere: demonstração.

II. Em “Esse magnífico decreto surgiu como um grande farol de esperança para milhões de escravos negros que arderam nas chamas da árida injustiça” (2º parágrafo), o pronome destacado retoma a expressão “magnífico decreto”.

III. No terceiro parágrafo, a repetição do substantivo “negro” prejudica a fluidez do texto. A utilização de sinônimos ou de outras estratégias poderia tornar o trecho menos prolixo.

IV. Em “Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração da Independência, eles estavam assinando uma nota promissória...” (4º parágrafo), o pronome destacado retoma a expressão “arquitetos da nossa república”.

V. Em “os meus quatro filhos pequenos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele” (9º parágrafo), o pronome sublinhado refere-se ao substantivo “nação” e seria gramaticalmente inadequado se retomasse qualquer outro substantivo que não representasse lugar.

Estão CORRETAS, apenas, as assertivas

- a) II, III e V.
- b) I, II e III.
- c) I, IV e V.
- d) I, III e IV.
- e) II, IV e V.

Exercício 134

(Ufrgs 2017) Leia o conto Memórias da afasia, de Moacyr Scliar.

Nos últimos anos de sua vida Mateus descobriu, consternado, que mesmo o seu derradeiro prazer – escrever no diário – lhe havia sido confiscado pela afasia, que nele se manifestava como esquecimento de certas palavras. A coisa foi gradual: a princípio, eram poucos os vocábulos que lhe faltavam. Recorrendo a um de sinônimos, ele conseguia preencher com êxito as lacunas. Com o decorrer do tempo, porém, acentuou-se o , e o desgosto por este gerado. Foi então que ele começou a deixar em branco os espaços que não consegue preencher. Era com fascinação que contemplava esses vazios em meio ao ; tinha certeza de que as letras ali estavam, como se traçadas com tinta invisível por mão também invisível. Essa existência virtual das palavras não o afligia, pelo contrário; sabia que o é tão importante quanto o não . No território da afasia ele encontrava agora uma pátria. Ali recuperaria o seu passado perdido. Ali se uniria definitivamente àquela que fora seu grande amor, uma linda moça chamada .

Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações sobre o conto.

- () O distúrbio de linguagem de Mateus afeta também o narrador, o que explica os espaços em branco no texto.
- () Os espaços em branco no texto constroem a metáfora de uma das principais características da literatura: as lacunas de interpretação.
- () O título do conto constrói o paradoxo da afasia, que se caracteriza pela perda da memória.
- () Os vazios no texto apontam um dos traços da recuperação do passado, que se constrói a partir do que se lembra e do que se esquece.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) F – F – V – F.
- b) V – V – F – F.
- c) V – F – V – F.
- d) F – V – F – V.
- e) V – V – V – V.

Exercício 135

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ciência é uma das formas de busca de conhecimento desenvolvida pelo homem moderno. Sob seu ¹escopo ²inserem-se as mais diferentes realidades físicas, sociais e ³psíquicas, entre outras. A linguagem, manifestação presente em todos os momentos de nossas vidas e em todas as nossas atividades, podendo até ser tomada como definidora da própria natureza

humana, passou a ser tratada ⁴sob a perspectiva ⁵dessa forma de conhecimento, ⁶ou seja, passou a ser objeto de investigação científica, a partir do início do século XX.

Por ter um papel central na vida dos seres humanos, a linguagem tem como sua característica ⁷primordial ser ⁸multifacetada. Tal característica exige que, ao ⁹submeter-se ao tratamento científico, essa realidade multifacetada sofra cortes e ¹⁰abstrações, tendo como consequência ¹¹o fato de que ¹²ela só pode ser entendida ¹³a partir de diferentes perspectivas, gerando uma pluralidade de teorias que buscam ¹⁴compreendê-la e explicá-la.

Esmeralda Vailati Negrão, “A cartografia sintática”, em *Novos caminhos da linguística*.

(Mackenzie 2017) Assinale a alternativa com relação correta entre sinônimos, tendo em vista o emprego das palavras no texto.

- a) *inserem-se* (ref. 2) = concluem-se
- b) *psíquicas* (ref. 3) = mentais
- c) *primordial* (ref. 7) = única
- d) *submeter-se* (ref. 9) = desenvolver-se
- e) *abstrações* (ref. 10) = afirmações

Exercício 136

Soneto do Corifeu*

São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão, principalmente
Quando uma lua surge de repente
E se deixa no céu, como esquecida.

E se ao luar que atua desvairado
Vem se unir uma música qualquer
Aí então é preciso ter cuidado
Porque deve andar perto uma mulher.

Deve andar perto uma mulher que é feita
De música, luar e sentimento
E que a vida não quer, de tão perfeita.

Uma mulher que é como a própria Lua:
Tão linda que só espalha sofrimento
Tão cheia de pudor que vive nua.

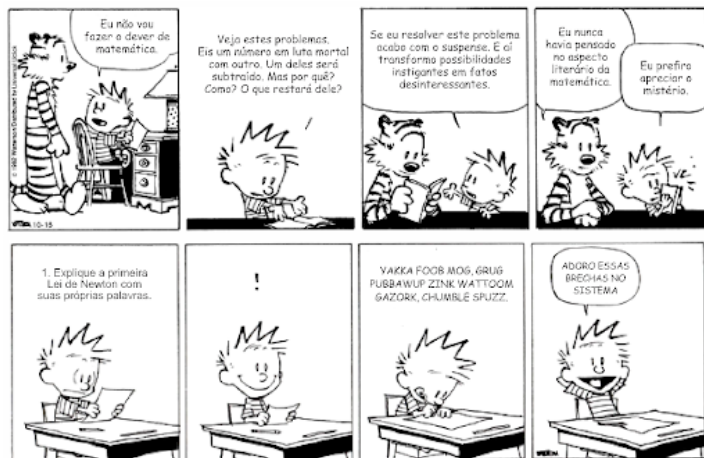
* Corifeu: personagem sempre presente no antigo teatro grego.

MORAES, Vinícius de. Livro de Sonetos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

(Uerj 2019) Na última estrofe, a figura feminina é descrita por meio de elementos que estabelecem entre si uma relação do seguinte tipo:

- a) ambígua
- b) antitética
- c) denotativa
- d) metalinguística

Exercício 137 (Ufsc 2020)



Disponível em: <https://m.educador.brasilecola.uol.br> e em: <https://exercicios.mundoeducacao.bol.uol.com.br>. Acesso em: 30 set. 2019. [Adaptado]

Com base nos Textos 1 e 2 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01) nos Textos 1 e 2, o garoto toma a decisão de não responder à questão que lhe é proposta.

02) o tema do Texto 1 é uma questão de matemática e o do Texto 2 é uma questão de física, mas o efeito de humor desses textos consiste em relacioná-los à literatura e à linguística, respectivamente.

04) a ideia central e comum aos dois textos é de que tanto para responder a uma questão de matemática quanto a uma de física são necessários conhecimentos de literatura e de linguística.

08) as palavras “transformo”, “instigantes” e “desinteressantes” são formadas por prefixo acrescido de radical.

16) o Texto 2 explora a ambiguidade identificada pelo garoto na expressão “suas próprias palavras”.

32) no Texto 1, as palavras “número”, “subtraído”, “literário” e “mistério” recebem acento gráfico agudo decorrente da mesma regra de acentuação.

64) no Texto 2, “essas brechas”, no quarto quadro, retoma o duplo sentido expresso pelo primeiro quadro, que permite ao garoto a resposta apresentada no terceiro quadro.

Exercício 138 (Ufsc 2017) dia 16 de outubro de 1983

Primeira noite decente. Sonhei com o consultório da Mary atravessado de papel higiênico, 1grande confusão: seria quem? Analista, amiga ou namorada? Nenhuma das três?

Não quero agora computar as perdas. Perder é uma lenha. Lá fora está sol, quem escreve deixa um testemunho.

2Reesquentando. Joguei fora algumas coisas já escritas porque não era o testemunho que eu queria deixar. É outro. Outro agora. Acredite se puder. Rejane por perto, acompanhando meus progressos. Peço a ela encarecidamente que 3me faça o favor de lembrá-los. Eu mesma me exercito, mas que péssima memória! Notas, Armando. A memória Fraca para os progressos! Chega desse lero, Poesia virá quando puder. Por enquanto, Filho, é isso aí apenas. Saí ao sol onde tentei um do-in, 4me sinto exaurida. 5Lembra que o diário era alimento cotidiano? Que importa a má fama depois que estamos mortos? Importa tanto que 6abri a lata de lixo: quero outro testemunho.

Diário não tem graça, mas 7esquenta, pega-se de novo a caneta abandonada, e o interlocutor é fundamental. Escrevo para você sim. 8Da cama do hospital. A lesma quando passa deixa um rastro prateado. Leiam se forem capazes.

CESAR, Ana Cristina. Poética. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 309.

Com base na leitura e interpretação do texto e de acordo com a variedade padrão escrita da língua portuguesa e com os componentes constitutivos do texto, é correto afirmar que:

01) o sinal de dois pontos em “grande confusão: seria quem?” (referência 1) e em “abri a lata de lixo: quero outro testemunho” (referência 6) é usado, nos dois casos, para introduzir uma retificação acerca do termo precedente.

02) em “me faça” (referência 3) e em “me sinto” (referência 4), a colocação pronominal poderia ser alterada para “faça-me” e “sinto-me”, pois a ordem do pronome em relação ao verbo é opcional nos dois casos.

04) as formas verbais “reesquentando” (referência 2) e “esquenta” (referência 7) são usadas com sentido denotativo, em referência direta ao calor do sol.

08) as cinco perguntas presentes no texto (referências 1 e 5) produzem uma impressão de colóquio, isto é, de conversa, ainda que seja uma fala de si para si em um texto escrito.

16) o excerto “Da cama do hospital. A lesma quando passa deixa um rastro prateado. Leiam se forem capazes” (referência 8) constitui uma provocação de Ana Cristina Cesar para que o leitor decifre a natureza do testemunho registrado.

32) a organização do texto obedece à natureza tradicional dos diários íntimos ao exigir um interlocutor externo, alguém diferente da própria pessoa que os escreve.

64) marcas textuais presentes no texto e que o caracterizam como pertencente ao gênero diário são: discurso em primeira pessoa, entrada de data, tom intimista e confessional.

Exercício 139 TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.?) para responder à(s) questão(ões) a seguir. Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha¹.

Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar. Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(Fábulas, 2013.)

1doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

(Unesp 2016) “– Não sou um pássaro – alegou o morcego.” (3º parágrafo)

Ao se transpor este trecho para o discurso indireto, o verbo “sou” assume a seguinte forma:

- a) era.
- b) fui.
- c) fora.
- d) fosse.
- e) seria.

Exercício 140

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à(s) questão(ões) abaixo.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo. É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

(Unesp 2017) O modo de organização do discurso predominante no excerto é

- a) a dissertação argumentativa.
- b) a narração.
- c) a descrição objetiva.
- d) a descrição subjetiva.
- e) a dissertação expositiva.

Exercício 141

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, leia a crônica “Seu ‘Afredo’”, de Vinicius de Moraes (1913-1980), publicada originalmente em setembro de 1953.

Seu Afredo (ele sempre subtraía o “l” do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: “Afredo Paiva, um seu criado...”) tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito

mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia muito lá das pernas. Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas, como linguista, cultor do 1vernáculo e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente 2ressabiada quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à 3lide caseira, queixou-se do fatigante 4ramerrão do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bom.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acororado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas, um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, ‘tá redondamente enganada. Nem em programa de calouro!

E, a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– Eximinista pianista!

Para uma menina com uma flor, 2009.

1vernáculo: a língua própria de um país; língua nacional.

2ressabiado: desconfiado.

3lide: trabalho penoso, labuta.

4ramerrão: rotina.

(Unesp 2017) “[Seu Afredo] perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?” (2º parágrafo/3º parágrafo)

Ao se adaptar este trecho para o discurso indireto, o verbo “vais” assume a seguinte forma:

- a) foi.
- b) fora.
- c) vai.
- d) ia.
- e) iria.

Exercício 142

Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no 1batelão velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um 2rincho de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina. Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o Luar do sertão e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre 3flaubert, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo –

rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

(Os melhores contos, 1997.)

1batelão: embarcação movida a remo.

2rincho: relincho.

3flaubert: um tipo de espingarda.

(Unesp 2018) Ao se converter o trecho “Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela” (7º parágrafo) para o discurso direto, o verbo “confessara” assume a forma:

- a) confessei.
- b) confessou.
- c) confessa.
- d) confesso.
- e) confessava.

Exercício 143

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto O 1alienista, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com que principiou a tratá-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista fez curas pasmosas, que excitaram a mais viva admiração em Itaguaí.

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante.

Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas, — graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc. Houve um doente, poeta, que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve ideia de mandar correr matraca, para o fim de o apregoar como um rival de Garção 2 e de Píndaro 3.

— Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio.

[...]

Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo; então, o alienista atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir.

No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! O vereador Galvão, tão cruelmente afligido de moderação e equidade, teve a felicidade de perder um tio; digo felicidade, porque o tio deixou um testamento ambíguo, e ele obteve uma boa interpretação, corrompendo os juízes, e embaçando os outros herdeiros.

[...]

Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. Plus ultra! 4 era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. Plus ultra! Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

— Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade.

Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgurava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. Um amplo chambre de damasco, preso à cintura por um cordão de seda, com borlas de ouro (presente de uma Universidade) envolvia o corpo majestoso e austero do ilustre alienista. A cabeleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas cogitações cotidianas da ciência. Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas, mas proporcionados ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão. Vede a diferença: — só se lhe notava luxo naquilo que era de origem científica; o que propriamente vinha dele trazia a cor da moderação e da singeleza, virtudes tão ajustadas à pessoa de um sábio.

(O alienista, 2014.)

1alienista: médico especialista em doenças mentais.

2Garção: um dos principais poetas do Neoclassicismo português.

3Píndaro: considerado o maior poeta lírico da antiga Grécia.

4Plus ultra: expressão latina que significa “Mais além!”.

(Unesp 2018)

a) Transcreva o trecho “ele [vereador Galvão] obteve uma boa interpretação, corrompendo os juízes, e embaçando os outros herdeiros” (5º parágrafo), substituindo os termos sublinhados por outros de sentido equivalente.

b) Transcreva o trecho “— Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre” (3º parágrafo) em discurso indireto e em ordem direta.

Exercício 144

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto-prefácio “Hipotrérico”, que integra o livro Tutameia, de João Guimarães Rosa.

Há o hipotrérico. O termo é novo, de impesquisada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotrérico querendo dizer: antipodático, senengraçante imprizado; ou, talvez, vice-dito: indivíduo pedante, importuno agudo, falta de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrérico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

Somos todos, neste ponto, um tento ou cento hipotréricos? Salvo o excepto, um neologismo contunde, confunde, quase ofende. Perspica-nos a inércia que soneja em cada canto do espírito, e que se refestela com os bons hábitos estadados. Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada?

Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado. [...]

Já outro, contudo, respeitável, é o caso — enfim — de “hipotrérico”, motivo e base desta fábula diversa, e que vem do bom português. O bom português, homem-de-bem e muitíssimo inteligente, mas que, quando ou quando, neologizava, segundo suas necessidades íntimas.

Ora, pois, numa roda, dizia ele, de algum sicrano, terceiro, ausente:

— E ele é muito hiputrérico...

Ao que, o indesejável maçante, não se contendo, emitiu o veto:

— Olhe, meu amigo, essa palavra não existe.

Parou o bom português, a olhá-lo, seu tanto perplexo:

— Como?!... Ora... Pois se eu a estou a dizer?

— É. Mas não existe.

Aí, o bom português, ainda meio enfiado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:

— O senhor também é hiputrérico...

E ficou havendo.

(Tutameia, 1979.)

(Unesp 2021) O efeito cômico do texto deriva, sobretudo, da ambiguidade da expressão

a) “homem-de-bem”.

b) “bom português”.

c) “indesejável maçante”.

d) “necessidades íntimas”.

e) “indivíduo pedante”.

GABARITO

Exercício 1

e) a polissemia de um termo provocou ambiguidade no texto, o que levou o personagem a uma interpretação equivocada sobre o que poderia ser feito com a camisa.

Exercício 2

b) “real”.

Exercício 3

e) ambiguidade na locução adjetiva “do mal”, pois, no título original, a locução representa a temática dos poemas, mas, na charge, representa o conteúdo dos conselhos das flores.

Exercício 4

a) a sociedade contra ele.

Exercício 5

b) “...um admirável mundo novo abriu-se ante nossos olhos...”
...um admirável novo mundo abriu-se ante nossos olhos...

Exercício 6

b) produzido dentro dos presídios

Exercício 7

d) Mesmo sem revogar dogmas, Papa vira alvo dos conservadores.

Exercício 8

c) “A escolha pela alta gastronomia tem seu preço”.

Exercício 9

c) do não entendimento de um discurso ambíguo bastante comum, no qual se dirige à própria pessoa, questionando-a como se fosse uma outra.

Exercício 10

a) ambiguidade.

Exercício 11

O termo “só”, da forma que é empregado no título, pode ser um adjetivo ou um advérbio. Como adjetivo, pode atribuir uma qualidade ao termo “Poema”, com o significado de “único” ou “solitário”. Já como advérbio, seu significado no título é de que o poema é “apenas” para Jaime Ovalle.

Exercício 12

a) A frase “Não posso me queixar” permite duas interpretações: o cidadão não reclama da situação porque está contente com o sistema ou, então, porque ele está sujeito a um

regime totalitarista em que a censura o impede de manifestar a sua insatisfação.

b) Mas se você perguntar a quaisquer cidadãos de uma ditadura o que acham do seu país, eles respondem sem hesitação: “Não podemos nos queixar”.

Exercício 13

a) O trocadilho pelo qual o redator da frase se desculpa consiste no emprego do verbo esquentar no predicado de uma oração cujo sujeito é “o debate sobre o aquecimento global”.

b) Sim, é correto afirmar que a frase II é ambígua, porque ela pode ser entendida de duas formas: “foi preso o vigia acusado de matar empresário” e “um preso vigia o acusado de matar empresário”.

Exercício 14

a) “(...) porém outras vezes a natureza mostrava-se carrancuda”.

b) No sentido literal, a expressão “mau tempo” limita-se a informar as condições atmosféricas; no sentido figurado, indica dificuldades, adversidades de toda ordem.

Exercício 15

Duas interpretações possíveis para esse título são:

- Uma mulher grávida não encontra um remédio, por ser caro, nos centros de distribuição de São Paulo.
- Uma mulher grávida encontra em São Paulo apenas remédio barato.

Exercício 16

e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

Exercício 17

e) se afunda na negatividade própria do fracassado.

Exercício 18

b) representação estereotipada da mulher, apartada do saber científico.

Exercício 19

e) intenção de identificar o leitor como interlocutor do poeta, para quem é extravagante o sentimento de encantamento poético evidenciado no poema.

Exercício 20

a) “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”. [as

duas primeiras vírgulas foram utilizadas para isolar vocativo]

Exercício 21

e) Luís Soares dizia que, livre em todas as suas ações, não queria sujeitar-se à lei absurda que a sociedade lhe impunha.

Exercício 22

b) existissem, poderia, seu.

Exercício 23

b) Menipo perguntou a Hermes onde estavam os belos e as belas, ordenando-lhe que o levasse até eles, pois ele era novato naquele lugar.

Exercício 24

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Exercício 25

b) Os índios disseram que transformariam a planta em alimento, para que não a deixassem se perder.

Exercício 26

c) deixou.

Exercício 27

b) pergunta retórica.

Exercício 28

b) Voltando do quarto dos meninos, Ema disse que, para ela, aquela era a melhor hora do dia.

Exercício 29

c) discurso indireto livre, em que há o pensamento da personagem, expresso pelo narrador, em meio à narrativa.

Exercício 30

e) ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar. (v. 5) – coordenação para sequenciar as ações de companheirismo, algo que norteia a relação.

Exercício 31

d) veicular imparcialidade do enunciador.

Exercício 32

c) “Expressões como ‘proposta’ e ‘projeto’ são essenciais se você quer se tornar uma pessoa descolada e bacana”.

Exercício 33

a) predomínio dos verbos no presente do indicativo

Exercício 34

a) marcar uma ironia.

Exercício 35

d) utiliza a primeira pessoa do plural para se aproximar do leitor e o persuadir sobre seu ponto de vista.

Exercício 36

a) destacar exemplos de falas daqueles que cultuam o desapego sentimental.

Exercício 37

c) exemplificação como prova.

Exercício 38

c) indicar a reprodução de uma ideia ou slogan.

Exercício 39

a) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.

Exercício 40

e) realçar o sentido do substantivo e indicar uma transcrição.

Exercício 41

a) indicar uma fala.

Exercício 42

a) ironia.

Exercício 43

b) reforçar-lhe o sentido contextual, equivalente a predestinado.

Exercício 44

b) reclamou em voz alta.

Exercício 45

e) II e III.

Exercício 46

e) todas.

Exercício 47

e) alegre-se com o retorno do marido, pois ele é o responsável por prover a casa.

Exercício 48

c) As reticências em “Perdi tudo...” reforçam a tristeza da personagem.

Exercício 49

a) “entretanto”.

Exercício 50

c) O destaque gráfico da palavra “**muito**” (ref. 3) produz um efeito de sentido que é reforçado pelas reticências.

Exercício 51

a) As reticências acentuam a emotividade do par amoroso e assinalam suspensões temporais.

Exercício 52

b) a interrogação.

Exercício 53

c) nesse tipo de interrogação, o enunciador espera uma resposta do leitor ou coenunciador.

Exercício 54

b) amenizar o choque que a indagação pode trazer

Exercício 55

c) angústia da personagem perante uma situação trágica.

Exercício 56

b) O travessão antes de “isso quando não há atraso no pagamento” (ref. 2) poderia ser substituído por ponto final, sem prejuízo gramatical e do sentido básico do enunciado.

Exercício 57

e) intercalar um aposto.

Exercício 58

b) I, III e IV.

Exercício 59

c) tornar o texto mais claro, expondo algo que ficou implícito na fala da entrevistada.

Exercício 60

b) informação acessória, podendo ser retirada sem prejuízo de entendimento.

Exercício 61

b) a metalinguagem, pois o narrador comenta o próprio ato de narrar.

Exercício 62

Como visto no trecho “a multidão a gritar uma só palavra, Vejo, diziam-na os que já tinham recuperado a vista, diziam-na os que de repente a recuperavam”, as falas são iniciadas por letra maiúscula e são introduzidas por vírgula. Dessa forma, ao eliminar-se a pontuação convencional, eliminam-se também as pausas, tornando o texto mais fluido e aproximando-o de um texto mais oral, afinal, é na fala que se nota a ausência de pontuação. Além disso, é possível aproximar o narrador das personagens, mesclando o discurso do observador onisciente ao das personagens.

Exercício 63

a) No fragmento I, os travessões isolam e destacam um aposto de uma personagem interpretada pela atriz, o qual, por sua vez, poderia ser isolado pela vírgula. No fragmento II, as vírgulas isolam uma oração subordinada adjetiva explicativa cujo propósito é apontar a razão da repercussão mundial do site 4chan. Nesse caso, tais vírgulas poderiam ser substituídas pelos travessões, assim como os travessões pelas vírgulas. Em ambos os casos, as vírgulas e os travessões isolam trechos que correspondem a informações adicionais e acessórias.

b) Diferentemente do que ocorre no fragmento II, em que a vírgula serve para isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa, no fragmento III, as vírgulas servem para separar itens de uma enumeração, ou seja, elementos coordenados entre si: na primeira linha, “filhas” e “irmãs”; na segunda, “vulneráveis” e “humanos”.

Exercício 64

a) Em “Seu pai já por vezes tinha escrito aos padres pedindo-lhes à permissão para que o menino viesse passar as férias em casa”, o uso do acento indicativo de crase não está de acordo com a norma-padrão, uma vez que o verbo “pedir”, em tal ocorrência, apresenta bitransitividade: seu objeto indireto é o pronome oblíquo “lhes”, em referência a “aos padres”, e o objeto direto é “a permissão”. Desse modo, não há acento indicativo de crase, posto ocorrer apenas artigo antes do substantivo “permissão”; o correto é “pedindo-lhes a permissão”.

Em “... opuseram-se formalmente à ideia, e responderam de forma negativa inicialmente.”, o emprego do acento indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão, uma vez que o verbo “opor-se” é transitivo indireto, cujo termo regido apresenta preposição “a”; considerando que o núcleo do objeto indireto é um substantivo feminino acompanhado por artigo, há ocorrência de acento indicativo de crase: “opuseram-se (...) à ideia”.

b) O texto pontuado é “Para um coração de mãe, porém, uma ausência de quatro anos já era excessiva...”. A primeira vírgula é justificada pela inversão dos termos da oração: o complemento nominal “para um coração de mãe” antecede o sujeito e o predicado; já a segunda vírgula é justificada pelo emprego da conjunção “porém”, coordenada adversativa, que requer tal pontuação logo em seguida a ela.

Exercício 65

1ª ocorrência: surpresa, perplexidade.

2ª ocorrência: lástima, pesar.

Exercício 66

b) personificação.

Exercício 67

b) as raízes profundas, presentes na imagem, representam metaforicamente o quão complexo é acabar com o racismo no Brasil, pois a ideia de raça foi historicamente construída e mantida por muito tempo em nosso país.

Exercício 68

c) I, III e IV apenas.

Exercício 69

a) “O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir” (1º parágrafo) – personificação.

Exercício 70

d) “Que faziam perpétua a primavera.” (3ª estrofe)

Exercício 71

a) metonímia.

Exercício 72

e) Sinestesia.

Exercício 73

c) prosopopeia

Exercício 74

d) F F V V F.

Exercício 75

a) O termo *firehosing* foi usado para caracterizar um tipo de discurso utilizado para disseminação de notícias falsas como estratégia de influenciar a opinião pública, nomeadamente em propaganda política, como aconteceu recentemente no governo russo de Vladimir Putin, o que o equipara a uma mangueira de incêndio que ejeta grande quantidade de água de forma ininterrupta e sob alta pressão, atingindo grandes profundidades.

b) A metáfora “verdade sanduíche” foi usada para definir uma estratégia de reversão dos efeitos de propagação de mentiras, desmentindo discursos falsos sem repeti-los. Assim, as duas fatias simbolizam a verdade, e o conteúdo, a mentira e respectiva desconstrução.

Exercício 76

A sociedade daquela época era marcada fortemente pela influência da Igreja Católica e de um dogmatismo exagerado. Assim, quando dizem ao menino que o seu professor foi para o inferno por ter chamado Deus de natureza, reforçam que aqueles que blasfemam e que pecam na visão da Igreja católica são punidos, (“vão ao inferno”). Com isso, o autor acaba denunciando essa visão de época.

Exercício 77

De acordo com o texto, “trem” se refere às bagagens ou malas e “bicho” se refere ao trem de fato. Nesse trecho, o autor brinca com o fato de que em Minas Gerais as pessoas costumam chamar tudo de “trem”, tendo essa palavra perdido sua significação habitual (de um meio de transporte) e ganhado uma significação parecida com “coisa”, ou “negócio”. Assim, na situação chama-se as bagagens de trem, mas o trem propriamente dito é chamado de “bicho”.

Exercício 78

“é o silêncio da alma”: metáfora

Essa figura de linguagem expressa uma visão particular da natureza e do mundo, de acordo com a ênfase na subjetividade do Romantismo.

Exercício 79

d) exploração de recursos musicais e figurativos.

Exercício 80

a) Se o autor tivesse optado pelo uso do pronome de acordo com a gramática normativa, e, desse modo, tivesse realizado a colocação do pronome oblíquo após as formas verbais com que se inicia os dois versos do início da canção, seria possível interpretações diferentes das apresentadas por conta de cacofonia (união sonora de sílabas que provoca estranheza auditiva).

Exercício 81

Há pleonasma no quarto verso: “Chovia uma triste chuva de resignação”. Aqui o autor procura enfatizar a ideia de chuva, pois poderia substituir o verbo “chover” pelo verbo “cair” (“Caía uma triste chuva de resignação”). Trata-se, portanto, de um pleonasma estilístico.

No aspecto formal, o poema se vincula ao movimento modernista brasileiro por apresentar versos livres. Quanto à temática, demonstra características modernistas por discorrer sobre o cotidiano.

Exercício 82

d) O gerundismo é considerado um vício de linguagem e deve ser evitado.

Exercício 83

No verso “e do bem – se algum houve –, as saudades”, ocorre eclipse do termo verbal “ficam”, mencionado no verso anterior (“do mal ficam as mágoas na lembrança”). Para o eu lírico, o motivo de maior perturbação consiste na evidência de que as mudanças, além de serem contínuas, também não ocorrem sempre da mesma maneira (“E, afora este mudar-se cada dia, outra mudança faz de mor espanto:/que não se muda já como soía”). Assim, o fato de a própria mudança mudar deixa o sujeito também à mercê dos seus caprichos, o que lhe provoca grande perplexidade.

Exercício 84

Traços que caracterizam o verso: pobreza/mendicância x felicidade.

Tem-se aí algumas figuras de linguagem e de pensamento como a **antítese**, ou seja, há contradição entre ser muito pobre e ser feliz (ditoso). Há uma **gradação** quando a ordem de apresentação é pobre, mendigo e ditoso, que quer dizer feliz. A **anáfora** fica por conta do verbo *sou* repetido em cada período por coordenação.

Exercício 85

a) Metáfora e ironia.

b) Utilizando-se da metáfora, Mário Quintana compara o estado de quem se acha perturbado, zozinho, atordoado, por causa do barulho, com o estado de bebedeira de alguém que, nesta situação, também se mostra tonto, confuso, transtornado. Já a ironia destaca-se, por exemplo, quando o autor coloca a palavra civilização entre aspas para revelar que

o homem, ao se acostumar com o barulho, perde a fala, o poder de pensar, o que o afasta da comunicação e, consequentemente, de uma vida civilizada. As perguntas e a exploração da onomatopeia - "Tan! tan! tan!tan! tan!" - também se apresentam como recursos reveladores da ironia.

Exercício 86

b) Caro investidor, cuide melhor de seu dinheiro.

Exercício 87

d) personificação.

Exercício 88

b) redundância caracterizada pelo uso lexical para reforçar a temporalidade.

Exercício 89

c) Personificação.

Exercício 90

b) catacrese, por ter havido um empréstimo de palavra.

Exercício 91

d) emprego estilístico da fala de outra pessoa.

Exercício 92

b) metalinguagem.

Exercício 93

d) hipérbole.

Exercício 94

c) “ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida” (3º parágrafo).

Exercício 95

e) paronomásia, na medida em que, buscando sugerir o movimento recorrente da vaga, traz um jogo de palavras que se assemelham na pronúncia, mas são diferentes do ponto de vista semântico, em função de um efeito poético.

Exercício 96

d) Metonímia.

Exercício 97

c) Paradoxo, pois contrapõem-se duas ideias antagônicas: fingimento e sinceridade.

Exercício 98

e) Metonímia, pois há contiguidade entre a gota de vermelho e a rosa.

Exercício 99

c) eufemismo.

Exercício 100

b) O uso da conjunção “mas” não é obrigatório. Tem valor aditivo e não de oposição.

Exercício 101

b) Personificação.

Exercício 102

e) personificação, pois a lua vivencia uma situação que é própria dos seres humanos.

Exercício 103

a) alegoria.

Exercício 104

e) num pleonasmio literário, figura de estilo utilizada, no contexto, para reforçar a inadequação do momento de deflagração das greves.

Exercício 105

e) O diretor fará uma breve alocução esta noite.

Exercício 106

a) silepse, por haver uma concordância verbal ideológica.

Exercício 107

a) anáfora e metáfora

Exercício 108

e) *Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste.*

Exercício 109

a) prosopopeia.

Exercício 110

a) O texto de B. Carbinato propaga informações oriundas de investigações desenvolvidas sob os parâmetros da metodologia científica e fornece dados extraídos de bancos credíveis, como o UK Biobank e a empresa privada 23andMe. A função referencial da linguagem através da impessoalidade transmitida pelo uso da 3ª pessoa do singular, objetividade, fraseologia técnica como “gene”, “genomas”, “DNA”, assim como uso de vocabulário simples para tornar a informação acessível a um público leigo permitem classificá-lo como artigo de divulgação científica.

b) O emprego do diminutivo nas palavras “letrinha(s)” e “tijolinhos” permite ao leitor comum aproximar-se da linguagem científica, vencer a complexidade do estudo do mundo da microbiologia, ramo da ciência que estuda os seres vivos minúsculos que só podem ser vistos pelos humanos por meio do microscópio.

Exercício 111

a) No contexto, a palavra “cravou” adquire sentido de “afirmou”, “disse com veemência”, conferindo ênfase ao que foi dito pelo personagem. Já “planilhar” apresenta noção semântica de “registrar de forma organizada”, “enumerar”, “catalogar”, acompanhando o tipo de linguagem do site

de mídia social Reddit em que os usuários podem divulgar ligações para conteúdo na Web.

b) As conjunções pois e porque substituem os dois pontos do período, já que o segundo segmento estabelece relação de explicação com o primeiro: “Vale dizer que o usuário contabilizou apenas mortes relevantes à história, pois (porque) só entraram na planilha vítimas que tinham, pelo menos, nome antes de baterem as botas”.

Exercício 112

a) Michel de Montaigne contraria o senso comum que associa a morte natural à que decorre do envelhecimento, já que, na maioria das vezes, as pessoas morrem de qualquer tipo de acidente ou doença que as atinge de surpresa em qualquer momento da vida. “Morrer de velhice é coisa que se vê raramente, singular e extraordinária e portanto menos natural do que qualquer outra”.

b) Os pronomes “lhe” e “o” referem-se a “duração da vida” e a “limite bem menor”, respectivamente.

Exercício 113

a) Sim, existe relação de sentido entre a imagem e as palavras “digital” e “diferença”. A imagem dos rostos que encabeçam os dedos revelam a diversidade do semblante de cada ser humano, característica que se apresenta também no desenho das impressões digitais de cada um. A propaganda, que pretende esclarecer as pessoas sobre a importância da biometria como fator de segurança para o processo eleitoral, amplia o significado da palavra “diferença” ao associar o termo à melhoria do processo por garantir que ninguém votará no lugar de outro.

b) Mantendo os verbos no modo imperativo na primeira pessoa do plural, a frase apresentaria a seguinte configuração: “Venhamos para a biometria. Cadastremos nossas digitais.”

Exercício 114

e) é favorável a que tenham finais tristes e abordem situações de desigualdade, crueldade e infortúnios.

Exercício 115

e) nos exemplos 2, 3 e 5 apenas.

Exercício 116

b) "apático" e "esperto".

Exercício 117

b) homenagear.

Exercício 118

e) “[...] deixei de ser tão cética.” (9º parágrafo) - inflexível

Exercício 119

c) Apenas 3.

Exercício 120

c) ... exercendo sozinhos a sua profissão **malsã**, o seu vício solitário. (benéfica) (referência 5)

Exercício 121

e) "Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmico, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, [...] (6º parágrafo) (desconexas)

Exercício 122

b) questionar a própria noção do que é considerado certo.

Exercício 123

e) concerto / ajuste – sinonímia

Exercício 124

d) tranquilidade.

Exercício 125

e) A palavra “objetivo” (ref.14) pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por “intuito”.

Exercício 126

01) o romance de Machado de Assis está situado dentro da escola literária do Realismo brasileiro e possui como pano de fundo a transição do Império para a República, tendo referências explícitas ao contexto histórico da época em que os fatos são narrados.

02) *Esaú e Jacó* vale-se de intertexto com a narrativa bíblica, seja em razão dos nomes dos protagonistas, Pedro e Paulo, assim nomeados em referência aos apóstolos homônimos, seja em virtude dos nomes dos personagens que dão título à obra.

04) o romance de Machado de Assis ilustra um aspecto fundamental nas histórias literárias sobre irmãos gêmeos, narrativas nas quais cada gêmeo possui uma personalidade diferente, diametralmente oposta, sendo os irmãos frequentemente rivais na disputa por um objeto amoroso.

Exercício 127

c) explora o caráter polissêmico das palavras.

Exercício 128

04) Por definição, oração coordenada que seja desprovida de conjunção é denominada ASSINDÉTICA, como o exemplo a seguir: Antigamente, para comunicar-se com um primo no oeste do Estado, o jovem era obrigado a escrever uma carta.

08) Nos versos: "Minha cidade toda se enfeitou Pra ver a banda passar Cantando coisas de amor" há uma prosopopeia.

16) Em "O alfaiate COSE a roupa, enquanto sua mulher COZE as verduras para o jantar" e em "A garota fez a DESCRIÇÃO do assaltante com muita DISCRIÇÃO", os pares cose/coze e descrição/discição são, respectivamente, homônimos e parônimos.

Exercício 129

a) a letra "i" do hiato está sozinha e é tônica.

Exercício 130

b) parônimos, homônimos, parônimos e sinônimos.

Exercício 131

c) desvendar – usuais – verdadeiro

Exercício 132

d) ser pais biológicos não pressupõe laços afetivos.

Exercício 133

c) I, IV e V.

Exercício 134

e) V – V – V – V.

Exercício 135

b) *psíquicas* (ref. 3) = mentais

Exercício 136

b) antitética

Exercício 137

02) o tema do Texto 1 é uma questão de matemática e o do Texto 2 é uma questão de física, mas o efeito de humor desses textos consiste em relacioná-los à literatura e à linguística, respectivamente.

16) o Texto 2 explora a ambiguidade identificada pelo garoto na expressão “suas próprias palavras”.

64) no Texto 2, “essas brechas”, no quarto quadro, retoma o duplo sentido expresso pelo primeiro quadro, que permite ao garoto a resposta apresentada no terceiro quadro.

Exercício 138

08) as cinco perguntas presentes no texto (referências 1 e 5) produzem uma impressão de colóquio, isto é, de conversa,

ainda que seja uma fala de si para si em um texto escrito.

16) o excerto “Da cama do hospital. A lesma quando passa deixa um rastro prateado. Leiam se forem capazes” (referência 8) constitui uma provocação de Ana Cristina Cesar para que o leitor decifre a natureza do testemunho registrado.

64) marcas textuais presentes no texto e que o caracterizam como pertencente ao gênero diário são: discurso em primeira pessoa, entrada de data, tom intimista e confessional.

Exercício 139

a) era.

Exercício 140

a) a dissertação argumentativa.

Exercício 141

d) ia.

Exercício 142

b) confessou.

Exercício 143

a) Substituindo os termos “corrompendo” e “embaçando” por outros de sentido equivalente, a frase apresentaria a seguinte configuração: “ele [vereador Galvão] obteve uma boa interpretação, subornando os juízes, e enganando os outros herdeiros”.

b) Em discurso indireto e na ordem direta, o trecho apresentaria a seguinte configuração: a mãe do infeliz contava a uma comadre que fora (ou tinha sido) um grande remédio.

Exercício 144

b) “bom português”.